ANA PAULA PRETO RODRIGUES

**O papel das atividades terciárias nos processos de resiliência urbana na rua
Treze de Maio, na cidade de São Paulo**

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor em
Ciências.

Área de Concentração: Planejamento Urbano
e Regional

Orientadora: Profa. Dra. Heliana Comin
Vargas

**EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL SOB
A RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA.**

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 10 de Julho de 2017.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

RApp 646p	Rodrigues, Ana Paula Preto O papel das atividades terciárias nos processos de resiliência urbana na rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo / Ana Paula Preto Rodrigues ; orientadora Heliana Comin Vargas. - São Paulo, 2017. 168 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Planejamento Urbano e Regional 1. Resiliência. 2. Comércio. 3. Serviços. 4. Urbanismo. 5. Resiliência Urbana Comercial. I. Vargas, Heliana Comin, orient. II. Título.
--------------	---

RODRIGUES, A.P.P. O papel das atividades terciárias nos processos de resiliência urbana na rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dra. Heliana Comin Vargas

Instituição: FAU-USP

Julgamento: _____

Prof. Dra. Angélica A. Tanus Benatti Alvim

Instituição: UPM - Externa

Julgamento: _____

Prof. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho

Instituição: USJT - Externa

Julgamento: _____

Prof. Dra. Maria Beatriz Cruz Rufino

Instituição: FAU-USP

Julgamento: _____

Prof. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal

Instituição: UPM - Externa

Julgamento: _____

Aos meus pais Antônio Carlos e Áurea que, dignamente,
me apresentaram à importância da família e ao caminho
da honestidade e persistência.

Aos meus irmãos André e Alexei pelo estímulo e
paciência.

E, em especial, aos meus filhos, Felipe e Ricardo.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Heliana Comin Vargas pela dedicação, paciência e, principalmente pela amizade que foram fundamentais para realizar este trabalho.

Aos meus amigos Edna e Pedro pela amizade incondicional no decorrer deste tema.

Aos meus amigos, já doutores, arquitetos do LABCOM: Fernando Garrefa, Eloisa Ribeiro Rodrigues, Valéria Ferraz e Ricardo Paiva pelos debates e discussões e incentivo sobre o tema.

Epígrafe

Estudando a vida doméstica dos antepassados
sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro
meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro
meio de nos sentirmos nos outros – nos que
viveram antes de nós; e em cuja vida se
antecipou a nossa. É um passado que se
estuda tocando em nervos; um passado que se
emenda com a vida de cada um; uma aventura
de sensibilidade, não apenas um esforço de
pesquisa pelos arquivos.

(Gilberto Freire, Casa Grande & Senzala:
formação da família brasileira sob o regime da
economia patriarcal, 2003, p. 44-45)

RESUMO

RODRIGUES, A.P.P. **O papel das atividades terciárias nos processos de resiliência urbana na rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo.** 168 fls. Tese - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta tese tem como objetivo geral identificar as atividades de comércio e serviços varejistas, que após sofrerem ações de diversas naturezas se mantêm em funcionamento transformando-se ou resistindo. Neste sentido, identificar a existência destas atividades, ou grupo de atividades responsáveis por iniciar, manter, dinamizar áreas urbanas, predominantemente terciárias (comércio e serviços) faz parte do objeto principal desta tese. O conceito de resiliência foi primeiro utilizado pela física e as ciências sociais tomaram este conceito emprestado definindo a resiliência como a capacidade, de um indivíduo ou de uma organização lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas e ultrapassá-las. Nesta direção iniciou-se um percurso por meio das várias definições de resiliência transpondo-as para os espaços da cidade. Para tanto as frentes de investigação, nesta tese, buscaram entender, a partir da história do desenvolvimento da cidade, a dinâmica do setor de comércio e serviços e a existência de elementos catalizadores dessas mudanças observadas nos processos urbanos iniciais e, em transformação. A verificação empírica seja na formação e manutenção de áreas terciárias diversificadas, ou especializadas tiveram como principal estudo de caso a rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo. A identificação destas atividades e seus encadeamentos responsáveis pelos processos de resiliência urbana comercial podem contribuir, sim, na elaboração de políticas públicas para a recuperação de áreas deterioradas. Ao final desta tese foi possível construir um conceito sobre a resiliência urbana comercial, qual seja, “a capacidade que os sistemas de varejo dispõem na direção de interpretar e evoluir/reagir aos diversos acontecimentos da cidade contemporânea, transformando-se e adquirindo subsídios equilibrados para o desenvolvimento urbano regional”.

Palavras-chave: Resiliência. Comércio. Serviços. Urbanismo. Resiliência Urbana Comercial.

ABSTRACT

RODRIGUES, A.P.P. The role of tertiary activities in urban resilience on 13 may Street, in the city of São Paulo. 168 fls. Thesis. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This thesis aims to identify the General activities of trade and services retailers, after suffering several actions still remain in operation becoming or resisting. In this sense, identify the existence of these activities, or group of activities responsible for initiating, maintaining, advancing, predominantly tertiary urban areas (trade and services) is part of the main object of this thesis. The concept of resilience was first used by physics and the social sciences have taken this concept borrowed by setting the resilience as the ability of an individual or an organization to deal with problems, overcome obstacles or withstand the pressure of adverse situations and overcome them. This way began a journey through the various settings of resilience across them for the spaces of the city. For both the research fronts, this thesis, sought to understand, from the history of the development of the city, the dynamics of the trade and services sector and the existence of elements catalysts of these observed changes in procedures and in urban transformation. The empirical verification is in the formation and maintenance of diversified or specialized tertiary areas had as main case study 13 may Street, in the city of São Paulo. The identification of these activities and their threads responsible for urban commercial resilience processes can contribute, Yes, in public policy development for the recovery of damaged areas. At the end of this thesis it was possible to construct a concept on urban resiliency, which is commercial, "the ability of retail systems have to interpret and react to various events/evolve from the contemporary city, transforming and acquiring balanced subsidies for regional urban development".

Keywords: Resilience. Trade. Services. Urbanism. Urban Commercial Resilience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Quadrantes da resiliência urbana	35
Figura 2 -	Quadro conceitual de avaliação da resiliência dos sistemas comerciais urbanos	44
Figura 3 -	Croqui de localização da cidade de São Paulo, em 1560	49
Figura 4 -	Em destaque a chácara do Bexiga (amarelo), e à direita, as chácaras do Barão de Limeira (em rosa) e de Da. Alexandrina (em verde); à esquerda, a chácara do Barão de Ramalho (em roxo), de Martinho Prado (em ocre), seguido da chácara do Capão, do Major Benedito Antônio da Silva (em creme)	50
Figura 5 -	Largo do Piques e ladeira Santo Antônio, em 1862	53
Figura 6 -	Destaca-se a área onde se desenvolveu o Bexiga, junto ao local onde desaguam os afluentes do rio Anhangabaú, o Saracura, o Bexiga e o Itororó. Em rosa , destaca-se uma construção que acredita-se seja a estalagem do Bexiga; à direita, correndo paralelamente ao córrego do Bexiga, o Caminho de Santo Amaro, com destaque em verde para o espaço ocupado pelos lotes e edificações; e abaixo, o Tanque Reúno, localizado no mapa, próximo da igreja da Consolação	56
Figura 7 -	Mostra a descrição da região com destaque para o Largo do Piques e Bexiga (1864)	57
Figura 8 -	O Largo do Piques em meados do século XIX	58
Figura 9 -	Em primeiro plano, o Largo da Memória e a Ladeira do Piques, em direção da Ponte do Lorena, à direita da foto. Em frente à ponte, visualiza-se a confluência das Ladeiras de Santo Antônio, Ouvidor e São Francisco	59
Figura 10 -	Feirinha de antiguidades	62
Figura 11 -	Pontos que se referem à área ocupada pela Chácara do Bexiga: em rosa – lotes das casinhas de Antonio Soares Calheiros e da rua Santo Amaro. Laranja – Matadouro Municipal – entre o caminho de Santo Amaro e Santos. À esquerda da planta, o aglomerado de edificações à margem da rua da Consolação. Em amarelo, os registros feitos por Rath	65
Figura 12 -	Matadouro municipal	66

Figura 13 -	Imigrantes italianos na hospedaria dos imigrantes, em São Paulo	72
Figura 14 -	Casarão do Bixiga estilo calabrês, início do século XX	75
Figura 15 -	Mapa de vendas dos campos do Bixiga 1890 – 12 depois da inauguração do loteamento	83
Figura 16 -	A área ocupada pelo loteamento se concentra entre as ruas Santo Antonio, Major Diogo e Santo Amaro. Os sinais de futura ocupação são representados por linhas tracejadas, denominadas Caminho da Fonte, Monte Alegre e Saracura, todos à esquerda da Rua Santo Antonio	84
Figura 17 -	Desenvolvimento da área urbanizada	85
Figura 18 -	Demarcação dos quarteirões do Bixiga, em 1913	87
Figura 19 -	Rua Treze de Maio em 1900	90
Figura 20 -	Rua Treze de Maio de 1910 a 1920	105
Figura 21 -	Rua Treze de Maio em 1920	110
Figura 22 -	Rua Treze de Maio em 1930	112
Figura 23 -	Mapa do bairro Bela Vista em 2017	118
Figura 24 -	Mapa do bairro do Bixiga, em destaque a rua Treze de Maio, 2017	120
Figura 25 -	Mapa da rua Treze de Maio em 2017	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Propriedades registradas, no largo do Piques, em 1814	54
Tabela 2 -	Propriedades registradas em 1814, rua do Piques	54
Tabela 3 -	Propriedades registradas em 1814, ponte do Lorena	54
Tabela 4 -	Imigração italiana para o Brasil, por períodos	71
Tabela 5 -	Habitantes da cidade de São Paulo, por nacionalidade, 1872, 1886, 1890, 1893 e 1895	73
Tabela 6 -	Percentual por nacionalidade dos negócios no Bairro do Bixiga	92
Tabela 7 -	Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1900 a 1931	94
Tabela 8 -	Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1901 a 1910	102
Tabela 9 -	Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1910 a 1920	103
Tabela 10 -	Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1920 a 1930	106
Tabela 11 -	Atividades produtivas da rua Treze de Maio, na década de 1931.....	111
Tabela 12 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1940 - 2017	121
Tabela 13 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1941/50 - 2017 ..	123
Tabela 14 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1951/60 - 2017 ..	124
Tabela 15 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1961/70 - 2017 ..	126
Tabela 16 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1971/80 - 2017 ..	128
Tabela 17 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1981/90 - 2017 ..	131
Tabela 18 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1991/00 - 2017 ..	133
Tabela 19 -	Atividades terciárias na rua Treze de Maio, 2001/2010-2017 ..	135
Tabela 20 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 2011/ 2017	137
Tabela 21 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1940 a 2017	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Atividades produtivas na Treze de Maio (1900-1931)	96
Gráfico 2 -	Comércio de alimentos – Treze de Maio (1900-1931)	97
Gráfico 3 -	Serviços de alimentação na rua Treze de Maio de 1900-1931	98
Gráfico 4 -	Comércio diversificado na rua Treze de Maio de 1900-1931 ..	99
Gráfico 5 -	Fábricas instaladas na rua Treze de Maio de 1900-1931	100
Gráfico 6 -	Serviços pessoais instalados na rua Treze de Maio 1900-1931.....	100
Gráfico 7 -	Serviços diversificados instalados na rua Treze de Maio de 1900-1931	101
Gráfico 8 -	Atividades terciárias da rua Treze de Maio (1901-1910)	102
Gráfico 9 -	Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1910 a 1920	104
Gráfico 10 -	Atividades produtivas na rua Treze de Maio, no período de 1920 a 1930	108
Gráfico 11 -	Atividades terciárias – rua Treze de Maio de 1940 a 1917	140

LISTA DE SIGLAS

CEP	Código de Endereçamento Postal
CEPA	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada/ Consultoria e Desenvolvimento da Universidade de São Paulo
IPEA	Instituto de Pesquisa Aplicada
PIB	Produto Interno Bruto
TBC	Teatro Brasileiro de Comédia
s.d.	sem data

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Problemática	18
1.2	Justificativa	19
1.3	Objetivos	19
1.4	Hipótese	20
1.5	Metodologia	20
1.6	Estruturação do trabalho	22
2	O CONCEITO DE RESILIÊNCIA E SEUS CAMPOS DISCIPLINARES: DA FÍSICA ÀS ATIVIDADES VAREJISTAS	23
2.1	Na física e engenharia	23
2.2	Nas ciências naturais: ecologia, geografia e biologia	25
2.3	Nas ciências da saúde	27
2.4	Nas ciências econômicas	29
2.5	Resiliência urbana	32
2.6	Resiliência urbana comercial	37
3	ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO BIXIGA: OS POUSOS, OS NEGROS, O MATADOURO E OS ITALIANOS	49
3.1	O papel dos pousos	51
3.2	A presença dos negros	59
3.3	O papel do matadouro	64
3.4	A presença dos italianos	70
3.5	O papel dos cinemas e teatros	78
4	ORIGEM, TRANSFORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA RUA TREZE DE MAIO: UM ESTUDO DE CASO	82
4.1	Construção espacial das relações de comércio do Bixiga	82
4.2	Fundação da rua Treze de Maio	88
4.2.1	Histórico das atividades de comércio a partir de 1900	88

4.2.2	Levantamento das atividades de comércio de 1900 a 1931	92
4.2.3	Atividades terciárias na rua Treze de maio de 1940 – 2017	114
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	148
	WEBGRAFIA	160
	ANEXO A – DÉCIMA URBANA	162

1 INTRODUÇÃO

Compreender como algumas estruturas são capazes de superar uma adversidade, é um dos objetivos investigados pelos estudiosos da resiliência em diversas áreas, entre elas a física, a psicologia, a ecologia e a economia. Nos últimos anos, a ciência tem levantado questões que buscam explicar a capacidade desenvolvida por algumas cadeias ambientais para superar adversidades. O fato é que diante de situações semelhantes alguns sistemas conseguem recuperar o equilíbrio e outros não. Ou seja, novas respostas estão, ainda, a surgir para explicar o real sentido desta transformação e processo.

Para tanto, alguns conceitos estão sendo adotados na arquitetura e urbanismo na direção de explicar e entender os fenômenos transformadores da cidade atual. A resiliência urbana traduz a disposição que a cidade tem de suportar adversidades e passar pelas situações buscando novos caminhos no sentido do desenvolvimento sustentado e equilibrado, constituindo-se em um processo de transformação e adaptação.

Neste sentido para iniciar esta discussão o objetivo central desta tese é explorar e melhor compreender o termo resiliência e os diversos campos interdisciplinares, ressaltando seu significado e aplicações, na arquitetura e urbanismo.

A discussão que se fez presente no decorrer desta tese teve como trajetória a análise de quais são os caminhos para transpor um conceito, ou seja, levar um tema da física para a arquitetura e urbanismo, uma vez que o termo resiliência, primeiramente, foi discutido naquela ciência. O ato de movimentar-se e voltar ao estado original após a deformação do sistema, ainda, é um campo pouco explorado pela ciência.

De acordo com Pacheco (2011, p. 97), “o conceito de resiliência é oportuno para efeitos de análise dos fenômenos recentes na economia e na estrutura funcional dos sistemas comerciais e de consumo em sua relação com o estágio de desenvolvimento das cidades”.

Segundo a autora outro item importante pode ser incorporado ao estudo da resiliência urbana comercial que é a recuperação urbana em áreas degradadas.

A recuperação do uso da rua comercial favorece a reestruturação urbana, portanto reabilita a relação cidade comércio. Neste sentido a resiliência do comércio pode ser fomentada por políticas públicas, apesar de ser um processo inerente à própria atividade econômica (PACHECO, 2011, p. 99)..

Assim, a cidade e sua cadeia de atividades terciárias transformam o comércio e vão moldando-se em suas formas de organização e logística, mudando de *status* o consumo urbano.

A principal problemática da resiliência urbana a ser investigada, nesta tese, foi o fato de que as atividades terciárias se mantêm após uma deformação, ou seja, os espaços de compra resistem às adversidades e momentos de impacto com realidades, muitas vezes, diferentes daquelas do início de sua formação.

Segundo Newton (2014), todas as cidades sejam novas ou antigas, possuem características de adaptabilidade e resiliência sob a face social, tecnológica e ambiental. Entretanto, vive-se em tempos de muitas mudanças sejam nas esferas espaciais ou tecnológicas. As cidades, hoje, estão numa encruzilhada entre como reestruturar-se e manter-se resiliente a alguns cenários, seja de ordem histórica cultural ou econômica. Para no futuro ser mais adaptável, é importante começar a pensar a resiliência como um processo relevante e em movimento dentro dos acontecimentos da cidade contemporânea.

De acordo Burayidi (2013) sobre a resiliência urbana é possível tentar entender que a expansão acelerada e desorganizada diminui a qualidade de vida, e as condições de infraestrutura e equipamentos. Desde o nascimento, até hoje, a cidade foi susceptível a muitas transformações nas atividades terciárias. A evolução do sistema viário, os advenços da economia, o comportamento das pessoas e os novos centros de compras têm causado mudanças no desenho urbano contemporâneo. Assim, conforme Salgueiro (2011), resiliência refere-se ao processo de adaptação a situações que mudam constantemente.

Do processo de resiliência participam vários atores, desde os comerciantes aos consumidores, passando pelos investidores e a administração pública da cidade (Salgueiro, 2011). Ou seja, todos são agentes da resiliência e participam incorporando ações e subsídios para surgimento do processo resiliente.

O estudo da resiliência (adaptação) condiz com o estudo de áreas comerciais. Implica mudança, adaptação e melhoria do comércio, manutenção de status, admitindo novos formatos, até mesmo os *shoppings* verticais ou *shoppings centers* e diferentes ramos de atividade (PACHECO, 2011; GUIMARÃES et al., 2011).

A discussão pretendida com esta tese concentrou no estudo da resiliência de áreas urbanas comerciais que incluíam uma rua principal de comércio e o entorno das cidades em processo de mudanças no espaço e fluxos.

As mudanças dos espaços comerciais foram evidenciadas na evolução urbana, assim, como a metamorfose das áreas centrais. A sustentabilidade entra em questão na medida em que o modelo de sociedade atual requer mudanças no modo de produzir e consumir da cidade, seus recursos urbanísticos e de bens de consumo coletivo, visando minimizar a segregação social arraigada na vida urbana e introduzir formas mais equilibradas de produção e manutenção dos atributos do espaço e de reafirmação da vocação cívica da cidade, recuperando formas de convívio (TOURINHO, 2006).

O poder público mediante competências atribuídas pelo sistema de poderes executivo e legislativo pode influenciar o crescimento das cidades e orientar as mudanças desejáveis, em bairros que dispõem de áreas comerciais. As ações públicas podem injetar vitalidade ao espaço, cabendo ao Estado relacionar-se com os demais agentes (sociedade civil e empresariado), mantendo uma dinâmica favorável às iniciativas inovadoras de gestão urbana, articulando os diversos interesses políticos e econômicos que definem a dinâmica das áreas comerciais e dos bairros, no âmbito das relações interativas entre o fenômeno urbano e o ambiente da cidade.

1.1 Problemática

Diante do exposto duas questões são colocadas no desenho da problemática desta tese:

- 1- Como o varejo se mantém ou não e qual é o elemento motor dentro destes processos de transformação urbana?
- 2- Como se dá a relação com o consumo e o consumidor nos processos de resiliência urbana comercial?

1.2 Justificativa

O consumo é uma categoria de análise muito importante para a arquitetura e que vem se transformando por meio de um sistema integrado de manipulação de signos (BAUDRILLARD, 1972). Desse modo, é criada uma demanda por novos estudos que desenvolvam reflexões sobre os processos sócio-espaciais que se originam a partir dessas mudanças na sociedade de consumo. Segundo Salgueiro (1996), na sociedade atual, os estabelecimentos comerciais transcendem em muito a identidade de simples lugares de compra e venda de mercadorias, e assim o sucesso econômico das lojas se encontra mais ligado ao imaginário e às experiências que são suscetíveis de fornecer aos consumidores do que à natureza dos produtos e serviços comercializados. O que permite diferenciar os estabelecimentos comerciais não é apenas a sua dimensão (grandes ou pequenos), nem o seu porte (cadeias de distribuição ou pequenos comerciantes independentes), mas a sua capacidade em se transformar de espaço de compras a lugares de consumo passando a explorar a hiper-realidade e por meio dela vender sonhos e desejos.

No desenvolvimento desta tese procurou-se demonstrar, a partir dessa justificativa, o pouco conhecimento existente nesta área. A pesquisa fundamentou-se em fatos históricos, visitas *in loco*, depoimentos respaldada no que vem sendo produzido de conhecimento sobre a relação entre espaço, transformações urbanas e a resiliência urbana comercial. Ao final, estudar e analisar a resiliência urbana comercial consiste em compreender o dinamismo dos sistemas comerciais e forças responsáveis pelas suas transformações.

1.3 Objetivos

Identificar as atividades de comércio e serviços varejistas que após sofrerem ações de diversas naturezas se mantêm em funcionamento transformando-se ou resistindo.

Quanto aos objetivos específicos são:

- 1) Entender a existência da capacidade das atividades de comércio e serviços e sua contribuição para a manutenção e vitalidade de áreas urbanas fornecendo subsídios de políticas públicas;
- 2) Estudar e analisar o processo de resiliência das atividades terciárias na rua Treze de Maio, área central da cidade de São Paulo por meio de um estudo de caso.

1.4 Hipótese

Diante disto a hipótese que alimentou esta tese foi a seguinte:

As atividades de comércio e serviços, na sua relação com a cidade, nutrem-se de estratégias próprias e apropriam-se de oportunidades que as capacitam para enfrentar, resistindo e ou transformando-se, as ações que interferem no seu funcionamento e desempenho, com reflexo sobre a dinâmica urbana.

1.5 Metodologia

Essa tese partiu de um levantamento secundário que envolveu uma busca na cartografia da cidade de São Paulo desde o início da formação do bairro do Bixiga/Bela Vista até a sua configuração atual.

Ainda no que tange à pesquisa secundária bibliográfica alguns autores foram essenciais para a fundamentação teórica, entre eles: Júlio Moreno – Memórias do Armandinho do Bixiga (1986); Nádia Marzola – História dos Bairros de São Paulo (1979); Célia Lucena – Bixiga amore mio (1981); Sheila Schneck, tese de doutorado - Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade – 1906-1931 (2016); Jéssica Oliveira Silva – Relatório final de iniciação científica: Ruas comerciais especializadas e a dinâmica da cidade de São Paulo (2013); Heliana Vargas – Espaço terciário: o lugar, arquitetura e a imagem do comércio (2001); Ana Paula Baltazar – Sobre a resiliência dos sistemas urbanos: devem ser resilientes e são

eles realmente sistemas? (2010); David Harvey – A condição pós-moderna (2008); Suzana Pacheco – Comércio de rua e shopping center no bairro do Leblon: um contraponto a favor da resiliência e sustentabilidade; Peter Newton – *Resilient Sustainable Cities* (2014).

Ao final, Jonathan Seckler com as edições do Almanach administrativo, commercial e industrial da Província de São Paulo para os anos de: 1844 a 1940 e a Lista Telefônica de 1955 (Indicador Catalogado de Telefones), constituíram-se nas principais fontes para o levantamento dos dados secundários do período de 1900 a 1931, para construir uma tabela que identificasse as atividades terciárias daquele momento com a seguinte tipologia: comércio de alimentos, serviços de alimentação, comércio diversificado, fábricas, serviços pessoais e serviços diversificados.

O levantamento dos dados primários se desenvolveu da seguinte forma: inicialmente fez-se o mapeamento da configuração atual da rua Treze de Maio (de 2015 a 2017), com todos os estabelecimentos comerciais ali instalados.

Em outubro de 2016 foi aplicado um questionário semiestruturado - simples constituído de três perguntas – nome do estabelecimento – data de inauguração e situação do imóvel – se próprio ou alugado. E, por último, o entrevistado deveria citar três motivos pelos quais permanece na rua Treze de Maio.

Declarações de alguns comerciantes, como o sr. Válter Tavola fundador da praça Dom Orione exemplificaram a importância da cultura italiana naquele contexto, dando destaque para o voluntariado e assistência social por meio das atividades ali desenvolvidas na área de turismo e lazer.

O que resultou desta pesquisa *in loco* foi confrontado com o *Google Maps* e, posteriormente com o Código de Endereçamento Postal (CEP) – cujo objetivo foi identificar os registros oficiais ou não das atividades terciárias ali instaladas, assim como a sua numeração.

Na sequência iniciou-se a confecção das tabelas para posterior análise e entendimento dos registros encontrados. Adotou-se a divisão temporal por décadas para facilitar a visualização e análise. Outra ferramenta utilizada na análise foi a construção de gráficos ano a ano – prospectando a quantidade das atividades terciárias abertas ou fechadas.

1.6 Estruturação do Trabalho

Estruturamos o trabalho em três capítulos além desta Introdução.

Capítulo 2 - **O Conceito de Resiliência e seus Campos Disciplinares**: da física às atividades varejistas – neste capítulo estabeleceu-se um percurso da origem da palavra resiliência e seus campos disciplinares. A inserção do tema Resiliência Urbana foi indispensável para a construção do conceito de Resiliência Urbana Comercial e suas aplicações.

Capítulo 3 - **Elementos constitutivos do Bixiga**: os pousos, os negros, o matadouro, os italianos – com destaque ao papel dos pousos, a presença dos negros, o papel do matadouro a presença dos italianos e o papel dos cinemas e teatros. O objetivo principal deste capítulo foi o levantamento histórico dos elementos que constituíram o bairro do Bixiga/Bela Vista em São Paulo.

Capítulo 4 - **Origem, Transformação e Consolidação da Rua Treze de Maio** - para o entendimento dos processos que envolveram a origem e o desenvolvimento da rua Treze de Maio, suas transformações e manutenção da vitalidade no tempo, fez-se necessário retroceder à sua origem, o que por sua vez remete, imediatamente ao estudo do Bairro de o Bixiga, no qual ela se insere, e do qual é a principal referência.

Nas considerações finais foram apresentados os resultados que identificaram as atividades de comércio e serviços varejistas como alimentação e toda a cadeia de serviços desta categoria, atividades de serviços como hotéis e hospedarias e as atividades de varejo de roupas e utensílios antigos – Brechós e antiquários que, após sofrerem ações de diversas naturezas se mantêm em funcionamento transformando-se ou resistindo, na rua Treze de Maio.

2 O CONCEITO DE RESILIÊNCIA E SEUS CAMPOS DISCIPLINARES: DA FÍSICA ÀS ATIVIDADES VAREJISTAS

A palavra resiliência vem do latim *resilio* e significa saltar, voltar, recuar, fortalecer-se, encontrar-se, romper, transformar-se, ou seja, reconstruir-se de forma assertiva, positiva, encorajando-se depois do momento de infortúnio, mal-estar e infelicidade (MARTINS, 2013). Este significado de origem parece estar presente nas múltiplas definições de resiliência, em diversas áreas do conhecimento, convergindo para a capacidade dos objetos, dos materiais e dos seres vivos de reinventarem-se usando a sua capacidade da transformação.

É com a intenção de discutir o conceito de resiliência aplicado às áreas urbanas, mais precisamente às áreas de usos, predominantemente terciário, que o presente capítulo se desenvolve, pois, a palavra resiliência tem sido utilizada para explicar determinados fenômenos em diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Petrisor et al. (2016), desde que Holling propôs uma teoria geral, aplicável aos complexos sistemas socioecológicos e não apenas aos biossistemas (CHELLERI, 2012), o novo modelo foi usado por muitas disciplinas, incluindo ecologia e paisagismo (MORITZ et al., 2011), psicologia, ciências sociais e econômicas (CHELLERI, 2012), indústria (ASHTON, 2009), agricultura (MATTHEWS; SELMAN, 2006), gestão (MINTZBERG et al, 2004; HAHN et al, 2010; HUBBARD; PAQUET, 2011), desenvolvimento rural (SALVIA; QUARANTA, 2015) ou desenvolvimento urbano (ERNSTON et al., 2010). Além disso, respondendo pela influência da variabilidade espacial na resiliência e vice-versa, Cumming (2011) definiu a 'resiliência espacial'.

2.1 Na Física e Engenharia

Segundo Yunes (2001) foi o inglês Thomas Young quem formulou as primeiras ideias sobre a ação resiliente, em 1807, quando realizou pesquisas sobre a elasticidade dos materiais. O autor descrevia experimentos sobre tensão e

compressão de barras metálicas, buscando a relação entre a força que era aplicada a um corpo e a deformação que esta produzia.

Essa capacidade de um material pode ser ilustrada com, a expansão de um elástico, o qual, quando esticado, acumula energia e volta com força ao estado normal.

A aplicação deste conceito na engenharia conduz à disciplina de resiliência dos materiais, que estuda a capacidade que os materiais têm de absorver energia, sob tração e devolvê-la quando relaxado. Essa dinâmica é importante para desenvolver estruturas de grande porte, como pontes e prédios. Para a engenharia, resiliência é uma característica do aço, material que possui alto limite de escoamento e baixo módulo de elasticidade, portanto, ideal para ser usado como mola em diversas estruturas construídas pelo homem.

Na física e na engenharia, a resiliência é tomada com o mesmo sentido, um material que sofre impacto e volta ao seu estado normal sem nenhuma deformidade depois de cessar a pressão exercida sobre ele (YUNES, 2001).

Esta propriedade de certos materiais tem como princípio a sua elasticidade, conforme descrita pela Lei de Hooke¹ que, também, serve para calcular a deformação causada pela força que é exercida sobre um corpo.

Os corpos perfeitamente rígidos são desconhecidos, ou seja, todos sofrem deformação quando submetidos à ação de forças, entendendo-se por deformação de um corpo, a alteração na forma e/ou dimensões do mesmo. O que difere é que, nos corpos ditos elásticos, a deformidade desaparece com a retirada das forças que a originaram. Já, a natureza plástica de alguns corpos implica na persistência da deformação mesmo após a retirada das forças que a originaram (FENSTER, 2006).

Nestas ciências, a resiliência aproxima-se do conceito de elasticidade de certos materiais quando submetido a determinado evento, ou força, retornando à sua forma original quando dissipada a energia acumulada (FENSTER, 2006).

O conceito de resiliência trabalhado na física e na engenharia assume como possibilidade o retorno às condições anteriores, sendo que nas demais ciências a deformidade, ainda que parcial, tende a ser permanente, aproximando-se mais à natureza plástica dos materiais (YUNES, 2001).

1 Foi formulada em 1678, pelo cientista inglês Robert Hooke. Esta lei diz que o alongamento experimentado por um material elástico (ao ser submetido à ação de uma força deformadora) é diretamente proporcional à força deformadora sempre que a referida força não ultrapasse determinado limite, designado de limite de elasticidade, o qual depende do material em questão.

2.2 Nas Ciências Naturais: ecologia, geografia e biologia

Um conceito pioneiro acerca de a resiliência no âmbito da ecologia está presente no artigo de Holling, em 1973. Para ele, o conceito de resiliência é definido “como a medida da persistência dos sistemas e de sua capacidade em absorver mudanças e perturbações na cadeia ambiental” (HOOLING, 1973, p. 75).

Ao longo desses estudos, Holling (1973) descreve a teoria de sistemas na ecologia e insere as ideias sobre os ciclos e gestão adaptativos, adotando o conceito de adaptabilidade.

Para, Buschbacher (2014), o ciclo adaptativo de Holling representa uma mudança no sentido de interpretar a forma como os sistemas chegam e se mantêm em ponto de equilíbrio, indicando, ainda, que este equilíbrio é transitório. Mesmo que o sistema mantenha-se imutável por muito tempo, seu colapso e reorganização são inevitáveis e podem acontecer a qualquer momento.

A análise de Buschbacher (2014), por sua vez, refere-se à resiliência na ecologia, como a aptidão que um determinado sistema tem que lhe permite recuperar o **equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação**. De qualquer forma, a recuperação do equilíbrio não significa o retorno ao estado anterior do sistema, e sim ao equilíbrio de seu funcionamento, exigindo, portanto, uma adaptabilidade.

Segundo Souza (1973, p. 76), a adaptabilidade é vista como uma "aptidão, inerente a numerosas espécies, de viver em condições de ambiente diferentes daquelas de sua ocorrência natural".

Sistemas complexos – sociais ou tecnológicos – são “abertos” (ou seja, é irreal pensar em alterar uma variável de cada vez, pois a alteração de uma variável implica, inevitavelmente, nas modificações de outras) e, portanto, é impossível fazer observações generalizáveis e replicáveis sobre esses sistemas usando a metodologia tradicional (BUSCHBACHER, 2014, p. 13).

Esses autores concluíram que os sistemas têm a propensão de produzir ordem e estrutura, no entanto, suas trajetórias exatas não são predeterminadas. Neste sentido, os autores da ecologia assumem a natureza plástica dos sistemas, onde há deformação e a recuperação do equilíbrio como capacidade de resiliência, a qual pode ser entendida como a capacidade de adaptação ou possibilidade de recuperação.

A essência da função e a estrutura dos sistemas, após sofrer distúrbios decorrentes de catástrofes, terremotos, queimadas, e se reorganizarem, é o que define a resiliência dos sistemas (WALKER, 2004).

Uma pesquisa desenvolvida, no ano de 2011, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada/Consultoria e Desenvolvimento de Materiais (CEPA) da Universidade de São Paulo, sobre conservação e restauração de ecossistemas; buscou definir mais precisamente os significados das palavras “resistência” e “resiliência”. De acordo com o estudo resistência é a capacidade de um sistema suportar variações quando submetido a uma alteração ambiental. Já a resiliência é a capacidade de um sistema retornar à sua condição inicial após uma modificação; assim sendo, na área da ecologia a resiliência é medida em função do tempo que o ambiente demora a retornar à situação de equilíbrio que tinha inicialmente (HOLLING, 2001).

De certo modo, “resiliência é uma síntese entre estabilidade e dinâmica, integrando as ideias de mudança e limites” (BUSCHBACHER, 2014, p. 18). O entendimento desse conceito demanda, ainda, um discernimento entre o “estado” do sistema e de seu “regime”: “Estado refere-se às condições específicas em um dado momento, enquanto que regime refere-se às características gerais de estrutura e função do sistema”. Sendo que um sistema resiliente muda seu estado constantemente, no entanto, estas mudanças ocorrem dentro de um mesmo regime.

Deve-se compreender que ser “resiliente” não é obrigatoriamente um atributo positivo, por exemplo, uma “armadilha da pobreza” representa um sistema resiliente, porém, negativo. Nessa situação, uma mudança de regime seria positiva. O termo que se adota para mudança de regime, neste caso, é “transformação” (HOLLING; GUNDERSON, 2002).

Desta forma os sistemas menos resilientes são os que demoram mais tempo para retornar ao estágio inicial. Na teoria de Holling (1973), este conceito é validado no momento em que a pesquisa explica que o equilíbrio em sistemas ecológicos é válido apenas em escalas limitadas de tempo e espaço e alerta para mudanças não lineares que, também, ocorrem em sistemas ecológicos de acordo com estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014).

Neste contexto, é interessante observar a noção de equilíbrio como parte do conceito de resiliência, o que não, necessariamente, significa voltar à situação anterior, como no caso das áreas urbanas, onde é comumente observado. A

introdução do quesito tempo, também, pode ser parâmetro de análise das áreas urbanas em transformação.

Quanto ao conceito de sistemas socioecológicos e biológico-geográficos Buschbacher (2014) afirma que eles evidenciam a relevância da integração da gestão dos recursos naturais com as pessoas, indicando a imprevisibilidade das respostas dos sistemas.

2.3 Nas Ciências da Saúde

No campo das ciências da saúde, de acordo com Martins (2013), o cientista Gayton, no ano de 1977, foi um dos primeiros pesquisadores a usar o termo resiliência. Em seus estudos, verificou que havia pessoas que haviam sofrido traumas agudos ou prolongados, considerados de risco para o desenvolvimento de doenças físicas e psíquicas, mas que não adoeciam como esperado.

Especificamente na medicina, a resiliência é a capacidade que um organismo tem de resistir, por si próprio, ou por medicamentos a uma doença, infecção ou intervenção, recuperando-se de forma positiva, saindo fortalecido em múltiplos aspectos depois de algum acidente ou trauma. Um doente resiliente é aquele que tem condições de administrar suas emoções, compreender sua situação vigente e ressignificar o seu sentido de vida diante da dura experiência (MARTINS, 2013). Nestas condições, a capacidade de adaptação assume uma condição proativa, no sentido de que o ambiente continua o mesmo e a transformação é do indivíduo.

Na psicologia, de acordo com Grotberg (2005), a resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, o grupo ou a comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou, até mesmo transformada, porém, não ilesa. Em outras palavras, a capacidade de uma pessoa lidar com seus próprios problemas, vencer obstáculos e não ceder à pressão.

As formas positivas de conduta e superação de indivíduos, sozinhos ou em grupos, apesar de viverem em condições adversas, motivaram e deram origem ao desenvolvimento de pesquisas no campo das ciências sociais.

Desta forma, a psicologia apropria-se do termo ao identificar que o movimento resiliente e dinâmico está presente no comportamento humano de algumas pessoas. A resiliência passa a referir-se à superação de uma ou várias situações de adversidade, em que há um crescimento depois do enfrentamento de situações adversas. Nesta direção, Yunes (2001), coloca a resiliência como um conjunto de processos na vida que possibilita a superação de adversidades, sem que isso se traduza em invulnerabilidade.

A partir de uma pesquisa quantitativa realizada no desenvolvimento de sua tese em Psicologia Clínica, Barbosa (2006, p. 80) conceitua a resiliência como uma capacidade pessoal de transcender obstáculos, embates, conflitos e adversidades inesperados, estruturada por crenças determinantes, que a pessoa organiza desde tenra idade.

O significado de cada fator é importante para compreender essa condição. Conforme Barbosa (2006), os fatores componentes da resiliência são: o autocontrole, que seria a capacidade de se conter emocionalmente diante do novo; a leitura corporal, que se compreende como a capacidade de organizar-se do sistema nervoso ao muscular, adaptando-se aos estímulos do ambiente; o otimismo para com a vida, como sendo a capacidade de acreditar que as pretensões terão êxito; a análise do contexto, que se caracteriza por possibilitar a percepção e a compreensão das diversas relações presentes no ambiente; a empatia, que se constitui na capacidade que o indivíduo possui de se perceber no contexto do outro; a autoconfiança, que representa a crença na eficácia das ações propostas; conquistar e manter pessoas, que é a capacidade de se relacionar com o outro e preservar o relacionamento; e sentido de vida, que se fundamenta na fixação em algo central que norteará as ações.

Segundo Martins (2013), a resiliência é um processo que ocorre na espécie humana que possui uma linguagem e um conjunto de valores e princípios que são reflexo de sua cultura. A base da teoria de Darwin (1859) é importante para o estudo da resiliência, porém, nela devem ser desconsiderados os aspectos que favoreçam a ideia do determinismo, em que haveria pessoas ou grupos predestinados a não recuperação depois de uma adversidade, pessoas fadadas ao não sucesso. Deste modo o conceito de processo continua a percorrer a exploração dos conceitos da resiliência.

Barlach (2005) estuda e descreve as relações entre o ambiente e comportamentos inatos. Para a autora: na história da humanidade, os grandes resilientes foram justamente aqueles homens e mulheres que se propuseram a mudar a sociedade e a cultura em que viviam, assumindo em si mesmos a tarefa de plasmar na sociedade seus próprios valores e ambições de transformação. Resiliente é quem não se resigna a reproduzir as condições existentes; sua ambição cria o imaginário de uma mudança possível e isto já o modifica como indivíduo e, por sua vez, causa impacto sobre o grupo imediato e assinala os comportamentos práticos para enfrentar a adversidade e suas imposições. O sujeito resiliente não é um adaptado e, menos ainda, um inadaptado; é um sujeito crítico de sua situação existencial, capaz de apropriar-se dos valores e significados de sua cultura que melhor sirvam à realização de seu próprio anseio ou ambição.

Neste caso, a resiliência assume o desejo da mudança da sociedade e não a adaptação do indivíduo (VARGAS, 2016).

2.4 Nas Ciências Econômicas

No âmbito das ciências econômicas podem ser feitas duas análises distintas no que se refere à resiliência. A primeira delas refere-se à capacidade de resiliência do seu principal elemento constituinte, o capital. A segunda refere-se ao desenvolvimento econômico que incorpora a sociedade objeto de atuação do capital, e que conduz à noção de desenvolvimento e sustentabilidade.

No caso do sistema capitalista, este tem se mostrado resiliente às crises, absorvendo-as e fortalecendo-se, mantendo as relações sociais de produção (LEFEBVRE, 1991). Pois, o termo resiliência refere-se à capacidade que os sistemas da cadeia produtiva de uma região possuem para absorver os impactos sejam políticos, econômicos ou sociais (LEBEL, 2006).

Num segundo momento, ampliando a visão do conceito de resiliência econômica (LAMBIN, 2005), ao incorporar uma abordagem conceitual integrada, colaborativa, interdisciplinar conduz o conceito para trajetórias de desenvolvimento mais sustentáveis.

Assim, estudar a resiliência na economia pode ser vista como avaliar a capacidade adaptativa dos sistemas no caminho do equilíbrio e sustentabilidade. (LEBEL, 2006). Indica que quanto mais resiliente aos impactos uma a região se apresenta, mais fácil ocorre a adaptação às mudanças. Desta forma o desenvolvimento regional sustentável da cadeia elege o termo resiliência para entender as diversas transformações e a capacidade de adaptabilidade.

Na opinião de Martin (2011) deve-se considerar pelo menos quatro dimensões para estudar resiliência econômica, ainda que em âmbito regional, aos choques impostos por períodos de recessão. Eles consideram para o efeito, a resistência, a recuperação, a renovação e a reorientação. Conceitos estes também trabalhados no caso urbano.

Na mesma direção do conceito de resiliência voltado à questão do desenvolvimento, Santos (2009), considera que ela depende da acumulação de capital social como recurso, e da aprendizagem social como processo, que juntos possibilitam a uma sociedade ou comunidade obter maior capacidade de ajustamento à nova realidade.

Se desenvolvimento pressupõe esta capacidade da sociedade de se transformar, assumindo também uma função social significativa que é a promoção do bem-estar social, incluem-se aí, além da questão do crescimento da economia outras variáveis. Entre aquelas propostas por Santos et al. (2012) e que se relacionam diretamente ao objeto de análise, a resiliência, destacam-se:

- o desenvolvimento representa uma estratégia de reprodução do capital e de controle social, cuja finalidade consiste em reparar distorções econômicas, políticas e sociais do sistema capitalista;
- o desenvolvimento representa uma transformação nas formas convencionais de pensar e agir, as relações sociais de produção, distribuição e consumo numa determinada sociedade;
- o desenvolvimento é um termo multidimensional e interdisciplinar, portanto, não pode ser medido apenas na perspectiva de uma única dimensão – a econômica – representada pelo Produto Interno Bruto (PIB) e todos os indicadores derivados deste. Necessita-se de outra unidade de medida para expressar o caráter multidimensional e interdisciplinar do termo;

- o desenvolvimento demanda uma gestão participativa, em que a sociedade, a comunidade, a família e o indivíduo sejam protagonistas e não espectadores da ação do Mercado ou do Estado.

Caminhando para o desenvolvimento sustentável, Lebel et al. (2006, p. 19), indica que a sustentabilidade da sociedade envolve resiliência estratégica, a qual não se refere apenas à capacidade de suportar perturbações sem colapsar, é antes a capacidade de planejar e gerir essa adaptação no longo prazo. “Construir capacidades adaptativas para que as sociedades sejam resilientes é crítico para perseguir os objetivos do desenvolvimento sustentável”. Assim, sociedades resilientes incluem como um dos seus requisitos, a capacidade de planejar e gerir.

Sachs (2002) vai discutir, ainda, o fato de que o modelo de sociedade atual requer mudanças no modo de produzir e consumir a cidade, seus recursos urbanísticos e de bens de consumo coletivo, visando minimizar a segregação social arraigada na vida urbana e introduzir formas mais equilibradas de produção e manutenção dos atributos do espaço e de reafirmação da vocação cívica da cidade, recuperando formas de convívio. O que a nosso ver, exige transformação.

Pensar sobre desenvolvimento sustentável, de certa forma, se assemelha ao conceito de resiliência que estamos perseguindo, uma vez que o território global é marcado por tantas crises e reestruturações no seu sistema. Para Santos, (2008), o estudo da resiliência sob a visão de desenvolvimento deve ser ampliada no sentido de entender as formas de aumentar a resiliência de uma determinada economia

O espaço, por sua vez, desempenha um papel ativo na construção das relações ao assegurar a dinâmica do capital, de tal maneira que sociedades com modos de produção distintos terão características diferentes, originadas a partir das relações sociais estabelecidas em seus respectivos espaços (LIMA; SIMÕES; MONTE-MÓR, 2014).

Neste sentido, o espaço urbano seria, então, um fiel retrato das contradições do sistema capitalista que também oferece capacidades de resistência e transformação onde o conceito de resiliência urbana tem lugar.

E como bem pontua (LEFEBVRE, 2008, p. 58), “O espaço não é uma consequência do capitalismo, mas um instrumento de controle para ajudar no funcionamento do capitalismo e a manter o *status quo*, ou seja, um instrumento para resiliência”.

2.5 Resiliência Urbana

É importante iniciar mencionando que quando se fala em urbano, os autores que tem trabalhado a resiliência urbana referem-se a sistemas urbanos. Nesta direção Exline, Peter e Larkin (1982), indicam a existência de dois outros subsistemas: um físico e outro cultural, o que vai dificultar ainda mais o estabelecimento do conceito de resiliência.

Nesta direção Rocha (2012) entende que o sistema urbano se constitui de elementos que interagem e podem ser agrupados em estruturas econômicas, sociais e ambientais, que originam e dão origem a uma arquitetura espontânea de relações. O resultado de cada um dos elementos não advém das condições que guardam em si mesmo, mas, das interações que desenvolve com os demais elementos. Assumindo o conceito de sistemas urbanos, Holling (1973), define a resiliência urbana como a medida da persistência dos sistemas urbanos e de sua capacidade em absorver mudanças e perturbações e, ainda, assim sustentar as mesmas relações entre as populações ou variações de estado².

Assim, um sistema urbano resiliente é formado pela interação dinâmica entre as forças determinísticas e eventos aleatórios, fatores culturais e ação humana, caminhos lineares e contingência. Tal heterogeneidade e variabilidade permitem aos sistemas resilientes absorver choques imprevistos, se adaptando e evoluindo, continuamente, de forma a resistir ao colapso.

Schlappa e Neill (2013) propõem, por sua vez, uma versão do ciclo adaptativo de Holling para os sistemas urbanos, Na verdade uma versão do modelo proposto inicialmente por Mintzberg et al. (2009) adaptado para as cidades, cuja corrente considera que as comunidades, as cidades, as regiões não se regem por processos de desenvolvimento lineares e previsíveis, ao contrário, enfrentam “processos de mudanças contínuos e cíclicos” (MINTZBERG et., 2009, p. 342).

Este Modelo de Schlappa e Neil (2013), que substituiu a proposta anterior de Ianoş et al., (2011) que também estava tentando adequar o Ciclo adaptativo de Holling à dinâmica urbana, embora reconhecendo que o retorno a um estado

2 Para Baltazar, (2010). A resiliência não é benéfica enquanto uma característica da vida urbana planejada encarada como um ‘sistema’ que se recupera rapidamente da crise, retornando ao seu estado original . A única forma em que a resiliência pode ser bem-vinda é quando observada como força de caráter de indivíduos e pequenos grupos para manter sua opinião, na produção do espaço.

anterior traria de volta a cidade histórica, a vê de uma forma "renovada" ou "reinventada" ou seja qualitativamente diferente. A solução encontrada foi um modelo em espiral, cuja primeira fase é a transformação dos sistemas naturais em assentamentos rurais, através da concentração de população devido à existência de recursos ou vantagens da localização geográfica. O antigo assentamento rural se transforma, através da destruição criativa, em um assentamento urbano. A maturidade é alcançada por meio do desenvolvimento urbano. As restrições (ambientais) internas e externas resultam em uma reconfiguração permanente da cidade (SCHLAPPA; NEILL, 2013).

Partindo desta perspectiva, pode-se, também analisar até que ponto o funcionamento da cidade a aproxima mais da resiliência, ou da vulnerabilidade (IDRUS *et al.*, 2008),

Independentemente de emergirem como dois lados de uma mesma moeda, vulnerabilidade e resiliência trazem noções diferentes. Vulnerabilidade tanto pode ser vista como oposto de resiliência ou como constituinte desta. Resiliência associa a natureza da capacidade de resposta do sistema, mais fundamentada na elasticidade (permite recuperar em face de uma crise), flexibilidade (permanência de funções chaves do sistema urbano em contexto de crise) e transformação (deslocamento para um modelo diferente sempre que seja necessário). Já vulnerabilidade associa-se à concepção de suscetibilidade do sistema (caracteriza o seu estado) ou de qualquer um dos seus constituintes a pressões externas nocivas (SEELIGER; TUROK, 2013).

Quanto se discute o conceito de vulnerabilidade no âmbito da resiliência urbana outros elementos passam a ser considerados, conduzindo aos processos de gestão e planejamento dos núcleos urbanos e remetendo a discussão para o âmbito do conceito de cidades resilientes para além da resiliência urbana.

Gonçalves (2014), parte da premissa que o nível de resiliência (ou de vulnerabilidade) dos sistemas urbanos resulta dos princípios que nortearam o processo de urbanização palpáveis nas configurações sociais, econômicas, morfológicas e de governança. Também cita Salat e Bourdic (2012,c) os quais consideram que a resiliência do espaço urbano demanda critérios que sustentem um paradigma de facilitação da auto-organização, uma metodologia de espontaneidade e de informalidade na expansão urbana. “A cidade é ela própria um

paradigma dos desafios que se colocam à sociedade, porque é nela que se cristalizam as maiores patologias do nosso tempo” (GONÇALVES, 2014, p. 135).

Ainda na questão da vulnerabilidade, a capacidade de a comunidade reagir relaciona-se à existência dos recursos de que dispõem para desencadear adaptabilidade. Que na opinião de Dabson et al. (2012) não são apenas recursos financeiros, mas, também humanos. A trajetória materializa-se em quatro posições diferentes que podem ser assumidas, pós-crise: resistência, recuperação, resiliência e disfuncionalidade prolongada. Os resultados podem se apresentar de três diferentes tipos: a comunidade permanece presa numa situação crítica por um longo período de tempo; estabelece-se em torno de um novo modelo, ou retoma a configuração pré-crise (DABSON et al., 2012).

Segundo Dabson et al. (2012) quando uma comunidade apresenta recursos que lhe permitem lidar com uma situação de crise, de forma a que não se verifiquem perdas nas suas funções, quer dizer que o seu ponto de partida lhe possibilitou resistir a esse tipo, escala e intensidade de crise. Se a mesma crise atinge outra comunidade, na qual ultrapassa a sua capacidade de resistir, ela entra em um ciclo de erosão das suas funcionalidades. A categoria da próxima fase está intimamente ligada à solidez dos recursos que aquela comunidade tem. Uma comunidade com alta resiliência antecipa ou consegue abrandar as ameaças e desenvolve uma visão de futuro que coloca a resiliência como prioridade, gerando uma estrutura de planejamento que deixa em aberto caminhos de recuperação, permitindo-lhe num curto período de tempo resgatar as funções principais e desencadear um percurso condizente a uma “nova normalidade”.

Uma região, assim como uma cidade, ou uma comunidade resiliente apresenta um modelo de planejamento que pressupõe mudanças graduais e continuadas, amplia oportunidades para todos os grupos etários e sociais, define e consolida uma rede de conectividades, internaliza na sua matriz socioeconômica ferramentas de aprendizagem que previnam ou inovem a partir dos erros e posiciona-se de modo a integrar sistemas territoriais que potenciem interações em variadas escalas.

A *Resilience Initiative for Transiting Urban Systems Towards Sustainable Futures* propôs um quadro de referência para se investigar a resiliência de sistemas urbanos e sugere uma perspectiva multi-nível, organizada em quatro temas (Figura 1): (i) fluxos metabólicos; (ii) dinâmicas sociais; (iii) estruturas de governança; e (iv)

ambientes construídos. É no centro dos quatro círculos de pesquisa que se posiciona a ideia de resiliência urbana.

Figura 1 – Quadrantes da resiliência urbana

Fonte: Resilience Alliance (2007, p. 10)

Há uma convergência na literatura, no que se refere à noção de que a vulnerabilidade de qualquer sistema, em qualquer escala é o reflexo, ou função, da exposição e sensibilidade do sistema a condições perigosas, e da capacidade de o sistema para lidar, se adaptar ou se recuperar dos efeitos desses eventos (IPCC, 2007).

A resiliência volta-se para a percepção da capacidade de resposta frente a crises naturais e tecnológicas. Conciliar a capacidade de resposta imediata com atuações direcionadas para a reabilitação de longo prazo que possibilitem a recuperação das condições socioeconômicas é uma característica que direciona a construção da resiliência (TOBIN, 1999).

Segundo a análise realizada por Folke et al. (2002) os sistemas de atuação da resiliência urbana possuem uma inter-relação entre as ações sociais, econômicas e políticas liderados/ gerenciados pelo poder público; sob esta óptica o entendimento de uma gestão participativa e integrada torna os processos de resiliência urbana

mais dinâmicos e sustentáveis. A resposta é clara, onde ocorre a participação e envolvimento dos processos da cadeia, os atores são mais resilientes.

Dentro desta análise o estudo da resiliência urbana concebe a habilidade de gerir o sistema ambiental, absorvendo distúrbios e reorganizando a estrutura da cidade contemporânea na direção da sustentabilidade dos sistemas alcançando o equilíbrio.

Ballard-Rosa (2010, p. 176) conceitua cidade resiliente e valoriza a “interface entre o ambiente natural e construído (materialidades), entre o fluxo de pessoas e mercadorias (mobilidades), mas, também, entre representações espaciais incompatíveis (memórias) e as centralizações de poder (divisão/segregação). Trata-se de um conceito relevante visto que ele identifica as quatro dimensões do funcionamento urbano (estruturas, fluxos, representações e relações de poder). Do embate dessas forças surge a evidência de que a cidade é um palco de contrastes e constantes transformações.

A resiliência urbana não se atém à função de resposta a perturbações, corporizada na capacidade de recuperar do impacto de fenômenos extremos. As competências no contexto da resiliência, das quais se destacam a flexibilidade para conviver com o inesperado e a adaptação, são elementos vitais para o futuro das cidades. A concepção de que as cidades estão sujeitas a pressões constantes que, acumuladas, podem provocar rupturas é o ápice na abordagem da resiliência dos espaços urbanos (HOLLING, 2001).

Finalmente de acordo com Silva (2014), a resiliência urbana é a capacidade que uma cidade tem de resistir, absorver, adaptar-se e recuperar-se da exposição às ameaças, produzindo efeitos de maneira oportuna e eficiente, o que inclui a preservação e restauração de suas estruturas e funções básicas, num processo vinculado aos conceitos dinâmicos de desenvolvimento urbano. O que a nosso ver também promove uma transformação.

E no caso das cidades ou áreas urbanas, esta capacidade de reação e transformação/regeneração relaciona-se à capacidade de organização da sociedade em pauta e dos recursos humanos, técnicos e financeiros a sua disposição.

2.6 Resiliência Urbana Comercial

O conceito de “resiliência” é imprescindível para se compreender os processos de transformação em curso na área central das cidades e a produção do espaço pelos agentes sociais, na direção do entendimento dos processos regenerativos da estrutura da cadeia comercial varejista. Nos últimos 25 anos do século XX, o imaginário coletivo tem demonstrado inquietação quanto à ideia relacionada ao centro da cidade por causa da fragilidade oriunda da degradação, muitas vezes, não identificada, mas, que é denotada em todos os cantos do mundo, em países desenvolvidos ou em desenvolvimento.

Alguns fatores repercutem na dimensão das centralidades: a popularização da área comercial, a insuficiência ou a inadequação do planejamento do comércio urbano, entre outros. É certo que inexistem ações políticas, econômicas e sociais que ajudem na superação das crises de espaço central e na reabilitação de zonas sujeitas à insolvência (PACHECO, 2012).

Gasnier (2011) faz uma análise sobre o crescimento das cidades e da periferia após a Segunda Guerra Mundial. Foram muitas as requalificações, enquadramentos de trânsito e até operações urbanas. O crescimento demográfico e a urbanização desenvolveram o que os franceses chamam de áreas policentrais (longe do centro). Estas tiveram uma influência direta na forma que as pessoas consomem seus produtos e serviços. Ou seja, a localização fácil e rápida de consumir estes produtos levou o francês a entender que poderia abastecer-se perto de casa ou do trabalho. Esta mudança também retrata e é demonstrada pela pesquisa, a força do transporte no desenvolvimento do comércio. Vários supermercados começaram a surgir perto das estações de trens e com isto um novo formato de varejo foi incorporado nas cidades francesas. Por outro lado, o comércio da área central teve que buscar subsídios resilientes para incorporar esta nova forma de atuação. Assim, também, o comércio central obteve políticas públicas que fomentaram o desenvolvimento do varejo em áreas que possivelmente estariam degradadas caso o governo não interviesse. O que se observa nas áreas centrais das cidades francesas é um comércio que resistiu e ressurgiu se não com as mesmas características; e ou com outras formas de atuação atendendo o turismo que hoje em dia é uma das principais fontes de renda do governo francês.

No contexto das políticas públicas, as políticas urbanas são aquelas, particularmente voltadas para os processos de produção, reprodução, transformação e apropriação do ambiente construído, inclusive as infraestruturas e estruturas físicas, os serviços e equipamentos urbanos, sua localização relativa no território e as práticas sociais aos quais se articulam e dos quais não podem ser separadas (ALVIM et al., 2007).

[...] são estabelecidos com os processos sociais, políticos, econômicos, culturais nos quais o território urbanizado, a urbanizar ou a reurbanizar desempenha um papel central constituem, portanto, o aspecto distintivo das políticas urbanas. Embora a dimensão espacial representada principalmente pela abrangência da escala de atuação seja um aspecto importante de toda a política pública, as políticas urbanas distinguem-se pelo fato de seus efeitos provocarem transformações na estrutura do ambiente construído (ALVIM et al., 2007, p. 70).

Estudos que analisaram experiências contemporâneas de revitalização de áreas centrais mostraram que as operações de requalificação comercial e recreativa demandam interação espacial e social. Essa questão foi discutida, também, por Reis (2010, v. 1, p. 48):

O primeiro passo para a integração entre os novos bairros, então periféricos, foi dado por João Teodoro, presidente da província entre 1872 e 1875, como a abertura de uma série de ruas conectadas entre si, formando o que alguns autores consideram como um anel ao redor da cidade. O conjunto era formado pela Rua Formosa, aberta em 1875, que fazia ligação entre a Rua de São João e a Ladeira do Piques, seguindo pela Rua Riachuelo (aberta entre 1867 e 1868), passava pelo Largo de São Gonçalo, seguia pela Rua de Tabatinguera até a Várzea do Carmo, passava pela Rua 25 de Março (aberta e completada em 1869) seguindo em um trecho da Rua Anhangabaú, por onde se chegava à Rua Florêncio de Abreu.

Sendo mais bem analisada no decorrer deste trabalho.

A resiliência pode apresentar aspectos e intensidades variados, no entanto, é um sintoma peculiar de situações de crises e impasses conjunturais que devem ser ultrapassados, políticas de resiliência devem olhar com atenção para a relação entre os lugares da cidade (GASNIER et al., 2011).

Para que ocorra o processo de resiliência em espaços centrais acredita-se que exista uma conexão simultânea entre os atores envolvidos nos processos de requalificação/revitalização/reapropriação em variadas partes da cidade, respeitando sua funcionalidade e diversidade ou sociabilidade desejadas para a cidade (GASNIER et al., 2011; JACOBS, 2000). Tomando como exemplo a área comercial

implica variedade de preços, consumidores e de horas de funcionamento (GUIMARÃES et al., 2011).

Estão inseridas no estudo da resiliência as relações que ocorrem entre a área comercial e a cidade, isto é, a comunicação e o convívio entre as pessoas em um determinado espaço (CORRÊA, 1997). Sendo que o significado da palavra comércio refere-se a troca de ideias, opiniões e sentimentos (VARGAS, 2016).

O estudo da resiliência ajusta-se à análise de áreas comerciais. Demanda mudança, adaptação e melhoria do comércio: manutenção de status, reconhecendo novos formatos (PACHECO, 2011; GUIMARÃES et al., 2011).

Neste sentido, Rousseau (2008) citou Henri Pirenne, segundo o qual com a intensificação do comércio ocorre uma demanda por locais físicos que possibilitassem o encontro entre vendedores e compradores, dando origem às primeiras lojas retalhistas.

Autores como Cachinho (1994), Barata Salgueiro (1995) e Corrêa (2000), entre outros, apontam o comércio como um dos agentes responsáveis pelo desenvolvimento e transformação da estrutura do espaço urbano. Ao passo que ocorrem mudanças na dinâmica das atividades comerciais, estas resultam em modificações nas variadas áreas da cidade. O comércio varejista interfere na dinâmica urbana e nas características do tecido da cidade, reproduzindo formas, funções, desenvolvimento e, até mesmo a inércia de determinados espaços (LIMA FILHO, 1975).

O comércio remete ao centro da cidade, pois, desde os primórdios os mercados e as feiras, as instituições religiosas, políticas e culturais eram instalados nos centros, por essa razão, representa a célula originária do tecido urbano, sendo capaz de congrega as áreas mais ativas e sua face mais contraditória, com certa inatividade. Configura-se em um conjunto complexo de aspectos diferenciados, resultante da atuação de forças interdependentes próprias da dinâmica e dos processos de re(estruturação) urbana (MOTTER; ALVES, 2016).

De acordo com Salgueiro (2011), o comércio é um ofício humano muito antigo: ora é inovador, ora fica estático e declina, demandando reação e adaptação.

O comércio ajuda no arranjo territorial das cidades, assim como para a consolidação do tecido social, estimulando a vida humana. É um dos componentes do turismo, para ilustrar toma-se o centro histórico do Rio de Janeiro com a chegada de navios de cruzeiro; pois é usual ver a Confeitaria Colombo repleta de turistas

brasileiros e estrangeiros fotografando o ambiente maravilhoso e degustando as guloseimas oferecidas. Ripol (2000) destaca a função social do comércio desde o abastecimento, os cidadãos compram e consomem bens e serviços. O ato da compra envolve experiências e atitudes que expressam as relações sociais.

Desta forma a cidade e sua cadeia de atividades terciárias transformam o comércio e vão moldando-se em suas formas de organização e logística, mudando de status o consumo urbano.

Segundo Vargas (2001, p. 290):

[...] A mudança do perfil demográfico e dos valores, o surgimento de novos produtos, a tendência de fusão de grandes companhias, a sofisticação da tecnologia da informação e comunicação e a grande concorrência existente no setor, como mostrado anteriormente, têm afetado significativamente o desenvolvimento varejista. [...]

Assim, explicar e entender as mudanças uma vez que estas atingem o desenvolvimento varejista é importante para desenvolvimento de políticas públicas que incorporem estas transformações. Sabe-se que as empresas do setor terciário da economia urbana têm um papel efetivo na produção do espaço. Os comerciantes são os atores principais na política de resiliência, no que concerne à sua conexão com a construção do espaço. Destaca-se no que se refere à reprodução do espaço como mercadoria, produzindo contradições entre valor de troca e valor de uso, com novos atores e novos conteúdos da urbanização que articula mundo e lugar, em condições de homogeneidade e fragmentação (CARLOS et al., 2011).

Resgatando o conceito de resiliência, conforme Salgueiro (2011, p. 40) “resiliência expressa-se na habilidade de enfrentar situações críticas por meio de ações que tendem a recolocar a funcionalidade de serviços individuais ou uma área comercial”. Deve-se ponderar sobre a dinâmica de um sistema comercial, sua transformação constante, a evolução do local, o planejamento e, ainda, de que forma a atuação dos atores poderá contribuir ao nível local (SALGUEIRO, 2011, p. 30).

No processo de resiliência atuam vários atores, desde os comerciantes aos consumidores, seguido dos investidores, assim como, da administração pública da cidade. O sucesso ou o fracasso do comércio varejista é inerente ao conhecimento desses atores. Segundo Salgueiro (2011, p. 35):

A circunstância de que marginalidade e insegurança do espaço público denotam fragilidade, ao passo que concentração e diversificação de oferta de bens e serviços, assim como amenidades (oferta de lazer cultural para turistas), lojas âncoras, alta densidade de ocupação do espaço, ausência de vazios intersticiais e acessibilidade favorecem a dinâmica exitosa da área central da cidade.

O grande evento do comércio é relacionado através das diferentes relações sociais estabelecidas com este lugar. Desta forma a diversidade existente entre os pequenos, os médios e até as grandes redes traz para a cadeia varejista com políticas públicas urbanas claras, o tão esperado equilíbrio entre essas relações de comércio. Nenhum consumidor se mantém fiel à cor, ao modelo, ao tecido, até mesmo nas atividades relacionadas à gastronomia. É o consumidor que exerce e estabelece quais serão essas diferenças e em que momento da sua própria vida elas serão modificadas ou transformadas.

Desta forma pode ser contextualizado o tema resiliência no que refere à sua relação com a cidade e com a produção do espaço urbano, uma vez que consiste na decisão de planejadores e técnicos de trabalhar em parceria com consumidores/usuários, na superação de vulnerabilidade: avaliar a dinâmica das mudanças, minimizar as negatividades e desenvolver resiliência em áreas comerciais, diversificando bens e serviços.

A premissa deste trabalho se fundamenta na ideia de que o conceito de resiliência é oportuno para efeitos de análise dos fenômenos recentes na economia e na estrutura funcional dos sistemas comerciais e de consumo em sua relação com o estágio de desenvolvimento das cidades. Outro item importante que pode ser incorporado para o estudo da resiliência urbana comercial refere-se às recuperações urbanas em áreas degradadas, conforme Pacheco (2011, p. 127).

A recuperação do uso da rua comercial favorece a reestruturação urbana, portanto reabilita a relação cidade comércio. Neste sentido a resiliência do comércio pode ser fomentada por políticas públicas, apesar de ser um processo inerente à própria atividade econômica.

A resiliência de um sistema de varejo urbano é a capacidade de diferentes tipos de varejo, em diferentes escalas, para adaptar-se às mudanças, crise ou choques, buscando o equilíbrio do sistema, sem deixar de cumprir as suas funções de uma forma sustentável (REPLACIS, 2010).

Desta forma a presente definição da resiliência urbana comercial foca os estudos nos sistemas comerciais da cidade nas mais diferentes escalas e a sua

capacidade de adaptação a mudanças, crises ou choques internos e externos que coloquem em causa o equilíbrio do sistema, sem que os respectivos sistemas comerciais deixem de executar as suas funções, de uma forma sustentável.

O estudo do conceito da resiliência denota adaptabilidade e muito condiz com o estudo de áreas comerciais. O comércio sendo um movimento dinâmico e veloz exige do comerciante uma capacidade de reação e adaptação. Ora implica mudanças, manutenção de status, admitindo novos formatos, e diferentes ramos de atividade (PACHECO, 2011).

O comércio varejista é uma atividade humana antiga: ora é inovadora, ora fica inerte e declina, necessitando reação e adaptação (SALGUEIRO, 2011).

Esta ação ativa e em movimento faz parte da análise de uma cadeia de varejo dinâmica que cresce com o desenvolvimento da cidade. A produção e a tipologia dos espaços comerciais e a forma com que estes estabelecimentos de comércio interpretam o movimento da economia urbana é uma parte importante da análise da resiliência urbana comercial.

As formas de intervenção no espaço e na economia urbana adquirem formatos diferentes de acordo com as características dos diversos agentes, sejam eles: os pequenos comerciantes independentes, os ambulantes, os grandes estabelecimentos varejistas, o capital imobiliário voltado às atividades varejistas, ou, o e-commerce ou comércio virtual. Cada um deles age, diferentemente, sobre o espaço urbano e interfere, diversamente, sobre o desenvolvimento econômico e social.

Segundo Vargas (2016)³, a principal finalidade do comércio é ter muitos consumidores. Assim desenvolver atrativos, criar novas ferramentas para relacionamento com o cliente e, estar sempre apto para se transformar como forma continuar a obter lucro, absorvendo de forma ágil novas demandas, são características do grande capital varejista. Partindo dessa premissa, o estudo para a definição da resiliência comercial pode ser extraída do conceito da resiliência econômica, pois, relaciona-se à contínua transformação para manter o processo de acumulação.

Destaca-se, neste contexto, a divisão entre comerciantes do grande capital varejista e dos pequenos que são muito mais dependentes de políticas urbanas. Um

³ Ideias formatadas em conversa com a orientadora

exemplo bastante divulgado entre os urbanistas refere-se ao projeto Vital Quartier na cidade de Paris onde foi demonstrada uma intervenção do estado inteligente e organizada, garantindo o bem estar tanto da população por meio do usufruto do comércio local e história do bairro quanto através de leis que garantam a não descaracterização do comércio e paisagem urbana.

O estudo histórico de políticas urbanas demonstra que na Europa, por exemplo, por causa do maior controle do Estado sobre o desenvolvimento das cidades, conseguiu-se interferir e manter a continuidade das políticas urbanas. As políticas de auxílio e subsídios aos pequenos comerciantes independentes, complementadas pela imposição de restrições aos grandes varejistas, constituíram-se em estratégias para conter a deterioração das áreas urbanas centrais na Europa e países asiáticos (LEE, 1999).

Algumas políticas urbanas têm sido tentadas no mundo. Algumas delas, como em Singapura (Lee, 1999) e Japão (Fugimoto, 1999), com a intenção de recuperar as áreas tradicionais de compras e ajudar os pequenos varejistas independentes tentam trabalhar em conjunto comerciantes-poder público. Elas promovem associações entre varejistas para diminuir custos e melhorar a qualidade dos serviços, da publicidade, do ambiente construído, da manutenção e da produtividade. Estas políticas também incluem políticas de crédito para varejistas e consumidores (VARGAS, 2001, p. 97).

Cachinho (2011, p. 31) afirma que:

[...] as cidades e regiões são formadas por produtos, essencialmente dinâmicos inseridos em processos humanos e em contínua mudança. O trabalho de pesquisa nas ciências sociais, principalmente, na geografia e na economia oferece interessantes pontos de debate sobre as deficiências e críticas lançadas contra a aplicação do conceito de resiliência a questões econômicas e sociais.

O autor discutiu e desenvolveu um quadro conceitual e metodológico relacionado às experiências do Grupo Replacis discutindo as mudanças da vitalidade e viabilidade econômica dos sistemas comerciais, bem como o planejamento e as políticas urbanas. Esta Figura 2 permite analisar três grandes domínios de intervenção nos espaços comerciais:

- i) as dinâmicas do aparelho comercial da cidade;
- ii) quanto ao perfil dos comerciantes *mix* de atividades formadas por lojas e redes de tipos de centros de comércio, os atributos da cidade em

relação ao posicionamento em hierarquia urbana, o ambiente físico construído e as características demográficas e sociais e, por último,

iii) as formas de governança, as políticas públicas e o planejamento da cidade com influência no desenvolvimento da atividade comercial (CACHINHO; SALGUEIRO, 2016).

Figura 2 – Quadro conceitual de avaliação da resiliência dos sistemas comerciais urbanos
 Fonte: Adaptado de CACHINHO; SALGUEIRO (2016, p. 97).

Preocupado em ligar o comércio à sustentabilidade urbana, o projeto REPLACIS⁴ tem como objetivos avaliar a resiliência dos sistemas comerciais e conceber para o efeito um quadro conceitual e metodológico que possa servir para o exercício de tal avaliação (CACHINHO, 2012).

Neste esquema foram apresentadas as dimensões que podem configurar este modelo. Existem três áreas de intervenção, são elas:

- o sistema comercial em si mesmo e das suas dinâmicas económicas e espaciais;
- as políticas de gestão e governança dos sistemas comerciais em íntima articulação com a cidade, mas com ligação a outras escalas geográficas como a região ou o país, devido a legislação visar, frequentemente, escalas distintas;
- o ambiente urbano construído, onde se inclui, nomeadamente, o posicionamento dos diferentes centros de comércio na cidade ao nível das suas funções;

Vale destacar que mais do que as áreas em si, do ponto de vista da avaliação da resiliência do sistema, mais importante são as interseções entre estes domínios, porque destes emerge o modelo de cidade, a sua lógica de funcionamento e, naturalmente, o papel que o comércio é chamado a desempenhar no mesmo.

Isto reforça a análise de Pacheco (2011), onde descreve que mobilidade e acessibilidade demandam superação de dificuldades na lógica do comércio de rua para atingirem o equilíbrio de seus sistemas. Outro dado que acompanha o estudo de comércio de rua feito pela pesquisadora Gasnier (2011) é a afirmação de que a prática de governança potencializa a relação entre órgãos públicos e sociedade estabelecendo discussão, conflitos e parcerias.

De acordo com Rousseau (2014, p. 27), “Resiliência e transformação são conceitos-chave do comércio de ontem, hoje e de sempre. Quem não os assumir, hoje e sempre, não terá lugar no mercado”. Neste trabalho o autor analisa a capacidade e as propriedades do elástico e do silicone que cabem perfeitamente se a análise se dá junto aos comerciantes da atividade terciária.

⁴ O projeto REPLACIS envolve pesquisadores portugueses, franceses, turcos e suecos. A análise comparativa das realidades destes quatro países nos domínios mencionados pode ser muito útil na definição não só do quadro analítico como na própria definição dos indicadores que poderão ser utilizados para medir os níveis de resiliência dos sistemas comerciais.

Ainda, de acordo com o mesmo autor (2014, p. 12):

[...] resiliência é a capacidade de promover mudanças necessárias para atingir os seus objetivos, de manter as competências e habilidades, mesmo diante das adversidades, de antecipar crises, prever adversidades e saber preparar-se o melhor possível para elas.

Desta forma o projeto REPLACIS auxilia na construção do conceito de resiliência urbana comercial, ao analisar por meio da pesquisa realizada nos centros comerciais de Lisboa a vulnerabilidade tais como: novos centros de compras, consumidores diversos e as diversas interpretações dos sistemas de varejo através de conceituação e recomposição dos sistemas comerciais, ao nível da organização espacial, dos formatos das lojas e das funções que desempenham destacando os seguintes pontos:

- fragilização dos pequenos comerciantes, mais descapitalizados, incapazes de lidar com a mudança;
- redução das possibilidades de escolha dos consumidores mais frágeis do ponto de vista econômico e da mobilidade ;
- diversificação das possibilidades de escolha, em termos de oferta de bens e lugares de compras, para os grupos de consumidores mais favorecidos e com maior mobilidade;

Associar o comércio à sustentabilidade urbana implica na perspectiva, uma ação em três níveis:

- saber qual é o papel que o comércio deve desempenhar na cidade, na perspectiva da sua sustentabilidade;
- planejar o comércio para a mudança, porque esta é um ingrediente intrínseco a qualquer sistema;
- desenvolver o sistema comercial para a escolha dos diferentes grupos de consumidores e a competitividade da rede de centros da cidade

Em linhas gerais os autores, reconhecem que o modelo de organização circular dominado hegemonicamente pelos varejistas e prestadores de serviços independentes e pelos pequenos estabelecimentos, implantados nas ruas e praças de maior movimento do centro histórico, deve ser substituído por um outro bem mais complexo, arquitetado no jogo das formas de distribuição, na diversidade de formatos, em diferentes tipos de comerciantes e na multiplicidade de lugares de

compra e de abastecimento com localização distintas na cidade. Dentro destas transformações observadas no comércio e no consumo estão inseridas aquelas ligadas aos novos segmentos produtivos e suas dinâmicas sociais que, ao sair da área restrita da fábrica e invadir o urbano, altera exponencialmente todas as relações sociais de produção.

Desta forma destacam-se a importância dos estudos da resiliência urbana comercial nas áreas tradicionais ou não, avaliando os processos de transformação e adaptação mantendo a vitalidade da cadeia varejista. Sob essa análise pode-se afirmar que as mudanças do consumo passam a ter um papel preponderante na cidade pós-moderna. Se a cidade moderna girava em torno da fábrica e a indústria comandava a sua organização social, cultural e arquitetônica, a cidade pós-moderna é acima de tudo um centro de consumo, jogo e entretenimento, organizada em torno dos espaços comerciais e da simulação dos lugares da hiper-realidade e dos territórios de contemplação (CACHINHO, 2006).

Empenhada em promover o espetáculo, qualquer coisa por mais banal que seja é susceptível de ser representada, tematizada, transformada em objeto de interesse e experiência estética. Todavia, apesar de sua espetacularidade e simbolismo, os espaços de consumo que dão vida a cidade, enquanto realidade material, funcionam apenas como uma pré-condição da sua existência. São necessários, porque fornecem o palco, os cenários e os textos para as representações que alimentam as experiências de consumo, mas de forma alguma são suficientes, porque é no plano simbólico e em diálogo com o consumidor que o espetáculo, as representações e as narrativas são construídos nas relações comerciais (CACHINHO, 2006).

Uma empresa comercial resiliente antecipa-se à crise, em outras palavras, empresa resiliente não responde às crises ou aos fracassos, mas, antecipa-se e ajusta-se às mudanças antes que elas ocorram ou se tornem inegáveis (HAMEL; VALIKANGES, 2003). Pode-se afirmar que uma empresa é resiliente quando é bem-sucedida no enfrentamento das pressões e crises econômicas, das persistentes mudanças de mercado, assim como, das repentinas transformações pelas quais passam os hábitos de consumo.

As empresas comerciais resilientes apresentam certas qualidades, entre elas: a energia da flexibilidade, a força da resistência, o espírito de sacrifício e a capacidade de adaptação constante (ROUSSEAU, 2014).

Neste estudo define-se resiliência como a capacidade que os sistemas de varejo dispõem na direção de interpretar e evoluir/reagir aos diversos acontecimentos da cidade contemporânea transformando-se e adquirindo subsídios equilibrados para o desenvolvimento urbano regional.

Dentro dos conceitos da física e afins analisando e traduzindo para a arquitetura e o urbanismo entende-se resiliência comercial urbana como o estudo da capacidade dos sistemas urbanos de agir e reagir ao movimento da produção espacial comercial elástica do consumo contemporâneo. Nesta direção prover políticas públicas de interação na busca do equilíbrio dos sistemas de gestão da cidade torna-se importante para prover as futuras análises sobre as atividades terciárias.

Analisar os sistemas de varejo sob o ponto de vista metaestável, ou seja, é entender que o comércio possui um conjunto de variáveis e interações dinâmicas. Uma mudança pode ser episódica com vários regimes metaestáveis e modifica-se rapidamente entre si. Isto explica os motivos de uma rede de varejo acertar ou errar na escolha num determinado local da cidade. A resiliência explica a capacidade que um sistema possui que de agir e reagir perante a uma situação limite ou extrema.

Após a análise de estudos internacionais pode-se observar diferenças entre os tipos de resiliência urbana comercial, sejam elas culturais ou sociais. Desta forma os efeitos de transformação poderão fazer parte de um estudo complementar para ser incorporado à realidade da resiliência urbana comercial brasileira e suas políticas.

A arquitetura e o urbanismo, muitas vezes, são expostos à situação limite e estresse diante de vários problemas que a cidade enfrenta. Dentro da produção espacial do comércio por meio desta análise final muitas são as variáveis que fornecerão indicadores para o desenvolvimento sustentável da cadeia da cidade como um todo no estudo da resiliência urbana comercial.

A incorporação do termo resiliência urbana comercial pode auxiliar a criação de políticas públicas para os pequenos, médios e grandes varejistas. Desta forma interagem com os diversos atores sociais promovendo a sustentabilidade da cadeia varejista.

No capítulo 3 serão tratados os elementos constitutivos do Bixiga e suas influências, sendo complementado pelo estudo de caso da rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo.

3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO BIXIGA: OS POUSOS, OS NEGROS, O MATADOURO, OS ITALIANOS

Uma incursão pela memória urbanística da cidade de São Paulo mostra que o Bixiga desfruta de um posicionamento particular: a geografia constituída de um relevo acidentado, aliada à existência de cursos d'água, prejudicava o acesso ao bairro, conseqüentemente os preços dos lotes se mantinham baixos, esclarecendo a vinda de seus primeiros ocupantes, os imigrantes italianos e os negros recém-libertos de origem simples ou em muitos, casos miseráveis. O Bixiga consolidou-se com serviços autônomos básicos totalmente relacionados aos lugares de residência de seus proprietários e funcionários (GONÇALVES, 2016).

A primeira referência sobre o nome Bixiga surgiu no ano de 1559 e referia-se ao córrego do Bixiga, conforme Figura 3, do croqui do mapa de São Paulo, datado de 1560.

Figura 3 – Croqui de localização da cidade de São Paulo, em 1560

Fonte: ANESP (data, p. 995)

Segundo a cronologia elaborada por Sant'Anna (1937, p. 153-62), em 1559, a região que originalmente “faria parte da sesmaria do Capão”, pertencia a “Antonio Pinto, tabelião em Santos”, era mata quase impenetrável. Cerca de dois séculos após, em 1750, a região “seria conhecida por chácara da Samambaia, propriedade agrícola de Pedro Taques, o historiador”, no entanto, ainda se mantinha como mata fechada, o que certamente dificultava a instalação de um núcleo populacional. Em 1794 ocorreu o registro da venda feita por Melchior Pereira a Antonio Soares Calheiros e Abreu, de “uma chácara nesta cidade na paragem Anhangabahú, denominada vulgarmente Bixiga”, fatos estes registrados em cartório.

Enfatiza-se que até esse período, não havia ocorrido a instalação de um núcleo populacional na região. Essas datas são historicamente importantes, porém, não registram o nascimento de nenhum bairro (SILVA, 2010).

Na Figura 4 apresenta-se o croqui com destaque na chácara do Bexiga, em 1840.

Figura 4 – Em destaque a chácara do Bexiga (amarelo), e à direita, as chácaras do Barão de Limeira (em rosa) e de Da. Alexandrina (em verde); à esquerda, a chácara do Barão de Ramalho (em roxo), de Martinho Prado (em ocre), seguido da chácara do Capão, do Major Benedito Antônio da Silva (em creme)

Fonte: PIRES (2002-2003, p. 61-78).

O início de ocupação da região tem sua territorialidade conformada por uma função de espaço fora da cidade (centro histórico) – e, ao mesmo tempo, uma contradição por sua centralidade. Essa particularidade territorial influi em seu desenvolvimento, tanto como espaço de habitação – pelo aspecto precário – quanto como uma centralidade cultural alternativa (FERREIRA, 2016).

A seguir são apresentados os elementos constitutivos do Bixiga: os pousos, os negros, o matadouro, os italianos, assim como o papel do cinema (lazer), teatro.

3.1 O Papel dos Pousos

Em 1792, essa região era constituída do Largo do Bexiga, que em 1865 passou a se chamar Largo do Riachuelo – hoje é a Praça das Bandeiras – e do Largo do Piques, atual Largo da Memória (SILVA, 2010).

O Reúno era um dos principais tanques que abasteciam os chafarizes e a cidade, compondo com o Tanque Municipal, o Tanque de Santa Tereza e o Tanque do Zuniga o que poderia ser considerado um primeiro sistema de abastecimento público de São Paulo (SILVA, 2014).

A estrada de Sorocaba, também, recebeu obras importantes realizadas por Daniel Pedro Müller. Em 1807 já havia sido calçada a Ladeira do Ouvidor, que permitia acesso à Ladeira do Piques, onde tinha início o caminho para o sudoeste. No ano seguinte foi construído com taipa de pilão, um primeiro muro de arrimo na parte mais alta da Ladeira do Piques, criando aí a Rua do Paredão, atual Xavier de Toledo, onde hoje existe um muro de pedra (REIS, 2010).

Em 1814, ao ser encarregado de construir a Estrada de Sorocaba, que seria então, um melhoramento do antigo Caminho de Pinheiros, Daniel Müller reformulou toda a área conhecida como “Piques”, um barranco de forma triangular que servia de entrada e saída da cidade de São Paulo para os tropeiros que transportavam mercadorias. O triunvirato que governou entre 1813 e 1814 encarregou, novamente, Müller da construção da estrada dos Piques que facilitaria a comunicação entre São Paulo e as cidades do interior (MATSUY; OLIVEIRA, 2012).

No decorrer do século XIX, a Pirâmide do Piques era uma das “portas de entrada” da cidade, porque se situava entre as rotas com destino a Sorocaba,

Pinheiros, Anastácio e Água Fria e um significativo ponto de encontro dos moradores da província, viajantes e escravos, atraídos pela água potável fornecida pelo chafariz do largo (VEJA, 1986, p. 10).

Por volta de 1819, um dono de hospedaria, cujo nome era “Antônio Bexiga”, conforme mencionado por Saint Hilaire (1976, p. 121-22) “[...] hospedaria de um tal Bexiga, que possuía, dentro de São Paulo, vastas pastagens”.

O início da Rua Santo Antonio consistia, no passado, o pátio existente junto ao rancho, onde eram presos os animais, ficando em torno deste “os quartinhos dos hóspedes” (1972, p. 34). Segundo Saint Hilaire (1972, p. 161), o pátio “era um lugar cheio de lama – uma buraqueira danada”. Todos os quartinhos tinham portar para o terreiro: eram úmidos de uma “imundice repugnante”, sem forro, sem janelas e tão estreitos que mesmo com a bagagem toda empilhada sobrava um minúsculo espaço para o viajante e seus companheiros se mexerem.

Ainda de acordo com o mesmo autor, esses trechos de estradas nas saídas de São Paulo, com suas pontes e obras complementares, permitiram à cidade crescer, nas décadas seguintes, nas áreas ao redor da colina original. E possibilitaram aos habitantes mais ricos estabelecer novos padrões de moradia, comprando chácaras ao redor da cidade e nelas construindo residências mais confortáveis, além dos sobrados que possuíam no velho Centro. Meio século depois, nesses mesmos locais e em outros, construíram palacetes luxuosos e lotearam o restante dos terrenos, com comprovados benefícios e prestígio social. Muitas chácaras continuaram a ser compradas por empresários mais ativos nas décadas seguintes. Não se discute que as obras empreendidas nos últimos anos da administração colonial, ao redor da cidade, facilitaram a compra das áreas pelas famílias mais ricas e valorizaram de forma significativa as propriedades existentes.

Com o intuito de contextualizar o período entre os anos de 1857 e 1862, são apresentadas informações que podem facilitar, porque segundo Bueno (2012, p. 29):

[...] algumas ruas já dispunham de passeio lateral, no entanto, o calçamento do leito carroçável mantinha-se de terra socada ou pé de moleque. A iluminação a gás começa a despontar e os lampiões de ferro passam a fazer parte do mobiliário urbano. O Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1857 apresenta uma série de tabernas nas extremidades – Descida do Bexiga, Descida do Piques, Ponte do Carmo, Ponte do Fonseca e nas ruas Alegre, Boa Vista, Cadêa, Constituição, Freira, da Palha, de S. Bento, de Santa Thereza, do Acu, do Braz, do Imperador, do Piques, do Príncipe, do Quartel, Nova de S. José, já eram vistos armazéns de secos e molhados e gêneros da terra.

Segundo Moura (1980), a região dos piques nasceu, praticamente com a cidade, sendo citada por todos os historiadores. O nome de algum lugar nasce como o apelido: surge do aspecto exterior que o caracteriza. A confluência dos piques levou a uma generalização do nome a tudo em sua volta. Surgiu a denominação genérica – Largo do Piques, isto é, dos Piques.

A região do Piques (largo, rua e ponte) já se destacava, apesar de os bairros ainda permanecerem isolados, pois, já em 1814, existiam registros oficiais de atividades comerciais importantes e organizadas, conforme ilustram a Figura 5 e a Tabela 2, na consulta realizada no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (DECIMA URBANA, LATA C09877).

A Figura 5 retrata a forma de viver da região do Piques. Em primeiro plano, carroças de boi, no fundo à direita, ladeira do Piques (atual rua Quirino de Andrade) e ao fundo, pouso de tropeiros ou estalagem. A maior parte dessa área hoje pertence à Praça da Bandeira. Antigamente chamava-se largo do Bexiga ou do Piques. Neste largo faziam-se leilões de escravos e feira de mercadorias

Figura 5 – Largo do Piques e ladeira Santo Antônio, em 1862

Fonte: <https://br.pinterest.com/marceloamv/antigas/>. Acesso em outubro 2016 (AJORB, 1864)

Tabela 1 – Propriedades registradas, no largo do Piques, em 1814

LARGO DOS PIQUES	
Tipo do Comércio	Número de Estabelecimentos
Lojas de Fazenda	2
Lojas de Ferragens	1
Armazéns e Molhados e Gêneros da Terra	3
Tabernas	1
Fábrica de Velas	1
Ferreiros e Serralheiros	1
Violeiros	1
TOTAL	10

Fonte: DECIMA URBANA (1814) (material danificado, número de página invisível)

Conforme se observa na Tabela 1, as propriedades registradas são voltadas para o atendimento da população envolvida com a economia do café e da agricultura em geral.

Tabela 2 – Propriedades registradas em 1814, rua do Piques

RUA DO PIQUES	
Tipo do Comércio	Número de Estabelecimentos
Lojas de Ferragens	1
Fábrica de Chapéus Finos	1
Ferreiros e Serralheiros	1
Seleiros	1
TOTAL	4

Fonte: DECIMA URBANA (1814) (material danificado, número de página invisível)

Tabela 3 – Propriedades registradas em 1814, ponte do Lorena

PONTE DO LORENA	
Tipo do Comércio	Número de Estabelecimentos
Fundidores de Metais e Latoeiros	1
Funileiros	1
Padaria	1
Sapateiros	1
TOTAL	4

Fonte: DECIMA URBANA (1814) (material danificado, número de página invisível)

Há unanimidade entre os pesquisadores, no que se refere à ocupação da área, até o fim do século XIX, por contingentes de escravos negros fugidos, que chegaram a formar pequenos quilombos, no entanto, eram frequentemente farejados pelos seus ferozes caçadores, os capitães do mato (LUCENA, 1984; BORGES, 2001; CASTRO, 2008; BUENO, 2012).

Segundo Marzola (1979), em várias regiões da cidade o crescimento estava ligado aos caminhos antigos, à estrada de ferro e, depois, pela estrada de rodagem. Indiscutível que nos lugares pelos quais essas vias de ligação transitavam surgiam atividades comerciais que davam origem a pequenos núcleos de população, em alguns casos em torno dos próprios ranchos ou pousos. A Planta Histórica da Cidade de São Paulo de 1800-70, elaborada por Afonso A. de Freitas destacava a existência de pousos ou ranchos um pouco além da ponte do Ferrão, na futura Av. Rangel Pestana; no Lavapés, à margem da Estrada de Santos, no Guaré e no Bixiga.

Bueno (1998) afirma que os mais frequentados eram o do Bixiga e do Lavapés, pois, eram procurados pelas tropas que passavam para Santos. As tropas e os carros de boi atravessavam a cidade, por isso, o então governador Lorena designou os pontos onde as tropas e os carros de boi deveriam estacionar, eram eles que abasteciam a cidade com mantimentos oriundos de Atibaia, de Parnaíba, de Mogi das Cruzes. Os que chegavam dos distritos de Atibaia e de Parnaíba entravam na cidade pelo Oeste, deveriam estacionar na chácara do Bixiga, entre o Anhangabaú e o riacho Saracura.

Na Figura 6 destaca-se a região em que se desenvolveu o Bexiga, junto ao local onde deságuam os afluentes do rio Anhangabaú, o Saracura, o Bexiga e o Itororó, identifica-se uma edificação que pode ser a estalagem do Bexiga; à direita, correndo paralelamente ao córrego do Bexiga, o caminho de Santo Amaro, com destaque para o espaço ocupado pelos lotes e edificações; e abaixo, o tanque Reúno, localizado nas proximidades da igreja da Consolação.

Mappa da Imperial Cidade de São Paulo (1855) – Carlos Rath

Fonte: Informativo do Arquivo Histórico Municipal, 4(20): set/out.2008

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Consulta em 10/10/2016.

Figura 6 – Destaca-se a área onde se desenvolveu o Bexiga, junto ao local onde desagüam os afluentes do rio Anhangabaú, o Saracura, o Bexiga e o Itororó. Em **rosa**, destaca-se uma construção que acredita-se seja a estalagem do Bexiga; à direita, correndo paralelamente ao córrego do Bexiga, o Caminho de Santo Amaro, com destaque em verde para o espaço ocupado pelos lotes e edificações; e abaixo, o Tanque Reúno, localizado no mapa, próximo da igreja da Consolação

Fonte: Informativo do Arquivo Histórico Municipal, 4(20): set/out. 2008
<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Consulta em 10/10/2016.

E há mais: o antigo largo do Bixiga, em destaque na região cortada pelo córrego de Saracura (mais tarde fundido com o largo do Piques (Figura 6), atual praça da Bandeira teria servido nos primeiros tempos de posto de venda e troca de animais (“Pátio dos Animais”) e depois de mercado aberto para o leilão semanal de escravos (MARQUES, 1966).

A Figura 7 apresenta a distribuição da região com destaque para o Largo do Piques e Bexiga, em 1864.

Figura 7 – Mostra a descrição da região com destaque para o Largo do Piques e Bexiga (1864)

Fonte: Elaborado a partir de SECKLER (1888)

Desta forma este largo era uma região de intensa atividade comercial e grande movimento de tropeiros. Justamente por ser um ponto onde cruzavam várias avenidas para o interior paulista e província. Segundo Lucena (1984), Borges (2001) e Castro (2008), uma vez por semana havia o leilão de escravos.

O bairro do Bexiga era constituído dos largos do Bexiga, que em 1865 foi transformado em Riachuelo e do Piques, considerados o ponto inicial do mesmo (Figura 6). Uma observação importante é a estrada de Santo Amaro, caminho de bois e outros animais carregados de madeiras e pedra para o centro da cidade.

O largo do Piques consta nos mapas e plantas da cidade no Acervo Nacional do Estado, desde o começo, desde as primeiras décadas do século XVIII. Mas, é no século XIX que ali se estabelecem diversas pousadas para atender a viajantes e muares, no limite do contato com a vida urbana (Figura 8) e (Figura 9).

Figura 8 – O Largo do Piques em meados do século XIX

Fonte: Ajorb (www.ajorb.com.br/hb-resumo.htm)

De meados do século XX percebe-se uma realidade muito diversa e confusa. Para este autor a principal função do largo não era ligada somente ao comércio de escravos, mas, sim ao movimento de tropas. Esse movimento era tão frequente que houve, inclusive, em meados do século passado, um estabelecimento de fazendas a varejo que tomou o nome da Loja dos Tropeiros (SILVA, 2003).

Figura 9 – Em primeiro plano, o Largo da Memória e a Ladeira do Piques, em direção da Ponte do Lorena, à direita da foto. Em frente à ponte, visualiza-se a confluência das Ladeiras de Santo Antônio, Ouvidor e São Francisco.

Fonte: Coleção SAN/DIN/DPH/SMC/PMSP. Foto Militão Augusto de Azevedo (1862)

De acordo com Silva (2004), esse labirinto de ruas e vielas que constituía o largo do Piques era habitado por imigrantes italianos até o fim do século XIX, sendo um dos pontos mais movimentados da capital, importante centro de comércio de tecidos, calçados, couro, madeiras e produtos agrícolas que chegavam por intermédio de tropeiros vindos de Santo Amaro e Pinheiros.

A região do Piques era um importante ponto de comércio e fabricação de utensílios para abastecimento da região. Não é, por acaso, que o início do bairro do Bexiga tenha tido destaque inclusive com o lançamento de um loteamento com este nome, em 1878.

3.2 A Presença dos Negros

Antes se tornar um bairro famoso pela concentração de imigrantes italianos, a região do Bixiga, nas imediações do Saracura, era um conhecido “quilombo urbano”, local de concentração de negros, em sua maioria escravos fugidos.

De acordo com Silva (2010) conhecido como “antigo bairro do Bixiga”. “Com certeza seus primeiros moradores foram os negros, que lá se refugiavam. Eles se escondiam nas capoeiras e capinzais que havia em torno do Tanque Reúno, e do Saracura, no Bixiga” (SILVA, 2010, p. 2), identificados na Figura 1.

A extensão do vale do rio Saracura – hoje Avenida Nove de Julho – durante o período colonial – era conhecida como espaço de resistência negra. Ainda possuía uma mata densa, onde os negros fugidos do mercado de escravos, localizado no Largo do Bixiga (Praça das Bandeiras), podiam refugiar-se (CASTRO, 2008). Dessa forma, nasceu o quilombo Saracura, cuja existência foi viabilizada por suas peculiaridades físicas, pelo apoio dos abolicionistas, assim como dos mercadores que previam a possibilidade de lucro com os negócios realizados com os negros em um mercado paralelo e informal – esses moradores criavam seu próprio gado, milho e cana (STEVENS, 2013).

Há unanimidade entre os pesquisadores, no que se refere à ocupação da área, até o fim do século XIX, por contingentes de escravos negros fugidos, que chegaram a formar pequenos quilombos, no entanto, eram frequentemente farejados pelos seus ferozes caçadores, os capitães do mato (LUCENA, 1984; BORGES, 2001; CASTRO, 2008; BUENO, 2012).

Durante os leilões ocorriam fugas e as capoeiras e os capinzais que havia em torno do tanque Reúno, também chamado Tanque do Bixiga, situava-se na altura do Viaduto Major Quedinho e alimentava os chafarizes da Luz e do Piques, localizados no atual Largo da Memória, como em outros pontos por onde corriam o Anhangabaú e o riacho do Saracura, serviam de esconderijo para os negros que se aquilombavam. Esses matos eram propícios para esconderijos. Em 1831 foi feito um documento com a tentativa de fechar o acesso do Anhangabaú para o Bixiga, cujo objetivo era impedir o trânsito de escravos fugitivos para o Bixiga (LUCENA, 1984).

A presença dos negros no bairro é especialmente visível nos grupos formados para praticar capoeira e tocar samba, entre outras expressões culturais (HIJIKI; SILVA, 2014).

Segundo Rolnik (1997, p. 286), na região da mata da Saracura podia-se viver da coleta no grotão entre a rua Santo Antônio e a várzea: “pesca de peixes e caranguejos de água doce, palmito e iguarias do sertão que circulariam nos tabuleiros (carás cozidos, pinhões quentes, ibás, cuscuz de bagre, jabuticabas, araçás, guabirobas, grumixamas, pitangas, cambucis) – ou venda de lenhas”.

Os campos do Bixiga se configuraram como um reduto da população negra, especialmente a partir das reconfigurações urbanas decorrentes da abolição e a imigração de europeus no contexto da expansão da economia cafeeira.

A família de Armandinho do Bixiga chegou ao Brasil em 1875 para trabalhar na lavoura e cobrir a mão-de-obra do negro. Naquele tempo os barões de café de São Paulo, que eram os empresários de hoje, começaram a forçar a família imperial no sentido da absolvição dos negros. Por quê? Porque o negro estava ficando caro, já existiam negros velhos e doentes que não tinham condições de trabalhar mais na lavoura. Fato que aconteceu em 13 de maio de 1888, sendo que no dia seguinte eles foram todos postos para fora das fazendas. Ou seja, o negro não tinha para onde ir. Analfabeto. Poderiam, ainda, permanecer por três, ou quatro meses, depois deste tempo o patrão cobrava o valor de 200 réis por dia, no entanto, como ganhavam muito pouco não tinham condições de pagar e acabavam fugindo e muitos deles por uma vã esperança acabavam caindo na região do Bixiga para oportunidades em casas de família na Avenida Paulista e no comércio e serviços da cidade de São Paulo. Algumas senhoras de escravos penalizadas com tal situação doavam roupas, candelabros, enfim, utensílios que eles pudessem transformar em dinheiro para a subsistência (MORENO, 1996).

Isto renovava a esperança deles porque, praticamente, o centro da cidade, era a Líbero Badaró, São Bento. Tinha a Rua da Consolação, a Paulista, onde moravam todos os Barões do Café, e o caminho de Santo Amaro, que é a atual Brigadeiro Luís Antonio. E os campos do Bixiga ficavam todos ali naquele triângulo. Eles vieram cair todos no largo dos Piques, que é a atual Praça da Bandeira. Mas, quando eles chegaram lá, não sabiam fazer nada. Constituíram algumas residências com suas famílias e iniciaram uma dura tarefa para ter uma profissão e iniciar a vida. Algum tempo mais tarde os negros do Bexiga, de acordo com relatos da Casa de Yayá foram expulsos do bairro pela imigração italiana. A tensão racial e os conflitos entre eles foi relatada no livro com “Uma história contada ou não” escrita pelo autor Petrônio Domingues, em 2004. Nesta análise o autor rastreou o arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo com cenas do cotidiano entre eles e como o contato entre eles foi marcado por conflitos (MORENO, 1996).

Logo após a abolição da escravatura, em 1888, os negros receberam de suas senhoras objetos de decoração, roupas, utensílios domésticos para que eles pudessem trocar/vender como forma de início de subsistência. Esses negros se

dirigiram para a parte baixa do Saracura. Na sequência começaram a comercializar ali mesmo, esses produtos surgindo com o passar do tempo o hábito de troca de produtos e serviços que passou a ser chamada de “Feira dos Negros”. Essa história foi narrada por Walter Taverna, patrocinador da praça Dom Orione, em 1982, em homenagem à Dom Luigi Orione ou Luís Orione, sacerdote italiano que se dedicou à vida religiosa e ao trabalho voluntário durante os séculos XIX e XX (MORENO, 1996).

Um dos destaques da Praça Dom Orione é a Feirinha de Antiguidades, que acontece todos os domingos, desde 1982. Ela atrai muitos turistas e moradores da região, os donos das lojas de antiguidades que estão em volta da praça, se reúnem para vender alguns de seus artigos nesses dias, Figura 10.

Figura 10 – Feirinha de antiguidades

Fonte: Agência Jobstorm (26/10/2016). <https://pracadomorione.atavist.com/>

A feira leva à praça grande variedade de revistas, livros, roupas, móveis de todos os tipos, peças decorativas, bijuterias, brinquedos, prataria, entre outros produtos muito admirados e angariados por emissor de TV e teatros para a caracterização cenográfica de época, afirmando os ofícios de restauro e conservação enquanto atividades emblemáticas do bairro (GONÇALVES, 2016, p. 97).

De acordo com Silva (2011), as reformas urbanísticas que ocorreram em 1911, resultaram no deslocamento da população negra que residia próximo à igreja original da Sé, em cortiços, para as imediações do Anhangabaú, largo do Piques e rua Riachuelo – considerada um dos principais pontos de prostituição da cidade até o fim da década de 1930, quando foi confinada.

Apesar de tantas dificuldades os negros, deram origem aos cordões carnavalescos nas primeiras décadas do século XX. Vivências pioneiras das festividades profano-religiosas teriam motivado as primeiras tentativas de organizar um lazer apropriado à população negra. Eram tentativas que surgiam de famílias que comemoravam datas significativas, como o Treze de Maio (Abolição) e o Três de Maio (festa de Santa Cruz). Destaca-se que no Bixiga, os negros acabaram participando também das festividades dos imigrantes italianos, por exemplo, a festa de Nossa Senhora Achiropita, em agosto (MARCELINO, 2007).

No entanto, essas festividades negras que ocorriam em espaços públicos eram reprimidas pela polícia. Por erra razão surgiram a partir de 1920 os “salões da raça” – espécies de clubes dançantes para a população negra -, espaços privados em que os negros se reuniam mediante pagamento de ingresso, que custeava o aluguel do espaço físico e da banda. Ao redor do centro antigo foram instituídos diversos salões, sendo um deles no largo do Piques, local de concentração e de importante gestação de uma “identidade negra” entre seus jovens frequentadores (BELO, 2008).

Algumas formas de lazer, como o futebol, muito comum nos “campos de várzea”, na cidade nas primeiras décadas do século XX, incluindo o Bixiga, foi que deu origem ao cordão carnavalesco Vai-Vai, fundado em 1930, em espaços urbanos que lhe eram próprios (SIMSON, 2007). Os ensaios, inicialmente ocorriam na casa de um dos fundadores, na rua Rocha, expandindo-se, posteriormente, para as ruas do Bixiga, num processo de lenta conquista do espaço público, principalmente, fora dos festejos carnavalescos, momento em que a vizinhança não demonstrava tanto interesse em participar das atividades do cordão e a repressão policial se mantinha constante.

Durante os festejos, a agremiação, que adotou o cognome de Orgulho da Saracura – saía pelas ruas do Bixiga, visitando as casas dos benfeitores do cordão e agradecendo o apoio da população do bairro. Em seguida, dirigiam-se ao centro da cidade, onde disputavam os concursos de desfiles carnavalescos com outros

cordões, especialmente o Camisa Verde da Barra Funda, tradicional concorrente da Vai-Vai (SILVA, 2014). O mesmo autor comenta:

[...] como escravos, viajantes, empregados, mulheres pobres, vendedores ambulantes etc., foram sendo despejados das margens desses rios e córregos, onde iam buscar água para tarefas domésticas e saciar a sede. [...] Mostra que os negros e o samba continuam sendo expulsos do Bixiga – o projeto de uma linha do metrô prevê a instalação de uma estação onde hoje se encontra a quadra de ensaio da Vai-Vai (SILVA, 2014, p. 22).

3.3 O Papel do Matadouro

Na Figura 11, os pontos relacionados à área integrada pela chácara do Bexiga foram destacados: os lotes em que se acreditam estavam as casinhas de Antonio Soares Calheiros e aqueles da rua Santo Amaro, a novidade, no entanto, refere-se ao Matadouro Municipal, entre o caminho de Santo Amaro e o Caminho de Santos. À esquerda da planta, no pequeno aglomerado de edificações à margem da rua da Consolação, destaca-se a igreja do mesmo nome (SCHNECK, 2010).

Neste mapa de 1868 (Figura 10), nota-se uma área vazia entre as ruas Santo Amaro e da Consolação, na qual Rath fez registros à mão, em sentido contrário ao da planta. A primeira anotação relaciona-se ao “Pasto de Thomas Alvares”, entre o ribeirão do Bexiga e a rua da Consolação, o mesmo cidadão que, dez anos depois, em 1878, vendeu suas terras a Antonio José Leite Braga que, deu origem ao empreendimento do Bexiga.

A segunda concerne à “Chácara do Major A. Beneditcto e Silva”, ou, segundo a planta “São Paulo – Chácaras, sítios e fazendas à volta de São Paulo, desde o século XVIII”, à Chácara do Capão, pertencente ao Major Benedicto Antonio da Silva. Já a referência ao “córrego do Dr. Martinho Prado”, contíguo ao Tanque Reúno, assinala pela primeira vez, a presença da família Prado na região. Na Figura 3, pode-se localizar a Chácara de Martinho Prado, à esquerda da Chácara do Bexiga, e acima da Chácara do Capão (CAMPOS, 2008).

Planta da Cidade de São Paulo (1868).

Atribuída a Carlos Frederico Rath

Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4(20): set/out.2008. Disponível em

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>.

Consulta em 15/09/2016.

Figura 11 – Pontos que se referem à área ocupada pela Chácara do Bexiga: em **rosa** – lotes das casinhas de Antonio Soares Calheiros e da rua Santo Amaro. **Laranja** – Matadouro Municipal – entre o caminho de Santo Amaro e Santos. À esquerda da planta, o aglomerado de edificações à margem da rua da Consolação. Em amarelo, os registros feitos por Rath.

Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4(20): set/out.2008. Disponível em <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Consulta em 15/09/2016.

Trata-se de uma dinâmica que prevaleceu porque esse espaço que estava nos limites da cidade colonial ao sul, possuía equipamentos instalados que eram considerados nocivos para a cidade como um todo, por exemplo, o matadouro municipal, os doentes de varíola e outras doenças contagiosas (LANNA, 2011). Dessa perspectiva, pode-se dizer que era um local à margem, excluído do processo de desenvolvimento que, no entanto, expandia-se como local de cultura africana cuja alimentação, religião e música eram destaque; vista desse ângulo, caracterizava-se também como centro (STEVENS, 2013).

O Matadouro Municipal (Figura 12), localizado na rua Santo Amaro, nas proximidades da Capela de Santa Cruz, rua Jacareí e chácara do Antonio Bixiga, atual centro histórico da cidade e o açougue ficava na rua Padre Tomé Pinto, atual Quintino Bocaiúva.

Anexo foi construído o curral do Conselho por Lourenço Ignácio Vieira Antunes. Todas as reses a serem destinadas ao matadouro tinham que ser registradas no livro próprio e pagar uma taxa de um vintém por cabeça (MARZOLA, 1979).

Figura 12 – Matadouro municipal

Fonte: <http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2011/05/alexandre-eder-cia-frigorifico-santo.html>.

Imagem das dependências do Matadouro Municipal, nas imediações da Praça Oswaldo Cruz, (atualmente denominada Praça Andrea Doria - em homenagem ao almirante genovês do século 15) com fachada para a Rua Borba Gato (Figura 12).

Por volta de 1830, toda a carne consumida na cidade de São Paulo, vinha do matadouro, devendo-se destacar que naquele local não havia o menor cuidado com a higiene, sendo as rezes abatidas e sangradas sobre um chão de terra revolvida.

Era o responsável pela sujeira nas imediações do bairro que se formava e causador de diversas doenças como, por exemplo, a cólera. Devido à sua localização – também poluía, com sangue e restos de animais abatidos, as águas do rio Anhangabaú, gerando prejuízo no abastecimento dos reservatórios da região. A escolha de instalar o matadouro municipal na região do Bixiga, provavelmente, ocorreu em virtude de existir ali abrigo para os tropeiros que vinham vender seus animais na cidade (FERREIRA JÚNIOR, 2009).

Ainda, em 1830, a Câmara Municipal, colocou-se contra a permanência do matadouro e do curral naquele lugar, devido à sua proximidade do centro da cidade e do rio Anhangabaú, em 1852, o mesmo foi transferido para a baixada entre as ruas Pitangui e Humaitá, sem deixar de contaminar da mesma maneira o rio. Mas, foi depois de duas décadas depois que o matadouro foi transferido para a Vila Mariana (FERREIRA JÚNIOR, 2009).

De acordo com historiadores Sant’Anna (1937) e Marzola (1979), a origem do nome da região refere-se às “terras onde não morava ninguém e onde se escondiam escravos fugidos e pessoas portadoras da varíola (bexiga)” (p. 155). Uma diferença, porém, foi registrada pelo historiador Freitas (1898 apud Marques, 1966, p. 118), – segundo o qual o nome do bairro nasceu do fato de alguns proprietários de chácaras comercializarem “bexigas de boi”⁵, “visto que o matadouro central era muito próximo deste lugar”. Cabe destacar segundo Campos (2008) que o engenheiro Carlos Bresser foi o responsável pela construção do prédio do matadouro, entre 1849 e 1852.

O matadouro, que ficava no curral do Concelho na estrada de Santo Amaro em 1852, foi estabelecido na Rua Humaitá, mas as águas do tanque do Matadouro corriam no rio Anhangabaú, chegando até a região central, constituindo-se em um grave problema sanitário. Esse problema só foi sanado com a construção do Matadouro da Vila Mariana, que passou a utilizar o trem no transporte de carne, remodelando completamente esse tipo de comércio que, assim, ficava afastado na região central da cidade (SILVA, 2014, p. 97).

⁵ Bexigas de Boi – Tripas extraídas do boi para o preparo de iguarias.

Configurava-se, assim, um circuito paralelo à economia e à cultura da cidade, ao mesmo tempo, e por esse motivo, desenvolvia um papel essencial para a mesma. A discussão empreendida por Gonçalves (2016), em sua tese de doutorado quanto a mazela expressa em relação ao Bixiga corrobora o pensamento de autores como Castro (2008), Lanna (2011) e Stevens (2013), entre outros:

O Bixiga desde sua origem fora estigmatizado como um desvio no centro da cidade, foco de imoralidades e falta de higienismo, com massivas intervenções por parte do poder público para acabar com os cortiços e habitações insalubres ali instalados e altamente especulados até hoje, principalmente após a migração nordestina e de demais trabalhadores que buscam o local pelas vantagens de proximidade com o mercado de trabalho da área central (GONÇALVES, 2016, p. 56).

Segundo Marzola (1979, p. 45), antes do loteamento do bairro, em 1878, não existia nada que indicasse uma comunidade organizada na região, informação esta corroborada por consulta junto à Décima Urbana de 1809. No entanto, foram encontradas anotações dos nomes do Largo do Bixiga, Travessa do Bixiga, Largo do Piques⁶, Rua do Piques, no ano de 1809.

De acordo com historiadores Sant'Anna (1937) e Marzola (1979), a origem do nome da região refere-se às “terras onde não morava ninguém e onde se escondiam escravos fugidos e pessoas portadoras da varíola (bexiga)” (p. 155). Uma diferença, porém, foi registrada pelo historiador Freitas (1898 apud Marques, 1966, p. 118),— segundo o qual o nome do bairro nasceu do fato de alguns proprietários de chácaras comercializarem “bexigas de boi”⁷, “visto que o matadouro central era muito próximo deste lugar”.

Em 1878, consta a venda da propriedade por Thomaz Luís Álvares (ou Thomas Cruz) a Antonio José Leite Braga, ano em que foram publicados os primeiros anúncios para a venda de terrenos no Bexiga, no Jornal A Província de São Paulo (SANT'ANNA, 1937).

O Bixiga nasceu devido à expansão demográfica, que ocorreu entre os períodos do Império e da República, gerando uma demanda por novos loteamentos. O apogeu da sua modernização e expansão ocorreu no fim da década de 1920 até a Revolução de 1930.

⁶ Hoje, o Largo da Memória, no passado chamado de Obelisco da Memória, inicialmente absorveu toda região do Bixiga, ou do Riachuelo, este último, configurado pela Batalha de Riachuelo, porém, tratando-se do mesmo lugar. Anos depois o Largo do Bixiga, Travessa do Bexiga, Largo dos Piques e Rua dos Piques receberam o nome de Praça da Bandeira.

⁷ Bexigas de Boi – Tripas extraídas do boi para o preparo de iguarias.

De acordo com Silva (2010, p. 3) era um fenômeno “urbanístico novo, que nada tinha em comum com o antigo bairro do Bexiga ou largo do Bexiga, onde se achava a estalagem do Bexiga e, menos ainda, com a chácara do Bexiga, que na sua maior parte, era mata fechada”.

Ainda, segundo o autor, o fato histórico que marca o nascimento de uma comunidade é a construção de um bem que seja de uso comum de todos, como: uma igreja, hospital, praça pública. Pode-se afirmar que a doação de um terreno para construir um hospital para a comunidade caracterizou o nascimento do bairro.

O Imperador D. Pedro II lançou a pedra fundamental de um hospital que seria construído na quadra, formada pelas ruas Santo Antônio, rua da Misericórdia (Abolição), São Domingos e Conselheiro Ramalho. [...] o lançamento da pedra fundamental para se construir um hospital, que era uma grande benfeitoria, inserida no loteamento, servindo como marketing para o seu lançamento é, sem dúvida, a mais certa, para caracterizar o surgimento do bairro do Bixiga (SILVA, 2010, p. 3).

O anúncio publicado no jornal A Província de São Paulo⁸, datado de 1878, destaca o loteamento do Bexiga.

TERRENOS DA REGIÃO DO BEXIGA” – É hoje o melhor emprego de capitais, mas cumpre ainda fazer-se boa escolha do local, para duplicar as vantagens de emprego, isto é, que a localidade ao menos, seja salubre; que salubridade podem oferecer essas várzeas que rodeiam esta capital...] (JORNAL A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 1878, p. 2).

Em 28 de julho de 1879, foi feito o seguinte anúncio no jornal "A Província de São Paulo", atual "O Estado de São Paulo":

Terrenos no Bexiga - Vendem-se estes magníficos terrenos às braças ou em lotes, com pastos ou matas, a vontade do comprador. Não há nada a desejar nestes terrenos, dentro da cidade, água corrente, em diversas fontes, lindos golpes de vista, para bonitas chácaras, ruas de 60 palmos de largura: preços baratíssimos, de 20\$, 30\$, 40\$, até 50\$ a braça, com 30 braças e mais de fundos, conforme a localidade escolhida. A planta acha-se nas oficinas de Santo Antonio, no Bexiga, podendo ser examinado a qualquer hora, tanto a planta como os terrenos. Para tratar com os proprietários na mesma oficina ou com E. Rangel Pestana, Rua Imperatriz, n. 44 (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, p. 22-23, 26/07/1881).

São Paulo se desenvolveu graças ao sucesso da economia do açúcar e aos poucos, transformou-se em um comércio de importância regional. Neste contexto, o movimento da imigração italiana para São Paulo foi de significativa importância.

⁸ Jornal A Província de São Paulo, 10/05/1878, p.2. Arquivo do Estado.

3.4 A Presença dos Italianos

Sabia-se que a Itália, assim como a Europa se encontrava na miséria no século XIX. A mudança do sistema feudal para o sistema capitalista afetou, diretamente as condições sociais no continente europeu, consequentemente, existia um grande número de pessoas que se propunham a vir trabalhar no estado de São Paulo como imigrante (NOVAIS; SEVCENKO, 1998).

Na década de 1870, quando teve início a imigração italiana para o Brasil, no fim do século XIX e início do século XX ocorria no mundo, assim como no Brasil uma onda de natureza ideológica: a depuração da raça (PETRONE, 1982). Os núcleos coloniais para povoar o Brasil afastaram o homem negro, liberto ou escravo. A discriminação contra o negro se fazia presente em quase todo o programa de imigração (DOMINGUES, 2004). Era um comportamento aceito na época.

Neste contexto, o imigrante italiano tinha a possibilidade de ser aceito com mais facilidade pela sociedade brasileira por ser branco e católico, assim como, colaboraria para o “branqueamento” das pessoas. Somente os estados mais ricos do Brasil, como São Paulo, deram continuidade com a imigração italiana.

A imigração italiana para o Brasil tornou-se significativa a partir da década de 1870 e transformou-se num fenômeno de massa entre 1887 e 1902, influenciando decisivamente no aumento da população do Brasil. Entre 1880 e 1924, entraram no Brasil mais de 3,6 milhões de imigrantes, dos quais 38% eram italianos. Considerando-se a faixa de tempo entre 1880 e 1904, os italianos representaram 57,4% dos imigrantes. Em um distante segundo lugar apareciam os portugueses, seguidos dos espanhóis e dos alemães. O Brasil posicionou-se, assim, como o terceiro maior país receptor de imigrantes italianos entre os anos 1880 e a Primeira Guerra Mundial, atrás apenas dos Estados Unidos (5 milhões de italianos entre 1875 e 1913) e da Argentina (2,4 milhões) (TRENTO, 1989, p. 18)

O ponto mais alto da imigração italiana para o Brasil ocorreu no fim do século XIX. Todavia, por volta de 1900, começam a ser publicadas na imprensa italiana notícias das horríveis condições de vida de emigrantes italianos que não podiam abandonar as fazendas de café onde trabalhavam, pois, tinham dívidas, principalmente relativas ao pagamento dos custos de suas viagens, em outras palavras, os benefícios oferecidos eram um engodo, pois os fazendeiros cobravam de todos eles. Isto fez com que, em 1902, o governo da Itália emitisse o decreto Prinetti proibindo a imigração subsidiada de cidadãos italianos para o Brasil. O fluxo

de imigrantes diminuiu bruscamente já que, a partir de então, cada cidadão italiano que quisesse emigrar para o Brasil deveria ter disponibilidade financeira para arcar com os custos própria passagem para si e familiares (SCHWARTZMAN, 1999).

A Tabela 4 traz a imigração italiana para o Brasil, no período de 1884 a 1959, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 4 – Imigração italiana para o Brasil por períodos

Período	1884-93	1894-1903 (*)	1904-13	1914-23	1924-33	1934-44	1945-49	1950-54	1955-59	TOTAL
Quantidade	510.533	537.784	196.521	86.230	70.177	N/D	15.312	59.785	31.263	1.507.695

Fonte: IBGE/Imigração por nacionalidade 1884/1933 (2000);

IBGE/Imigração por nacionalidade 1945/1959 (2000);

(*) DECRETO PRINETTI (1902)

De acordo com Trento (1989), 44% da imigração italiana para o Brasil entre os anos de 1820 e 1888 foi direcionada para o Estado de São Paulo; entre 1889 e 1919 correspondeu a 67%; merece destaque o período entre 1900 e 1909, quando atraiu cerca de 79%. Em 1934, pode-se sentir a mudança demográfica, visto que 50% da população do estado era constituída de italianos e seus filhos. São Paulo concedia vários benefícios para os que quisessem imigrar para o estado, pagava um salário de 75.000 réis para adultos e meninos de 7 a 12 anos de idade; e o equivalente a 20% desse salário eram pagos para crianças de 3 a 7 anos, como incentivo à imigração italiana (TRENTO, 1989).

Foi construída uma Hospedaria de Imigrantes italianos no bairro do Brás – São Paulo, onde os imigrantes ficavam, no máximo, oito dias, conforme ilustra a Figura 13.

Figura 13 – Imigrantes italianos na Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo

Fonte: <http://www.famalia.com.br/?p=14341>.

O Bixiga notabilizou-se por ser um bairro especializado no abastecimento e na prestação de serviços, com raras fábricas em seu cenário. Em que pesem as diferenças entre as duas áreas, é possível traçar alguns paralelos entre ambas. Nos dois casos, a construção de casas destinadas à população menos abastada, independentemente das atividades produtivas exercidas por seus moradores, demonstra ter se tornado rentável e acessível a diversos tipos de empreendedores imobiliários (SCHNECK, 2016).

Durante o período (1880-1909), entraram aproximadamente 749.531 italianos no estado de São Paulo, no entanto, não se pode afirmar quantos ficaram na cidade, ou vieram para a cidade de São Paulo, tão pouco, quantos escolheram o Bixiga para morar. Estes números permitem dimensionar o aumento populacional da cidade e o reflexo desse aumento no bairro no que se refere à ocupação (SCHNECK, 2010).

Desta forma, não é difícil, ao observar na Tabela 5, afirmar que a população cresceu, significativamente, entre os anos de 1872 a 1895.

Tabela 5 – Habitantes da cidade de São Paulo, por nacionalidade, em 1872, 1886, 1890, 1893 e 1895

Ano	Estrangeiro		Nacional		Total
	N	%	N	%	
1872	2.082	8,0	23.938	92,00	26.020
1886	12.290	25,77	35.407	74,23	47.697
1890	14.303	22,03	50.631	77,97	64.934
1893	67.060	55,52	53.715	44,48	120.775
1895	71.000	54,62	59.000	45,38	130.000

Fonte: SANTOS (1998)

A imigração foi um fator determinante para o incremento populacional da referida data. Em 1895, mais da metade da população da cidade de São Paulo cerca de 66% dos 130.000 habitantes era formada por imigrantes. Segundo Santos (1998)⁹, a maioria era de italianos de 63,38%, seguida de portugueses 21,13%, espanhóis 6,76%, alemães 3,38%, franceses 1,55% (SANTOS, 1998; SCHNECK, 2010).

Os italianos que se instalaram no Bixiga e Bela Vista foram os calabreses, os napolitanos, no Braz e, os vênnetos, na Barra Funda. E, assim, os bairros foram sendo transformados de acordo com a cultura e origem de cada região da Itália.

O movimento da imigração italiana para São Paulo foi determinante nas influências culturais como a língua e seus dialetos, a gastronomia e a forma de trabalhar, no século XIX. Com isto é correto afirmar que a cidade passa a ter uma forma singular de abastecer-se de produtos e serviços.

Em 1880, de acordo com a pesquisa de Cirrincione (2010), os italianos desistiram da agricultura em função das inúmeras possibilidades que a urbanização oferecia. Logo se transformaram em artesãos e pequenos comerciantes e inicia-se a partir deste momento a influência italiana no bairro do Bixiga, inclusive expulsando os negros da região que, na visão dos italianos não tinham perfil para trabalhar no comércio e demais atividades de serviços.

⁹ Carlos José Ferreira dos SANTOS. Nem tudo era Italiano: São Paulo e a pobreza. 1890-1915, São Paulo: ANNABLUME, 1998.

De acordo com Moreno (1996) aqueles que haviam fugido dessa fazenda de café, 90% eram da cidade de Rossano, na Calábria e “acabaram caindo no Bixiga”, por tratar-se, praticamente do centro da cidade, suas forças se renovaram. A Líbero Badaró, São Bento, a Consolação e a Paulista onde residiam todos os barões do café, e o caminho de Santo Amaro, atual Brigadeiro Luís Antônio. Os campos do Bixiga ficavam no meio deste triângulo, todos esses indivíduos ficaram no Largo do Piques, atual Praça da Bandeira, porém, existia um grande problema, não tinham um ofício.

Armandinho do Bixiga deu um depoimento a Moreno:

[...] meu avô, para dar um exemplo, teve uma idéia. Ele ia no mercadão e comprava queijo. Punha os queijos numa cesta, no braço, e saía vendendo na cidade, na Consolação, na Paulista, na Brigadeiro. Um monte de gente se virava vendendo queijo, outros cebola, outros batata, outros alho. E todo esse terreno aqui do Bixiga pertencia a um português chamado Antônio Leite Braga. Vendo que nesse comércio os italianos começaram a ganhar um dinheirinho, ele fez o primeiro loteamento no bairro, em 1881, para vender para esses italianos. [...] Era interessante que o terreno que meu avô comprou e todos os terrenos, se você andar pelas casas antigas aqui do bairro, vê que eles têm pouca frente e muito fundo. ... Porque valia a frente. Pegava o quanto queria de fundo. Então eles começaram a comprar esses terrenos. Comprados esses terrenos, quem vai fazer as casas? Então eles começaram a escrever para a Calábria: “Quem é pedreiro vem para cá porque nós estamos comprando uns terrenos, estamos ganhando um dinheiro”. Então começaram a vir os primeiros pedreiros italianos. Todo mundo sabe que o italiano é *chiacchiarone*, gosta de contar vantagens. Então esses pedreiros chegaram aqui em São Pulo e se intitularam os *campomastre*, os mestres dos mestres. Mentira. O pessoal daqui colocou o apelido neles de engenheiros de cabo de guarda-chuva, porque eles riscavam o chão com a ponta do guarda-chuva, para indicar onde seria feito o quarto, a cozinha, o banheiro. Tanto é que se você olhar todas as casas do Bixiga, nenhuma tem um estilo definido. A turma até caçoava chamando de “estilo macarrônico” (MORENO, 1996, p. 27-30, *sic*).

A Figura 14 ilustra esse “estilo macarrônico” uma casa construída na rua Santo Antônio. O casarão é dos primeiros anos do século XX, e um dos mais antigos, trata-se de uma construção que apesar de já ter sido um tanto quanto alterada ao nível da rua, com a construção de um pequeno ponto comercial, ainda preserva na sua fachada a grande maioria de suas características originais, como os detalhes em seu frontão ricamente ornamentado no estilo *art-nouveau* (FERREIRA JÚNIOR, 2009).

Figura 14 – Casarão no Bixiga estilo calabrês, início do século XX

Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/rua-santo-antonio-663/>

A arquitetura foi sendo desenvolvida e estruturada com mestres de obras especializados que adaptavam os projetos conforme as demandas de comércio e serviços do bairro. O bom gosto duvidoso, muitas vezes, era questionado, entretanto, a forma de trabalhar simples e rápida agradava os empresários brasileiros (CIRRINCIONE, 2010).

Lanna (2011) chama a atenção para o papel desempenhado pelos imigrantes italianos tanto na construção do espaço físico, como na conformação de uma identidade cultural ímpar que fez do Bixiga, um bairro diferente dos outros, ainda que ocupados por imigrantes do mesmo grupo.

As residências tinham características peculiares com destaque para frentes estreitas e entrada lateral, cozinha e banheiros nos fundos e porões (cantinas), era uma estrutura em que havia uma combinação de usos residenciais e profissionais (SCHNECK, 2010).

Duas situações permeavam a vida daquelas pessoas, a instabilidade e a precariedade, no entanto, parece que a incerteza não era um fenômeno circunscrito aos moradores da Várzea do Carmo ou do centro da cidade, mas expandia a qualquer espaço ocupado pela população mais pobre. Schneck (2016) observou que essas situações eram impostas, também, aos utilizadores do Bixiga, onde,

[...] os proprietários ou inquilinos dos inúmeros armazéns e pequenos serviços também devem ter representado um papel crucial na vida de moradores às voltas com problemas de insolvência: vendendo fiado, postergando a cobrança de dívidas antigas, emprestando dinheiro para o pagamento de aluguéis atrasados, para a prestação do mascate, para a compra de remédios... Por outro lado, permite evidenciar as interfaces do bairro com outras áreas e seu papel na cidade em transformação e a espacialização dos espaços (SCHNECK, 2016, p. 42).

Ainda que não fosse possível determinar com precisão os motivos, constatou-se que no Bixiga o imigrante desempenhou papéis diversos dos encontrados em outros bairros, onde o cenário era associado a elementos da estrada de ferro/fábricas/operário (SCHNECK, 2010).

Alvim (1986, p. 61) estudou a história dos imigrantes italianos na cidade de São Paulo e teceu a seguinte observação “é preciso estar atento aos valores próprios da sociedade pré-industrial e às diferenças regionais”, que permitiam identificar os vênets, os calabreses, os lombardos e outros, muito mais do que como italianos, já que isso contribuiu em sua integração à sociedade paulista.

Porém, essa integração à sociedade e ao espaço urbano não se deu de maneira linear, esta se relacionava a forma como se inseriram naquele contexto de transição. De acordo com Santos (1998), no que se refere ao trabalho feminino e infantil nas indústrias têxteis, os documentos pesquisados permitem inferir que:

[...] além da qualificação técnica, os patrões [...] presumivelmente procuravam operários que pudessem incorporar a ordem do trabalho, os valores e os comportamentos que atendessem aos padrões sociais e culturais esperados (SANTOS, 1998, p. 274).

Schneck (2010) chamou a atenção para o fato de que em quase todas as atividades desenvolvidas pelos imigrantes não se cogitava a menor oportunidade de uso da mão de obra local (branca ou negra), tida como “atrasada, ignorante, tecnicamente desqualificada e não submissa”. Dessa forma, a inserção social do imigrante por meio do trabalho, pode ter sido facilitada, no entanto, quando

demonstraram um engajamento político ao participar das primeiras manifestações começaram a ser criticados.

Ainda, no contexto da integração à sociedade e ao espaço urbano, os italianos tinham arraigados em si, outros aspectos culturais. Na alimentação, inseriram o consumo de massas, de molhos, de sopas e do vinho. Aos domingos o prato principal era macarronada, sendo a massa e molho produzidos em casa. “O ato de comer era sempre uma oportunidade de reunião e convívio”. Os alimentos significavam um alento em meio ao constante movimento de adaptação (OLIVEIRA; LANNA, 2014).

O significado da comida para os imigrantes deu origem a uma rede de estabelecimentos comerciais voltados para importação, comercialização e consumo de produtos típicos de outras nacionalidades. Foi por meio desta inovação no comércio que as vendas, quitandas e os pequenos estabelecimentos possibilitaram ao imigrante o acesso aos ingredientes de apoio à produção de sua culinária típica. Consequentemente, a demanda pelos produtos importados permitiu o desenvolvimento de uma produção informal e caseira de produtos familiares aos estrangeiros, abrindo espaço para um mercado independente de produção local, especificamente voltado para a culinária de cada uma das nacionalidades (OLIVEIRA; LANNA, 2014).

O vasto contingente de imigrantes e a aceitação pelo brasileiro, da culinária italiana, facilitou a circulação desta fora dos bairros étnicos não só pelos vendedores de rua, mas, por meio do comércio informal de massas e pães que eram produzidos em casa pelos italianos e, também pelos hotéis, pensões e restaurantes reconhecidos como de extrema importância no domínio e mescla das práticas culinárias italianas e brasileiras (OLIVEIRA, 2006).

O almoço da família era servido pelas mulheres em casa. À tarde estas mulheres iam à padaria italiana do Bixiga e compravam o “Pão de Peito” (nome dado ao pão italiano redondo) já na rua Treze de Maio conforme relatos arquivados no Museu do Bixiga (SILVA, 2013).

Este pão era partido ao meio, tirava-se o miolo e era acrescentado pimentão recheado, sardela e berinjela. Era o lanche servido como jantar para a família imigrante italiana. O homem da casa saía para a boemia com um pão deste tipo amarrado e embalado por volta das seis horas da tarde em direção às cantinas italianas. Lá jogavam cartas e conversavam. Às 10 horas da noite abriam estes

lanches trazidos de casa e tomavam as bebidas da cantina, juntamente com outros quitutes italianos feitos pelas cantinas. Lá era vendido o vinho italiano (MORENO, 1996).

Linguiça calabresa é um tipo de linguiça condimentada com pimenta calabresa. Não é italiana como pode parecer e foi criada no Brasil, sob influência da imigração italiana, essa linguiça é muito apreciada como cobertura para pizzas e sanduiches.

Outros relatos do comércio como o surgimento dos brechós são da Rua Formosa, atrás do correio no ano de 1901. Lá foi estabelecido o primeiro brechó da cidade de São Paulo. Eram armazéns grandes. As roupas eram de falecidos imigrantes italianos da cidade. Caracterizada como “roupas dos mortos”. Este comércio foi descaracterizado com o fim da Segunda Guerra Mundial, apenas alguns continuaram. Nesta data os alfaiates da região tiveram o ápice da profissão com os ternos costurados e feitos à mão, em 1910 (MORENO, 1996).

Entre 1870 e 1920 São Paulo passa por uma transformação na vida familiar e urbana. O poder aquisitivo e de consumo modifica-se com a ampliação das exportações do café produzido no Oeste da Província. Neste cenário de enriquecimento, as famílias de fazendeiros passam a residir na capital e a estrada de ferro abastece com rapidez e eficiência os produtos importados para a construção doméstica e o consumo de seus proprietários, como roupas e artigos de decoração. “O processo é de mão dupla: São Paulo exporta produtos agrícolas e, ao mesmo tempo, torna-se o polo das trocas de tudo aquilo que os centros urbanos industrializados internacionais produzem” (BUENO, 2012, p. 30).

3.5 O Papel dos Cinemas e Teatros

A expansividade e a alegria dos italianos quando se fala em comidas, bebidas e cantorias criou uma demanda pelos estabelecimentos de lazer e da vida noturna. Por exemplo, a sociedade italiana de danças Gabrielle D’Anunzio, na rua Major Diogo, foi criada em 1919, no entanto, não resistiu à segunda Guerra Mundial (1939-1945), e foi fechada em 1942.

Sobre os Teatros e a vida noturna até 1947, São Paulo tinha pouquíssimos. Eram o Teatro Municipal, o Teatro Santana, o Teatro Colombo. No Bixiga não existia nenhum. Nesses poucos teatros só se apresentavam as grandes companhias, algumas fora da Itália. E nos intervalos dessas companhias os brasileiros poderiam se apresentar. Os amadores dessa época eram Paulo Autran, Tônia Carrero, Maria Della Costa, Sérgio Cardoso, Nidia Licia. Então Franco Zampari, um italiano ligado à arte, alugou o (Teatro Brasileiro de Comédia TBC). O TBC estava fechado e foi transformado em teatro para os amadores brasileiros. Em 1948, deu-se início à profissionalização do Teatro Brasileiro. Vizinho do TBC (está no lugar até hoje) de acordo com levantamento (*in loco*) Joe Kantor abriu uma boate chamada Nick Bar.

A ligação entre divertimento e cultura mostrou-se rentável, pelo faturamento apresentado pela bilheteria durante os dezesseis anos de atividade do teatro, que contava, ainda, com uma oficina de produção teatral (carpintaria, marcenaria, sala de leitura, almoxarifados para cenografia e figurinos) (GONÇALVES, 2016).

O *Nick Bar* foi a tradução que arrumaram para uma peça que havia feito muito sucesso nos Estados Unidos, considerado o maior sucesso da época. Aí o Teatro Brasileiro de Comédia juntamente com o *Nick Bar* se tornaram um ponto de encontro dos artistas. Quem cantava no *Nick Bar* era Dick Farney. Os artistas começaram a se encantar pelo Bixiga, centenas deles começaram a arrumar casa para morar por lá. Assim, quem frequentava o Nick Bar, ia comer antes ou depois na Capuano. Este era o grande turismo do Bixiga. Aí Maria Della Costa e o Sandro montaram o teatro Maria Della Costa na Paim.

A atriz Nidia Licia e Sérgio Cardoso, que eram casados, alugaram o Cine Espéria, inaugurado na década de 1920, na Conselheiro Ramalho e o transformaram no Teatro Bela Vista, em 1954. Em 1972 passou a se chamar Teatro Sérgio Cardoso. E assim, o bairro foi sendo caracterizado como bairro da boemia paulistana, palco de espetáculos, bares e restaurantes (SILVA, 2013).

Por ser conhecido como a *Broadway* Brasileira foram surgindo outros teatros, o Arena em 1958, o Oficina em 1961 na rua Jaceguai, onde antigamente existia um teatro espírita; o Cacilda Becker, o Ruth Escobar em 1964, o 14 de Maio, o do Bixiga, o Zaccaro – no lugar do cine Rex, esquina atualmente ocupada pelo teatro Opera, o Nelson Rodrigues – na praça Dom Orione, inaugurado em 1999, onde era uma igreja, o Markanti, o Aquarius, onde encenadas as maiores montagens e vieram a atuar os maiores nomes do teatro brasileiro (MARZOLA, 1985).

Esse contexto foi favorável ao surgimento de uma série de teatros, cantinas e boates que junto com o glamour da vida noturna atraíram os ditos intelectuais que vieram morar nas imediações (SACCHETO, s.d.).

A consolidação da gastronomia no Bixiga foi reforçada com o surgimento, em 1958, do açougue Wessel, na rua Manuel Dutra, nº 434, cuja arte de trabalhar a carne o transformou em um frigorífico que abastece pontos de venda na cidade (SILVA, 2013).

Os primeiros cinemas foram o Cine Teatro Espéria, em 1920, para a classe assalariada e o Rex, em 1940, para os espectadores mais refinados da sociedade paulistana, que depois transformou-se em teatro Aquarius e discoteca, na esquina da Rui Barbosa com a Conselheiro Carrão. Com o passar do tempo o bairro foi se apropriando de suas atividades de lazer e recreação. Em seguida veio o Cine Monark, na Brigadeiro Luís Antônio.

“Rebeca”, o filme escolhido para a estreia do Cine Rex, emprestou nome à sorveteria aberta em frente à igreja da Acquiropita, na rua Treze Maio, nº 479 gerando o *footing* que ia do cinema até a sorveteria (SACCHETO, s.d.).

Em 1930 surge a Vai-Vai como clube de futebol e cordão de carnaval, como uma dissidência da Cai Cai, o que completou as atividades de recreação e lazer, já assumidas pelo bairro (SILVA, 2013).

Em 1929, na rua Brigadeiro Luiz Antônio – que também já pertenceu ao Bixiga, bem próximo da Treze de Maio, o Teatro Paramount, chega como um braço hollywoodiano do grupo Paramount, considerando a possibilidade de trazer os musicais da *Broadway*. No entanto, sua existência não foi tão glamorosa e, após incêndios, uso para cinema pornô e quase estacionamento, com sua fachada *art nouveau*, foi transformado, em 2001, no Teatro Abril, com a proposta original, isto é, musicais (SACCHETO, s.d.).

De uma forma geral, no que tange à constituição do bairro do Bixiga é correto afirmar que a diversidade cultural de todos os imigrantes residentes ou não no local foi naquela época destacada e, ainda hoje se mantém viva. A relação de influência do morar e trabalhar, ou seja, exercer as atividades de subsistência criou um laço muito forte entre os seus moradores e frequentadores. Neste contexto, destaca-se a influência religiosa tanto de negros quanto de italianos que, também, muito colaborou para o desenvolvimento e a criação de novas atividades comerciais. Estas passaram a desenvolver-se, manter-se e, outras se transformaram e se adequaram

às novas características do bairro, absorvendo as influências do mercado imobiliário assim como das novas formas de expressão do comércio.

No Capítulo 4 será abordada a origem, a transformação e a consolidação da rua Treze de Maio e sua influência no comércio do Bixiga até os dias atuais, por meio de um estudo de caso.

4 ORIGEM, TRANSFORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA RUA TREZE DE MAIO: UM ESTUDO DE CASO

Para a compreensão dos processos que envolveram a origem e o desenvolvimento da rua Treze de Maio, suas transformações e manutenção da vitalidade no tempo, faz-se necessário remontar à sua origem, que por sua vez remete, imediatamente ao estudo do Bairro de o Bixiga, no qual ela se insere, e do qual é a principal referência.

Se o processo de considerar o passado de um território está relacionado ao que se espera de seu presente, acredita-se ser imprescindível reconsiderar a memória que já se tem desse lugar.

Na trajetória do resgate das informações da rua Treze de Maio, principal objeto deste trabalho, adotou-se a estratégia de usar a história como base cronológica e, na sequência, após estudos profundos destes dados foram extraídas as informações relacionadas às atividades terciárias da mesma.

O resumo histórico tratado anteriormente subsidia o objetivo principal deste capítulo que é levantar, analisar e compilar as atividades terciárias encontradas na rua Treze de Maio de 1900 a 2017.

4.1 Construção Espacial das Relações de Comércio do Bixiga

O primeiro indicador da viabilidade econômica desse empreendimento foi a ocupação do espaço, datada de 1882, com a construção das primeiras casas. Em 1890, o engenheiro Fernando de Albuquerque elaborou uma “Planta dos Terrenos do Bexiga – 1890” (Figura 15). Nada mais do que um croqui apresentando o loteamento, cujo arruamento já se mostrava praticamente igual àquele encontrado nas plantas anteriores (MARZOLA, 1985).

Neste documento, Planta dos Terrenos do Bixiga, existem menções, no mínimo curiosas, “linha(s) de bonde(s) projetada(s)” para a avenida Celeste (atual rua Major Diogo) e sua Santo Amaro (na verdade, Santo Antônio) advertem acerca da intenção de implementação do serviço de transporte público, o que valorizou o

empreendimento (SCHNECK, 2010), confirmando a importância de um fluxo já existente.

Figura 15 – Mapa de vendas dos Campos do Bixiga 1890 – 12 anos depois da inauguração do loteamento (01/10/1878)

Fonte: Elaborado a partir de: Arquivo Aguirra/Museu Paulista/USP (1878). Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1890.htm>. Acesso em 20/02/2015

Ao analisar a planta feita por Jules Martin, em 1890, (Figura 14) já se pode visualizar o que viria a ser a via “Aterrado da Bella Vista” (SCHNECK, 2010, p. 56).

Nesta planta de 1890, o bairro do Bixiga aparece como fato consumado, da perspectiva do projeto de Fernando Albuquerque (Figura 14). Do lado esquerdo do mapa, nota-se que todas as ruas já estão devidamente identificadas, ainda que não fossem definitivas. Horizontalmente, têm-se as ruas Conselheiro Antonio Prado e da Horta que deram lugar às ruas Manoel Dutra e Fortaleza. Perpendicular a elas, têm-se as ruas Pires da Motta, dos Valinhos e da Misericórdia que, por sua vez, deram lugar às ruas Treze de Maio, Major Diogo e Abolição.

Do encontro das ruas Santo Antonio e São Domingos, surge o caminho do “aterrado da Bella Vista”, em direção da rua da Consolação que a partir de 1895 passou a ser identificada como rua Martinho Prado (Figura 16).

Observa-se que os critérios que regularam a escolha deste ou daquele bairro para homenagear personagens ou fatos históricos mudavam de acordo com a importância do cargo ou do bairro.

Figura 16 – A área ocupada pelo loteamento se concentra entre as ruas Santo Antonio, Major Diogo e Santo Amaro. Os sinais de futura ocupação são representados por linhas tracejadas, denominadas Caminho da Fonte, Monte Alegre e Saracura, todos à esquerda da Rua Santo Antonio.

Fonte: Elaborado a partir de: <https://aquipassaumrio.wordpress.com/2013/04/09/sao-paulo-1895/>.

A área na qual se insere o loteamento do Bixiga fica concentrada entre as ruas Santo Antonio (ao Norte), Major Diogo (à direita) e Santo Amaro (ao Sul). As áreas que ultrapassam esses limites têm densa vegetação e mostram a existência de porções de terrenos ainda vazios. “Os sinais da futura ocupação são dados pelos caminhos tracejados, denominados então de Caminho da Fonte, Monte Alegre e Saracura, todos à esquerda da rua Santo Antonio. As vias propostas no

loteamento ali estão, quase todas, com seus nomes atualizados” (SCHNECK, 2010, p. 62).

Na Planta de 1897 (Figura 17) constata-se o crescimento da área urbanizada da cidade, com o preenchimento dos vazios identificados nas plantas anteriores. Os bairros mais antigos e os recentes apresentam os nomes atualizados de suas ruas, assim como o prolongamento previsto para umas ou a abertura de outras, o mesmo acontecendo com os novos loteamentos. Porém, permanecem certas imprecisões quanto à localização e denominação de alguns logradouros (SCHNECK, 2010).

Figura 17 – Desenvolvimento da área urbanizada

Fonte: Elaborado a partir de SCHNECK (2010). Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4(20): set/out.2008<<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Consulta em 14/05/2016.

As ruas do loteamento mantêm a mesma nomenclatura encontrada na Planta de 1895, com exceção da pequena travessa Santo Amaro que passou a se chamar Jacarehy. Persistem algumas imprecisões no que se refere à localização e

nomeação de algumas ruas. Destacado em roxo (entre as ruas Monte de Ouro e Treze de Maio) localiza-se uma pequena rua sem saída, denominada rua do Sol. Esta via não existiu e a rua do Sol é a via em tom mais claro, que corta a quadra, entre as ruas São Domingos e Manoel Dutra. À esquerda das ruas Santo Antonio e a Treze de Maio, ainda existe um espaço vazio, aberto para uma ocupação futura. No destaque em rosa, está a quadra doada por Antonio José Leite Braga para a construção da sede da Santa Casa de Misericórdia (SCHNECK, 2010).

Quase duas décadas depois do lançamento do empreendimento, observa-se o processo de crescimento do bairro do Bixiga de forma mais eficiente. A planta (Figura 16) consegue demonstrar que a ocupação se deu de forma desigual. Ruas consideradas as principais do bairro como ruas Santo Antonio, Conselheiro Ramalho, Jacaré e São Domingos, parecem estar ocupadas em toda a sua extensão. Outras, no entanto, como as ruas Treze de Maio e a Major Diogo apresentam ocupação em apenas um dos lados. As da Abolição, Conselheiro Carrão e Maria José, ainda não possuíam seus trajetos prolongados (SCHNECK, 2010).

As ruas do Sol e Monte de Ouro mantinham a nomenclatura antiga, e as ruas São Vicente e Dr. Ricardo Batista, ainda, não havia sido aberto (REIS, 2004). De forma simultânea, alguns negócios já estavam instalados no Bixiga e, na primeira década do século XX (1900-10), constata-se a presença dos seguintes tipos de comércio: quitandas, armazéns de secos e molhados, açougues, jogos de bola, padarias e oficinas o que denota que houve uma consolidação das atividades comerciais ali instaladas (SCHNECK, 2016).

Na Figura 18, planta da cidade de São Paulo, de 1913, nota-se que os quarteirões do Bixiga estão demarcados em tons mais escuros indicando quadras já ocupadas por edificações. Na quadra compreendida pelas ruas Treze de Maio e Caminho da Saracura, entre a rua Conselheiro Carrão e a via tracejada abaixo, provavelmente a Alameda Lima (atual Alameda Joaquim Eugênio de Lima). À direita da rua Santo Amaro e da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, o núcleo original do Bixiga se expande em direção ao bairro da Liberdade, conformando parte do que se conhece como Bella Vista. Nas áreas em roxo, destacam-se as três escolas públicas do bairro: o Grupo Escolar Santo Antonio (rua Santo Antonio), o Grupo Escola da Bela Vista (rua Major Diogo) e a Escola Modelo Maria José (rua Treze de Maio, esquina com Manoel Dutra) (SCHNECK, 2010).

Figura 18 – Demarcação dos quarteirões do Bixiga, em 1913

Fonte: SCHNECK (2010). Histórico demográfico do Município de São Paulo (SEMPA). Disponível em: <http://sempa.prefeitura.sp.gov.br/historico>. Consulta em 14/05/2016

Essa consolidação, também, foi percebida por meio das instalações de atividades institucionais, destacadas no mapa da Figura 18, que também contribuíram para o fluxo de pessoas e fortalecimento das atividades terciárias na rua Treze de Maio. Vale lembrar, que oficialmente a rua Treze de Maio passa a existir a partir de 1916, no entanto, já aparece mapeada (Figura 18).

Os moradores do Bixiga se movimentavam pelos bairros ocupados pelas camadas médias e altas da população – o Morro dos Ingleses, a Liberdade, o Paraíso, a Avenida Paulista e, desde os anos 1920, a Vila América (atual Jardim Paulista). Excetuando-se a Liberdade e o Paraíso, que apresentavam uma mescla de usos residenciais e comerciais, os demais bairros apresentavam uma característica significativamente residencial. Neste contexto, é aceitável a ideia de que a localização do Bixiga em relação a esses outros bairros colocasse os negócios de comércio de alimentos em uma posição de destaque (REIS, 2004).

4.2 Fundação da Rua Treze de Maio

No início era denominada rua Pires da Mota, conforme Figura 15, no entanto, em 1916, foi oficializada como rua Treze de Maio. Não foram encontradas informações suficientes que comprovem a data exata da origem da rua. A partir da busca realizada na base de dados do Núcleo de Denominação e Logradouros Públicos da cidade de São Paulo foi reunida a seguinte informação.

O logradouro teve seu nome oficializado pelo Ato nº 972, de 24 de agosto de 1916, que reconheceu como oficiais todas as vias públicas constantes na Planta da Cidade produzida, nesta época, pela Divisão Cadastral da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura. Na verificação do acervo local e bibliografias e justificativas, não foram identificadas informações detalhadas além da seguinte para justificar a escolha do logradouro: “Treze de Maio de 1888, data da assinatura da célebre Lei Áurea que aboliu a escravidão negra no Brasil” (MORENO, 1996).

É entendido desta forma que a cultura negra na região do Bixiga e suas influências culturais ao que parece foram fatores determinantes para a escolha do nome da rua Treze de Maio, informações estas confirmadas durante a entrevista com o senhor Walter Taverna, proprietário da cantina “A Taberna”.

4.2.1 Histórico das atividades de comércio a partir de 1900

Os relatos históricos e pesquisas em jornais e revistas da época reforçam a hipótese mais provável para a formação do comércio na rua Treze de Maio descrita a seguir (MORENO, 1996).

O comércio na rua Treze de Maio, objeto deste estudo, iniciou-se pelas mãos do imigrante italiano que comprava queijos e especiarias no Mercado Municipal da cidade de São Paulo e saía vendendo na cidade, na Consolação, na Paulista, na Rua Brigadeiro Luís Antônio (MORENO, 1996). O comércio porta a porta seguiu trazendo mercadorias do Mercado Municipal e vendendo pelo bairro que crescia e se fortalecia como uma rede italiana de negócios. E o corredor desta atividade de serviços era marcado pelo fluxo na rua Treze de Maio.

De acordo com os relatos da época encontrados no “Museu do Bixiga”, os ambulantes acordavam cedo e às nove horas da manhã, iam para um armazém, mais tarde chamado de Cantinas (ou tabernas). Existiam (sete) no bairro, (quatro) delas na rua Treze de Maio. Destaca-se que não foram encontrados relatos sobre os nomes comerciais ou populares destes armazéns datados do ano de 1900. Apenas duas referências, na região, em 1890, a padaria “A Italianinha” ou “A Lucânia”, em 1860 (MORENO, 1996).

Nestes espaços com mesas, pela manhã serviam caipirinhas e pingas, no horário que os homens terminavam o trabalho e chegavam à cantina e lá permaneciam até às 12h00. O almoço da família era servido pelas mulheres em casa. À tarde estas mulheres iam à padaria italiana do Bixiga e compravam o “Pão de Peito” (nome dado ao pão italiano redondo), já na rua Treze de Maio, conforme relatos arquivados no Museu do Bixiga.

Segundo SILVA¹⁰ (2013)

A especialização da Rua Treze de Maio em restaurantes tem origem nos costumes trazidos pelos italianos que se estabeleceram no bairro do Bixiga. Inicialmente com as padarias que surgiram a partir do costume de dividir com os vizinhos o excedente do pão que era feito para a família, praticado por aqueles que fundariam em 1860 a padaria Lucânia que foi a primeira delas (SILVA, 2013, p. 23).

Estas informações indicam que os serviços de alimentação começaram desde cedo na região.

Segundo Saccheto (2001), as cantinas surgem como decorrência destas padarias/mercearias, pois, para os italianos, cantina é a adega onde se guardavam os vinhos, que passaram a ser vendidos. Em São Paulo, estas primitivas cantinas também abriam espaço para encontros no fim da tarde onde os homens se reuniam para beber, jogar, discutir e cantar, tendo assim permanecido até o início do século XX. Fato esse relatado, anteriormente no capítulo 2, destacando o papel do cinema e do teatro no Bixiga.

Este pão era partido ao meio, tirava-se o miolo e era acrescentado pimentão recheado, sardela e berinjela. Era o lanche servido como jantar para a família imigrante italiana. O homem da casa saía para a boemia com um pão deste tipo

¹⁰ Jéssica SILVA aluna de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAUSP (LABCOM). Desenvolveu uma pesquisa para catalogação histórica das ruas especializadas em comércio na cidade de São Paulo.

amarrado e embalado por volta das seis horas da tarde em direção às cantinas italianas. Lá jogavam cartas e conversavam. Às 10 horas da noite abriam estes lanches trazidos de casa e tomavam as bebidas da cantina, juntamente com outros quitutes italianos feitos pelas mesmas, era vendido, também, o vinho italiano. (MORENO, 1996). Este fato reforça o caráter social de uma imigração que trouxe para a rua Treze de Maio, pela primeira vez, o hábito de comer fora de casa.

Outros relatos sobre a atividade comercial referem-se ao surgimento dos brechós, na rua Formosa, atrás do correio no ano de 1901. Lá foi estabelecido o primeiro brechó da cidade de São Paulo. Eram armazéns grandes. As roupas eram de falecidos imigrantes italianos da cidade. Caracterizada como “roupas dos mortos”. Este comércio foi descaracterizado com o fim da Segunda Guerra Mundial, apenas alguns continuaram (MORENO, 1996).

Segundo Moreno (1996), o pai de Armandinho era alfaiate e a oficina ficava na própria casa, aliás, uma peculiaridade não só do Bixiga, mas de todos os centros urbanos em sua origem, o que denota importante destaque para a construção da história resiliente dos estabelecimentos comerciais do bairro ou das cidades.

Tal proximidade da rua Formosa com a Treze de Maio explica existir, atualmente, no seu segmento brechós e lojas especializadas em artigos antigos (antiquidades), como a feira aos domingos da Praça Dom Orione da qual foram encontrados, apenas, relatos de surgimento em 1910.

A Figura 19 apresenta a rua Treze de Maio em 1900.

Figura 19 – Rua Treze de Maio 1900

Fonte: Jornal Folha de SP: 1900 – Rua Treze de Maio

Muitas mudanças aconteceram no fim do século XIX, início do século XX, no que se refere ao comércio da cidade de São Paulo. Segundo Frehse (2011)¹¹ é importante destacar que as ruas da cidade tinham um movimento atrelado à circulação de mercadorias e mercadores. Eram velocípedes e bicicletas carregando anúncios e a circulação aumentava à medida que o fluxo de mercadorias crescia por meio do comércio. As lojas multiplicaram-se, em especial as três ruas mais movimentadas da cidade: Do Rosário, Direita e São Bento promoviam um corredor de vitrines.

A configuração do bairro do Bixiga naquela época abrigava negócios, predominantemente voltados para abastecimento das necessidades básicas de seus moradores e vizinhança (SCHNECK, 2010). Segundo a pesquisadora que levantou 176 casos sobre as atividades comerciais no Bairro do Bixiga¹² foram encontrados poucas fábricas, alguns espaços de prestação de serviços gerais, oficinas de atividades de metais, mas, o predomínio é alimentício o que corrobora uma característica da cultura italiana.

Além destes casos a pesquisadora levantou e localizou 71 requerimentos que envolviam licença para reforma e acréscimos de prédios em uso misto. Neste caso sendo ocupados, segundo ela, por oficinas de costura ou alfaiataria, padarias e, sobretudo, por estabelecimentos denominados como armazéns (SCHNECK, 2010).

Quanto à origem dos comerciantes, como já, anteriormente, relatado, os italianos representavam a grande maioria, buscando aí trabalho e residências baratas para morar. E o jeito italiano do bairro foi sendo desenhado também na rua Treze de Maio.

Na Tabela 6 apresenta-se o percentual por nacionalidade no bairro do Bixiga.

¹¹ Fraya FREHSE escreveu *Ô da Rua – Abordagem do início do século XX sobre as ruas da cidade de São Paulo e as atividades de comércio*.

¹² Os dados foram obtidos na *Série Obras Particulares* reúne um conjunto de documentos de construções que foram modificadas ou demolidas entre no período entre (1870 – 1922) importante fonte de pesquisa para os estudos da arquitetura e história da urbanização da cidade.

Tabela 6 – Percentual por nacionalidade dos negócios no Bairro do Bexiga

Nacionalidades	Nº Usuários	%
Brasileiros e/ou Portugueses	20	11,30%
Italianos	142	80,22%
Outros	6	3,39%
Não identificados	9	5,09%

Fonte: (SHENECK, 2010)

Por outro lado, as atividades de comércio do bairro e, mais especificamente as da rua Treze de Maio, se diversificaram conforme Tabela 7 construída nesta tese, embasada em Schneck (2010) e Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, de 1913 que possuíam as atividades comerciais da rua Treze de Maio na cidade de São Paulo.

4.2.2 Levantamento das atividades de comércio de 1900 a 1931

As tabelas construídas a seguir foram embasadas no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert, publicado no período de 1844 a 1940. Embora o Almanaque Laemmert fosse publicado no Rio de Janeiro, ele contemplava todos os estados brasileiros, sendo considerado por muito tempo uma das poucas fontes de registro das atividades comerciais daquela época.

No caso de São Paulo, a importância que o estado adquiriu já no início do século XX era significativa, e por isso desde 1913 havia um volume inteiro dedicado ao estado. O Almanaque Laemmert mudou de mãos várias vezes até os últimos números que datam dos anos 1940. Esse material que foi utilizado pela pesquisadora Sheila Schneck¹³ possibilitou a estruturação e as considerações a seguir apresentadas.

O objetivo da estruturação das próximas tabelas é entender e conhecer as atividades comerciais da rua Treze de Maio sob o ponto de vista de localização, tipologia, proprietários. Para tanto, optou-se pela cronologia por década, esta foi a

¹³ <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=AlmanakLaemmert>.

metodologia utilizada para levantar as informações para a descrição e compreensão da influência das atividades comerciais no fortalecimento da própria rua Treze de Maio e da região em si.

A Tabela 7 foi construída considerando os tipos de negócios identificados e o número de estabelecimentos instalados na rua Treze de Maio, totalizando 89 atividades, que foram separadas em categorias diferenciadas, para envolver todas as que possibilitassem algum tipo de remuneração, são elas:

- Comércio de alimentos;
- Serviços de alimentação;
- Comércio diversificado;
- Fábricas,
- Serviços pessoais, e
- Serviços Diversificados

Tabela 7 – Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1900 a 1931

TIPO	NEGÓCIOS/ATIVIDADES	Nº DE REGISTROS
Comércio de Alimentos	Açougue	5
	Leiteria	4
	Quitanda / Depósito de Frutas	5
	Secos e Molhados	28
SUBTOTAL		42
Serviços de Alimentação	Restaurantes	1
	Botequim	2
	Padaria	2
SUBTOTAL		5
Comércio Diversificado	Armarinho	4
	Farmácia	1
	Perfumaria	1
	Fumo	1
	Loteria	1
	Loja de Calçados	2
SUBTOTAL		10
Fábricas	Fábrica e comércio de móveis	1
	Fábricas de sabão e sabonetes	1
	Carvão vegetal	3
	Carpintarias	3
	Marcenarias	3
	Serralheiro	1
SUBTOTAL		12
Serviços Pessoais	Barbearias	4
	Sapataria	1
SUBTOTAL		5

Continua (...)

Continuação (...)

Tabela 7 – Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1900 a 1931

TIPO	NEGÓCIOS/ATIVIDADES	Nº DE REGISTROS
Serviços Diversificados	Advogados	2
	Construtores	1
	Corretores de mercadorias e navios	2
	Dentistas	2
	Engenheiros	1
	Guarda-livros	2
	Professor de Letras	1
	Professores de Piano	1
	Médicos	1
	Estabelecimento de Instrução	1
	Comissões, consignações por conta própria	1
	SUBTOTAL	15
TOTAL		89

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Como se nota, a Tabela 7 apresenta as atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1900 a 1931 como análise inicial, constituídas de cinco categorias: a) comércio de alimentos; b) serviços de alimentação; c) comércio diversificado; d) fábricas; e) serviços pessoais e f) serviços diversificados.

Gráfico 1 – Atividades produtivas na Treze de Maio (1900-1931)

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

O Gráfico 1 ilustra as atividades produtivas na Treze de Maio, no período de 1900-1931, sendo que o comércio de alimentos, que envolve as atividades de açougue, leiteria, quitanda e secos & molhados, foi a que se destacou, com 42 instalações, o que reforça a ideia de que a localização do Bixiga em relação aos bairros vizinhos favorecesse o comércio de alimentos.

Comércio de Alimentos:

No que se refere a essa categoria, foram encontrados 42 estabelecimentos que se dedicavam ao comércio de alimentos e 5 de serviços de alimentação. É um número relevante uma vez que 27% do total dessas duas atividades produtivas propagaram-se com o objetivo de satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos que viviam no Bixiga ou em regiões próximas.

Nota-se que eram pequenos comércios, direcionados às classes médias baixas que moravam no bairro ou a classes mais abastadas dos bairros vizinhos, todas as atividades instaladas na rua Treze de Maio, certamente ilustram essa dedução.

Os potenciais clientes dos produtos comercializados, por exemplo, nas quitandas não pertenciam ao núcleo de moradores do Bixiga

O Gráfico 2 ilustra atividade produtiva – comércio de alimentos encontrada à rua Treze de Maio, no período de 1900 a 1931, se refere à categoria comércio de alimentos.

Gráfico 2 – Comércio de alimentos – Treze de Maio (1900-1931)

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Conforme o Gráfico 2, o número de quitandas/depósito de frutas é 5, o que equivale a 10,63% da categoria comércio de alimentos, se comparada ao bairro do Bixiga onde existiam 76 quitandas no período pesquisado entre 1900 e 1931, de acordo com Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert, pesquisado quantitativamente, edição por edição, para o entendimento da evolução das atividades. Percebe-se que na mesma rua existiam vários estabelecimentos que competiam entre si. Naquela época poucas pessoas tinham acesso a geladeiras e o jirau continuaria a ser a forma mais eficaz para armazenar alimentos, enquanto a sua aquisição pudesse ser realizada, diariamente, na quitanda “ao lado” ou no bairro vizinho.

Neste cenário restava aos donos de quitandas se abastecerem nos atacadistas da cidade, entre eles, o Mercado de São João e o Mercado da Vinte e

Cinco de Março. Naquela época existia uma preocupação em delimitar espaços destinados ao abastecimento urbano de alimentos: Mercado de São João ou Mercado de Verduras, na atual Praça do Correio; o Mercado da Vinte e Cinco de Março conhecido como Mercado dos Caipiras, substituído, posteriormente pela visão mais moderna do Mercado Grande; e o Matadouro Municipal, localizado na rua Santo Amaro que, devido a problemas de higiene, foi transferido para o bairro de Vila Mariana, em 1887. Essas readequações dos espaços, no entanto, resultaram em problemas, como a distância dos novos bairros situados nos subúrbios da cidade, prejudicando o acesso dessa população.

No Gráfico 3 é apresentada a tipologia serviços de alimentação.

Gráfico 3 – Serviços de alimentação na rua Treze de maio de 1900-1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Eram tão poucos, os restaurantes, botequins e padarias (Gráfico 3), porque naquela época a sociedade não tinha o hábito de comer em restaurantes, a partilha dos alimentos na família dava uma certa segurança. O comer e o beber juntos além de fortalecer a amizade entre os elementos reforçavam as relações entre senhor e vassalos, até os acordos comerciais eram selados na taberna, diante de uma “panela”. O comer representava um dos momentos mais importantes do grupo

familiar, sendo que o ritual da refeição em si exigia a reunião de toda a família na sala de jantar à volta da mesa (FLANDRIN, 1998).

A imigração italiana impulsionou os restaurantes paulistanos com suas cantinas familiares, onde massas, pizzas e vinho eram motivos de agregação da comunidade (MELO, 2017).

O Gráfico 4 apresenta o comércio de varejo diversificado.

Gráfico 4 – Comércio diversificado na rua Treze de maio de 1900-1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Observa-se que a diversidade gira em torno do abastecimento das casas, tecidos, linhas, remédios, aviamentos, naquela época as roupas eram feitas em casa, pelas próprias mães. Os perfumes e sabonetes, loteria e loja de calçados estavam relacionados às necessidades básicas da sociedade daquela época.

Eram quatro armazéns que disponibilizavam tudo o que se relacionava à confecção de roupas femininas e masculinas – os aviamentos. Duas lojas de calçados, uma farmácia, uma perfumaria, um comerciante de fumo e um voltado para loteria.

O Gráfico 5 trata das fábricas instaladas na rua Treze de Maio.

Gráfico 5 – Fábricas instaladas na rua Treze de maio de 1900-1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Quanto aos serviços pessoais barbearias eram quatro e uma sapataria, conforme o Gráfico 6 ilustra.

Gráfico 6 – Serviços pessoais instalados na rua Treze de maio de 1900-1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

O gráfico 7 apresenta o grupo dos serviços diversificados.

Gráfico 7 – Serviços diversificados instalados na rua Treze de maio de 1900-1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Nota-se uma pulverização relacionada às variadas ocupações, por exemplo, os Serviços diversificados que ficaram em segundo lugar com 15 instalações. O número pequeno de profissionais especializados, nesta tipologia, permite concluir que ainda que pequeno, existe um indicativo de que o Bixiga, não era um espaço restrito aos menos favorecidos da cidade, assim como a Treze de Maio.

Para mostrar a evolução das atividades de comércio na rua Treze de maio as tabelas a seguir serão apresentadas por décadas, por exemplo, de 1900-1910; 1910-1920; 1921-1930, para facilitar a visualização e a compreensão das informações, uma vez que, entendeu-se que o período de uma década facilita o entendimento da evolução de cada tipologia. As tabelas foram construídas em ordem crescente de data de abertura e fechamento.

Quanto aos gráficos extraídos destas tabelas, a análise foi realizada anualmente, dentro da década, sendo consideradas as datas de abertura e fechamento de cada atividade.

Tabela 8 – Atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1901 a 1910

NOME	LOGRADOURO	Nº	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura/ fechamento)
Miguel Conrado	Treze de Maio	18	Açougues	1900 a 1907
José Orlando	Treze de Maio	39	Fábricas de sabão e sabonetes	1908
Antonio Perri	Treze de Maio	45-A	Botequins e bilhares	1908 a 1909
João Martinho	Treze de Maio	14	Botequins e Bilhares	1908 a 1909
Marmano Nemezio	Treze de Maio	2	Açougues	1908 a 1909

Fonte: Elaborado a partir de Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Atividades terciárias da rua Treze de Maio, 1901-1910

Gráfico 8 – Atividades terciárias da rua Treze de Maio (1901-1910)

Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

A partir do Gráfico 8, entende-se que as atividades como açougues naquela época se mostravam as mais duradouras, no entanto, não houve uma evolução quanto ao número de açougues nesta década, pois, a Treze de Maio continuava com um açougue somente. No que se refere aos açougues, no período estudado existiram dois, sendo que o mais antigo instalado em 1900, pertencia a Miguel

Conrado e ficava na rua Treze de Maio, nº 18, ao que tudo indica foi desativado em 1907. O outro açougue funcionou de 1908 a 1909, pertencia a Marmono Nenezio.

Continuando esta análise, no número 39 da rua Treze de Maio, em 1908, José Orlando era proprietário de fábricas de sabão e sabonetes, sendo a única.

As atividades de lazer como botequins e bilhares foram identificados nos nºs 14 e 45-A, entre 1908 e 1909, cujos proprietários eram João Martinho no número 14 e Antônio Perri no 45-A, sendo a primeira vez que esta atividade aparece **catalogada**, no Almanak Laemmert como serviços de alimentação.

A Tabela 9 compila as atividades comerciais de 1910-1920.

Tabela 9 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1910 a 1920

NOME	LOGRADOURO	Nº	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura/ fechamento)
1. José Hollanda	Treze de Maio	41	Secos e molhados	1913
2. Albino Lanzillo	Treze de Maio	109	Secos e molhados	1913
3. José Falcone	Treze de Maio	18	Açougues	1913 a 1923
4. Michelina Paulina	Treze de Maio	1-a	Secos e molhados	1913 e 1914
5. Vicente Bruno	Treze de Maio	3	Secos e molhados	1913 e 1914
6. José Hollanda	Treze de Maio	41	Quitandas	1913 e 1914
7. Rachelle Galli	Treze de Maio	42	Secos e molhados	1913 e 1914
8. Eugenia Petinatti	Treze de Maio	43	Quitandas	1913 e 1914
9. Jacintho Parisi	Treze de Maio	88	Secos e molhados	1913 e 1914
10. Natale Mingrone	Treze de Maio	n/c	Açougues	1913 e 1914
11. José Marino	Treze de Maio	10	Secos e molhados	1914
12. Alcebíades Gouvêa	Treze de Maio	193	Guarda-livros	1914
13. José Ami	Treze de Maio	n/c	Armarinhos e fazendas	1914
14. Luiz Fuzaro	Treze de Maio	15 a	Guarda-livros	1915 e 1916
15. Brito Bastos	Treze de Maio	4	Advogados	1918 a 1923

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1910 a 1920

Gráfico 9 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1910 a 1920

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

O Gráfico 9 da rua Treze de Maio, que considera o ano de abertura de cada atividade, demonstra que a mais preponderante foi a de secos e molhados, com sete pontos comerciais (1-A; 3, 10; 41; 42; 88; 109), no entanto, como se observa, em 1913 existiam seis pontos comerciais de secos & molhados, dos quais dois permaneceram um ano. Em 1914 foi inaugurado um novo ponto, totalizando no fim desta década cinco em atividade, de acordo com Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert.

Na análise da atividade açougue foram encontrados, dois, em 1913, um instalado no número 18, o qual já havia anteriormente funcionado com a mesma atividade. Tomando como base a Tabela 12, constata-se que seis anos depois, instalou-se novamente um açougue, porém, com outro dono, José Falcone que funcionou de 1913 a 1923. Natale Mingrone, n/c (não consta) teve um açougue entre 1913 e 1914, de acordo com Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert.

Quanto à atividade quitanda (verduras e frutas) estavam instaladas nos nºs 41 e 43, eram duas e ficavam bem próximas. O período de funcionamento foi de um ano, de acordo com Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert.

A Figura 20 ilustra os dados apresentados na Tabela 12.

Figura 20 – Rua Treze de Maio de 1910 a 1920

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Na Tabela 10 foram agrupadas as atividades comerciais da década de 1920-1930, identificados 46 pontos comerciais ao longo da rua Treze de Maio.

Tabela 10 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1920 a 1930

NOME	LOGRADOURO	Nº	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura/ fechamento)
Eugenio Peettinati	Treze de Maio	43	Carvão vegetal	1921
Mussi Kaamara & Irmão	Treze de Maio	1	Armarinhos, fazendas e modas	1921 a 1923
Vicente Pratico	Treze de Maio	5	Carvão vegetal	1921 a 1923
Felippe Juliano	Treze de Maio	42	Secos e molhados	1921 a 1923
José Pedrini	Treze de Maio	50	Secos e molhados	1921 a 1923
Maria Testa	Treze de Maio	60	Secos e molhados	1921 a 1923
Theresa Turea	Treze de Maio	72	Secos e molhados	1921 a 1923
Vicentina Gentile	Treze de Maio	100	Professores de piano	1921 a 1923
Franz Pierre	Treze de Maio	124	Secos e molhados	1921 a 1923
José Malacuso	Treze de Maio	134	Secos e molhados	1921 a 1923
André Belize	Treze de Maio	148	Padarias	1921 a 1923
Agostinho Chussi	Treze de Maio	n/c	Secos e molhados	1921 a 1923
Germano Vito	Treze de Maio	n/c	Carpintarias	1921 a 1923
Vicente Scarlato	Treze de Maio	7	Fábrica e comércio de móveis	1921 a 1927
Pharmacia Royal	Treze de Maio	60	Farmácias	1921 a 1927
Santa Baptista	Treze de Maio	88	Secos e molhados	1921 a 1927
Pedro Curti	Treze de Maio	107	Açougues	1921 a 1927
Alpino Lanzilli	Treze de Maio	109	Secos e molhados	1921 a 1927
Ginasio Luzitano	Treze de Maio	162	Estabelecimentos de instrução	1921 a 1927

Continua (...)

Continuação (...)

Tabela 10 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1920 a 1930

NOME	LOGRADOURO	Nº	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura/ fechamento)
Paulo Alves Pimentel	Treze de Maio	152	Engenheiros	1921 a 1927
Alexandre Ventura	Treze de Maio	138	Corretores de mercados e navios	1922 a 1927
Francisco Villela	Treze de Maio	35	Secos e molhados	1922/23
Luiz Santoro	Treze de Maio	132	Carpintarias	1922/23
Anna Scolero	Treze de Maio	145	Carvão vegetal	1922/23
Pires & Brandão	Treze de Maio	23	Perfumarias	1924 a 1927
Augusto Jorge Savialli	Treze de Maio	39	Marcenarias	1924 a 1927
Virgílio de Paiva	Treze de Maio	44	Dentistas	1924 a 1927
João Lascala	Treze de Maio	48	Dentistas	1924 a 1927
Salvador Noce	Treze de Maio	61	Advogados	1924 a 1927
Vicente Curi	Treze de Maio	64	Chapéus	1924 a 1927
Fernando M. Bonilha	Treze de Maio	65	Professor de letras	1924 a 1927
Antonio Scarcello	Treze de Maio	99	Restaurantes	1924 a 1927
Miguel Abrahão Keiralla	Treze de Maio	s/n	Sapataria	1924 a 1927
J. Frias & Cia.	Treze de Maio	113	Comissões, consignações por conta própria	1924 a 1927
J. Frias & Cia.	Treze de Maio	113	Fumo	1924 a 1927
Alfredo Alves	Treze de Maio	120	Construtores	1924 a 1927
Seraphim Bernardo	Treze de Maio	124	Secos e molhados	1924 a 1927
Luís Mocaluza	Treze de Maio	134	Secos e molhados	1924 a 1927
Alouisio Fagundes	Treze de Maio	154	Médicos	1924 a 1927
Rosário Caltabiano	Treze de Maio	158	Corretores de mercadorias e navios	1924 a 1927
Camillo Cairo	Treze de Maio	n/c	Secos e molhados	1924 a 1927
José Salguerora	Treze de Maio	n/c	Frutas	1924 a 1927
Luiz Santoro	Treze de Maio	134 - A	Marcenarias	1924 e 1925
Theresa da Silva	Treze de Maio	87	Quitandas	1925
Antonio Pinto da Costa	Treze de Maio	93	Armarinhos, fazendas e modas	1926 a 1927
Luís Santoro	Treze de Maio	134 a	Marcenarias	1926 e 1927

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Gráfico 10 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, no período de 1920 a 1930

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Analisando a Tabela 10 e o Gráfico 10 foram encontrados 46 pontos comerciais, dos quais 13 são instalações com a atividade de secos e molhados, três de carvão vegetal, duas armarinhos, dois de Corretores de mercados e navios, duas carpintarias, dois consultórios dentários e três marcenarias. Padarias, fábrica e comércio de móveis, açougue, farmácia, estabelecimentos de instrução, perfumaria e outros com apenas uma instalação. Destaca-se que no número 134 da rua Treze de Maio, o senhor Luiz Santoro teve uma marcenaria no período de 1924 e 1925, sendo que o mesmo dono em 1926 e 1927 tinha a mesma atividade comercial ali instalada. Pedro Curti foi proprietário de um açougue por um longo período no nº 107, de 1921 a 1927.

Percebe-se, nesta década, uma diversificação maior nas atividades produtivas instaladas na Treze de Maio, atividades como perfumaria, profissionais liberais, e até algumas fábricas passam a preencher o cenário nesta década, o que já denota uma tendência dessa rua para as atividades terciárias.

A média de tempo dos estabelecimentos abertos nessa década girou em torno de quatro a seis anos. As atividades que mais resistiram foram os açougues, as farmácias, secos e molhados, o que corrobora a teoria quanto a importância dos produtos alimentícios na diversificação.

O Mapa da rua Treze de Maio na década de 1920 (Figura 21) demonstra essa variedade de instalações, assim como da rua Brigadeiro Luiz Antônio.

No contexto histórico e em pesquisa no Almanak, em 1920, destaca-se a rua Santo Antônio com 110 atividades terciárias catalogadas pelo Almanak, sendo que 31 eram voltadas para atividades de comércio e serviços de alimentação. Importante destacar que a proximidade entre elas pode ter influenciado a diversidade dos serviços de alimentação nesta década.

A Brigadeiro Luiz Antônio (em vermelho), destacada pela sua importância viária teve um desenvolvimento relevante no que se refere às atividades comerciais no bairro durante aquela década. Já mostrava sua importância, pois, era de alto fluxo de pessoas inseridas no cenário das atividades comerciais do Bixiga, com 111 estabelecimentos instalados, dos quais 16 estavam voltados para comércio e serviços de alimentação, de acordo com o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert (Mapa do Bixiga, Figura 21).

Figura 21 – Rua Treze de Maio em 1920

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

A Figura 21 demonstra uma adaptação das atividades comerciais na rua Treze de Maio e na rua Brigadeiro Luiz Antônio, a legenda facilita essa leitura.

Tabela 11 – Atividades produtivas rua Treze de Maio, na década de 1931

NOME	LOGRADOURO	Nº	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
Felippe Elias	Treze de Maio	n/c	Armarinhos e fazendas	1931
Victor Mussumecchi	Treze de Maio	4	Barbearias	1931
Antonio de Jorge	Treze de Maio	78-A	Barbearias	1931
Paulino Orefine	Treze de Maio	201	Barbearias	1931
Antonio Santangelo	Treze de Maio	n/c	Barbearias	1931
Manoel Jorge	Treze de Maio	70-A	Carpintarias	1931
Paschoal Naporano	Treze de Maio	6	Frutas	1931
Alberto Cercas	Treze de Maio	16-A	Leiterias	1931
Máximo José	Treze de Maio	143	Leiterias	1931
Rachel dos Santos Cardoso	Treze de Maio	163	Leiterias	1931
Silva Guedes	Treze de Maio	n/c	Leiterias	1931
A. Collamarino	Treze de Maio	54	Lojas de calçados	1931
L. Bracco & Cia.	Treze de Maio	194-A	Lojas de calçados	1931
Joaquim Dias	Treze de Maio	n/c	Loterias	1931
Vicente Scarlate	Treze de Maio	n/c	Marcenarias	1931
João San Felipe	Treze de Maio	148	Padarias	1931
José Pedriní	Treze de Maio	58	Secos e molhados	1931
Alberto Temerario	Treze de Maio	47-A	Secos e molhados	1931
Mauricio Russo	Treze de Maio	73	Secos e molhados	1931
Francisco Otajano	Treze de Maio	90	Secos e molhados	1931
Vicente Bruneto	Treze de Maio	124	Secos e molhados	1931
Maria Pidone	Treze de Maio	140	Secos e molhados	1931
Vicente Spirandero	Treze de Maio	183	Secos e molhados	1931
Cesar Jacorone	Treze de Maio	n/c	Secos e molhados	1931
Bruno Ganbaro	Treze de Maio	87-A	Serralheiros	1931

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

Destaca-se que não foram encontrados nos almanaques nenhuma informação destes comerciantes de 1931 a partir desta data, ou seja, os nomes identificados na Tabela 11 aparecem apenas no ano de 1931, de acordo com Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert, conforme Figura 22.

Figura 22 – Rua Treze de Maio em 1930

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert

A elaboração das Tabelas 08, 09, 10 e 11 (1900-1931) permitiu entender o movimento espontâneo que as atividades comerciais exerceram na rua Treze de Maio, ou seja, apenas influenciados pelo comércio central da cidade de São Paulo e possíveis demandas da região. A distância entre os estabelecimentos concorrentes é relativa a alguns metros, dando a entender que houve, sim, uma preocupação dos comerciantes em promover a diversificação do comércio na rua Treze de Maio.

Neste momento já é possível avaliar quais atividades sofreram mudanças na rua Treze de Maio, como é o caso da numeração 18 onde houve mudança do proprietário. Na numeração 39 a mudança ocorreu na atividade passando de fábricas de sabão e sabonetes para marcenaria. Na numeração 43 ocorreu mudança de atividade de quitanda para carvão vegetal com o mesmo proprietário. Na numeração 60 a atividade passa de secos e molhados para farmácias com proprietários distintos. Na numeração 88 houve mudança de proprietário, porém, foi mantida a mesma atividade. Na numeração 113 ocorreu mudança de atividade de comissões, consignações por conta própria para fábrica de fumo com o mesmo proprietário. Na numeração 124 houve mudança de proprietário, mas foi mantida a mesma atividade. Na numeração 148 mudança de proprietário com a atividade de padaria.

Como se observa nas Tabelas 08, 09, 10 e 11 (1900-1931), a análise considerou até a numeração 201, final da rua naquela época. A nomenclatura nada consta (N/C) nas Tabelas 14 e 15 foi analisada apenas na tabela anterior (13) no que se refere aos quantitativos. Não foi possível identificar a localização das mesmas. No entanto, de acordo com a fonte consultada estes logradouros são da rua Treze de Maio, na cidade de São Paulo. É importante destacar as datas compreendidas na análise entre os anos 1900 – 1931.

O cenário apresentado permite concluir que a dinâmica das atividades terciárias do bairro pode ser, assim, definida até esta data, por pequenos e médios comerciantes, classificados como gêneros de primeira necessidade. O caráter de comércio e serviços de alimentação já merece destaque, assim como a variedade de serviços. Ainda que esses negócios fossem abertos e fechados em pequeno espaço de tempo, que ocorressem mudanças de endereços e de proprietários, o que indicava a fragilidade latente naquela época, eles se reinventavam, colocando em um mesmo espaço armarinhos, fazendas/sapateiros; botequins/ fábrica de bonés; armarinhos e fazendas/comércio de louças, porcelanas e cristais/ferragens e

quinquilharias/secos e molhados, entre outras combinações. Essa pluralidade de combinações poderia demonstrar a conveniência na redução de custos para tornar diverso e variado o estoque exposto para atender o maior número de pessoas, como expressar o seu espírito empreendedor. “Se uma coisa não desse certo, a outra poderia dar...” (SCHNECK, 2016, p. 79).

Outro fato levantado se refere aos proprietários destes estabelecimentos serem, na maioria de origem italiana, isso já reforça o caráter cultural na construção das atividades terciárias na rua Treze de Maio.

4.2.3 Atividades terciárias na rua Treze de Maio de 1940 - 2017

Durante este levantamento as atividades de secos e molhados, açougues e farmácias foram as que permaneceram por mais tempo, conforme informações do Almanak. Na consulta ao último Almanak, datada de 1940, aconteceu um fato inusitado, na rua Treze de Maio não consta atividade comercial em nenhum segmento.

Outro ponto a destacar é que nem sempre a história contada por esses imigrantes italianos, no que tange ao surgimento, entrada, lançamento, o início da venda da comercialização desses produtos não estava registrada no Almanak, como é o caso Felipe Ponzio, fundador de “A Basilicata”, padaria tradicional no Bixiga, instalada na rua Treze de Maio, nº 614, desde 1914.

A partir destas constatações documentais iniciou-se um novo percurso na metodologia desse trabalho, ou seja, a identificação de fatores e fatos que tiveram impacto na rua Treze de Maio e região, que passam a fazer parte das análises para o entendimento da configuração espacial das atividades terciárias, objeto principal desta tese.

Os primeiros fatos históricos analisados foram a crise de 1929, e a revolução de 1930, que impuseram limites e estabeleceram novos parâmetros para o desenvolvimento da cidade de São Paulo. Ocorreram mudanças significativas no sistema empresarial brasileiro, em suas relações econômicas internas e externas. Como aconteceu em todos os países, houve um aporte maior do Estado na economia, como instrumento privilegiado para sua dinamização, gerando empregos

e reforçando o mercado interno e abrindo novas perspectivas para a construção civil (REIS, 2010).

O período entre as décadas de 1930 e 1945 teve significativa importância para a cidade de São Paulo, tanto da perspectiva econômica quanto demográfica, assim como da consolidação das bases de um determinado modelo de organização espacial que seria apropriado pela metrópole nas décadas que viriam. Dois traços da urbanização brasileira já eram evidentes na São Paulo de 1930: o crescimento extensivo e a verticalização, ainda que em pequena escala e circumspecta à área central (SILVA, 2004).

Entre 1930 e 1950 ocorreu a modernização, no entanto, as obras mantiveram em boa parte a escala da década anterior. Já o mercado imobiliário, no período entre 1930-1960, sofreu transformações no que se refere à produção e comercialização das propriedades imobiliárias. Os setores industriais foram estimulados para o desenvolvimento de vários segmentos industriais, resultando em, um aumento populacional de São Paulo e outras cidades do estado. Neste contexto ocorreu a dinamização do mercado imobiliário, no entanto, a Lei do Inquilinato, que foi promulgada com o intuito de evitar o aumento de aluguéis em cidades como Rio e São Paulo, pelo aumento da demanda, exerceu um desestímulo para investimentos imobiliários destinados a renda, impondo uma reestruturação do mercado. Para dar uma resposta à demanda da classe média, entrou em uso o Instituto do Condomínio.

Em São Paulo, na década de 1940 já se observava uma vasta atividade de construção de vias. Além das que definiam os novos loteamentos que nasceram, estavam sendo efetivadas diversas avenidas constituintes do Plano de 1930 apresentado pelo engenheiro Prestes Maia, nomeado prefeito da cidade na época da ditadura de Getúlio Vargas. A avenida Nove de Julho, ao longo da galeria do córrego Saracura, iria estabelecer nova conexão (através da avenida São Gabriel) com a avenida Santo Amaro (ZMITROWICZ, 2009).

A avenida Brigadeiro Luís Antônio, prolongada pela avenida Santo Amaro, é a antiga estrada para a sede do município de Santo Amaro, incorporado ao município de São Paulo na década de 1930. O trecho paralelo ao rio Pinheiros (avenida Santo Amaro) foi duplicado e interligado com a avenida Nove de Julho através da avenida São Gabriel, constituindo, até hoje, uma conexão importante com Santo Amaro.

Dos principais projetos viários elaborados entre 1950 e 2000, deu-se continuidade às ideias do Plano de Avenidas de Prestes Maia, que foi reformulado

em diversas das suas propostas que estavam sendo executadas. O “Sistema Y”, incluía algumas vias ao longo de córregos. A avenida 23 de Maio, construída na década de 1960, foi continuada pela Rubem Berta e por traçados de vias anteriormente implantadas no município vizinho de Santo Amaro, permitindo a ligação Centro-Aeroporto de Congonhas (ZMITROWICZ, 2009).

Na atualidade, a avenida 23 de Maio continua sendo uma das vias mais importantes a cortar a cidade nos sentidos norte-sul. Seus congestionamentos são resultado do enorme volume de veículos a utilizá-la. Ao longo de sua extensão despontaram edificações e esculturas que realçaram a paisagem (ZMITROWICZ, 2009).

A avenida Paulista, aberta em 1891, por iniciativa do empresário Joaquim Eugênio de Lima, sobre o espigão que separa as bacias dos rios Pinheiros e Tamanduateí. Situada a 3 km a sudoeste do centro da cidade, tinha 28m de largura e, desde então foi considerada a via mais importante na redistribuição do trânsito nas ruas existentes na região e na ligação das áreas da Consolação e Cerqueira César com o bairro do Paraíso. Conectava-se, também com as vias que chegavam ao Jabaquara. Sua posição estratégica fez com que ela integrasse as diretrizes de todos os planos viários preconizados para a Capital (ZMITROWICZ, 2009).

Quando foram implantadas, em 1960, as radiais previstas no Plano de Avenidas de 1930, as interligações das avenidas da Consolação e 23 de Maio com a avenida Paulista demandaram a construção de diversas obras de arte imprescindíveis na época.

Na década de 1940 a 1970 notam-se importantes mudanças no cenário urbano que de acordo com Souza (1986, p. 137): “[...] a dinâmica da produção do espaço na avenida Paulista (construção/destruição) está diretamente ligada à própria história do desenvolvimento do capitalismo no Brasil”, esse período corresponde a uma renovação da edificação da paulista, com início da sua verticalização, época da consolidação, ali, de uma arquitetura nacional.

Segundo Frúgoli Júnior (2000), além das transformações em curso no padrão habitacional, notam-se, durante os anos 50, os primeiros passos de uma ocupação terciária na Paulista, que vai se tornando irreversível.

No fim dos anos de 1950 percebe-se um retrocesso no plano de renovação de estruturas no centro, isso se reflete nos bairros que o cercam com o estabelecimento de atividades terciárias voltadas para o comércio popular e

atacadista associados à produção industrial, assim como centros de comércio e serviços especializados, o que provocou um desempenho econômico que repercutiu na metrópole, no estado e, mesmo no país como um todo (FELDMAN, 2004).

A partir dos anos 1950 nota-se que:

[...] o centro tradicional de São Paulo se consolida como centro deselitizado e assume, simultaneamente sua feição de centro metropolitano – dois elementos que permanecem até hoje e não se reproduziram em outra parte da cidade (FELDMAN, 2004, p. 125).

Feldman (2004) destaca que nas duas décadas seguintes, período entre 1940 e 1960, o movimento para a configuração espacial da metrópole foi definitivo. Constituído de um movimento triplo – intensificação da verticalização, expansão periférica e reestruturação da centralidade - que resultou na visão da metrópole como vanguardista nas transformações do parque industrial brasileiro. No campo do urbanismo, a prática inovadora ocorreria por meio das formas de controle e ocupação do solo, com a demarcação das zonas, articulação de índices urbanísticos definidores de funções, recuos, coeficientes de aproveitamento e taxa de ocupação.

Por meio desta análise, o objeto do estudo, que é a rua Treze de Maio pode-se afirmar que o impacto ocorreu na sua configuração, visto que o Bairro do Bexiga estava inserido no Plano de Avenidas da cidade de São Paulo. Destaque para a rua Treze de Maio (em amarelo) que fazia parte do perímetro de irradiação do fluxo da área central-bairros. De acordo com Silva (2004), todas as vias, ruas, avenidas que fizeram parte deste projeto sofreram alterações significantes com relação à forma e à ocupação do espaço, por exemplo, aumento da largura das calçadas, recuos e pavimentação.

A não existência de documentos que comprovem essas mudanças está intrinsecamente ligada à desconfiguração espacial ocorrida pelo Plano de Avenidas de Prestes Maia e políticas de uso de ocupação do solo determinadas pela municipalidade, já relatado.

Para confecção da Tabela 12 foi adotada a seguinte metodologia: as informações da configuração atual (2017) foram realizadas cadastralmente; depois via telefone foram solicitadas as datas de abertura e fechamento. Entretanto, apesar da insistência após três tentativas em cada estabelecimento, alguns responderam prontamente, outros se negaram a fazê-lo. Os ramos de atuação foram definidos pelo número de vezes que essas atividades apareciam são elas: açougues, bares,

restaurantes, alfaiatarias, sapatarias e antiquários. Algumas destas atividades foram encontradas na Tabela 7 montada com as atividades de 1931, outras como o antiquário ou os brechós foram pesquisados pela importância que a praça Dom Orione demonstra neste contexto histórico cultural, como importante área de encontro de troca e venda de mercadorias e utensílios. Foi feita a pesquisa, também, na Lista Telefônica do ano de 1955. Neste sentido foi-se compilando as informações a seguir apresentadas.

A confirmação dos dados a seguir apresentados foi realizada de duas formas – visitas *in loco*, posteriormente, pesquisa na Internet, *Google Maps* e via telefone.

Optou-se pela construção de um mapa (Figura 23) mostrando o bairro Bela Vista (Bixiga), na atualidade. Ainda persiste uma incerteza quanto à sua configuração espacial.

Figura 23 – Mapa do Bairro Bela Vista em 2017

Fonte: Elaborado a partir da ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

De acordo com Shimoda, Mattar e Santos (2014, p. 28) – que fizeram uma análise acerca de a delimitação do Bixiga, na atualidade.

Bela Vista é como o bairro é oficialmente chamado, possuindo limites formais. Ao contrário, o Bixiga ou Bexiga é o oficioso, não consta nos mapas atuais da cidade, não existe enquanto bairro ou distrito, mas está presente em falas e nos imaginários das pessoas.

A denominação apareceu em algum momento da história da formação do bairro, mas existem diversas explicações quanto a essa origem, já discutida no capítulo 2.

“Bela Vista e Bixiga são uma coisa só” explica o sapateiro Elias:

Adoniram Barbosa na época ele era frequentador do bairro, e ele que usou o nome Bixiga por intermédio da música. ... Mas eu acredito que Bela Vista prevalece, porque Bixiga ele considera aquela região da rua Treze de Maio, que é uma região focada naquele centro gastronômico o Bixiga se diferencia, restringindo-se a uma região não precisamente geográfica, mas simbólica, àquela associada à culinária (SHIMODA; MATTAR; SANTOS, 2014, p. 29).

A delimitação geográfica do Bixiga ainda é incerta. Pode ser o viaduto Major Quedinho, o Maria Paula, a rua Rui Barbosa. Pode ser da avenida Brigadeiro Luiz Antônio até a avenida Nove de Julho, ou até a rua Paim. Vila Itororó para uns é Bixiga, para outros Liberdade.

Apesar de não se chegar a um consenso a este respeito, a rua Treze de Maio é frequentemente citada como sendo ali o “próprio Bixiga” (Figura 24), ou como sendo o coração da região, representante da boemia, da culinária, ou como o Bixiga para o “outro”, de fora: “a rua Treze de Maio, ela representa o bairro. Por isso que o pessoal tem mania de falar que ali é o Bixiga ‘ah eu vou pro Bixiga, vou pros barzinhos do Bixiga’” (SHIMODA; MATTAR; SANTOS, 2014, p. 29).

Figura 24 – Mapa do Bairro Bixiga em destaque a rua Treze de Maio, em 2017

Fonte: Elaborado a partir da ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Foram identificados 134 pontos comerciais na rua Treze de Maio, no período de 1940 a 1917, no entanto, (24) não quiseram ou não souberam informar a data de início do funcionamento das empresas. As informações que constam na Tabela 12

mostram essa informação, por isso contam: a localização na rua treze de maio, o nome fantasia e o tipo de atividade.

Tabela 12 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1940 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio - Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO* (abertura e fechamento)
368	Esquina Bar	Bar	
744	Quitanda da Tapioca	Alimentação	
999	Tecnauto Multiservice – Oficina Mecânica e Funilaria	Oficina Mecânica	
1088	Caldo de Cana	Trailer	
1294	Telefonica Vivo	Loja de telefone	
1295	Secretaria de Negócios Jurídicos Conv. Infância	Prestação de Serviços do Município	
1366	Instituto Inelgon	Projetos culturais para preservação da natureza – UNICEF, Médicos sem Fronteiras	
1376	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo	Prestação de Serviços do Governo Federal	
1413	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo	Prestação de Serviços do Governo do Estado	
1434	Estacionamento	Estacionamento	
1446	Restaurante e Lanchonete Cevalho,	Restaurante	
1558	Ministério da Agricultura Abastecimento	Prestação de Serviços do Governo Federal	
1563	Secretaria de Segurança Urbana	Prestação de Serviços do Município	
1570	Divisão Técnica do Núcleo de Gestão Descentralizada	Prestação de Serviços do Município	
1576	Mini Mercado Bela Vista	Produtos diversos no varejos	
1594	Manobre Park Estacionamento	Estacionamento	
1642	Escola de Esportes da Associação da Sabesp	Prestação de Serviços do Governo Estadual	
1642	Associação dos Engenheiros Da Sabesp	Prestação de Serviços do Governo Estadual	

Continua (...)

Continuação (...)

Tabela 12 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1940 – 2017

LOGRADOURO – Rua Treze de Maio – Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO* (abertura e fechamento)
1647	Banco Itaú	Banco – financeiro	
1654	Parque Infantil	Lazer	
1082	Bela Vista Hospedaria	Pousada	
1921	Panificadora e Lanchonete Três Américas	Panificadora	
1933	Banco Santander	Banco – financeiro	
1947	Eudora loja de presentes armarinhos	eVenda de produtos diversos	
1970	Caixa Econômica Federal	Banco – financeiro	

Fonte: Elaborado a partir da ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Nota: * Período (abertura e fechamento) – empresas que não informaram

As Tabelas 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 seguintes foram montadas, novamente, por décadas para facilitar a análise.

Já foi observado que ocorreu um problema com o número das propriedades existentes na rua Treze de Maio, o que pode ser ilustrado pelo exemplo a seguir: Na consulta ao último Almanak, datada de 1940, aconteceu um fato inusitado, a rua Treze de Maio não aparece

Tabela 13 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1940/50 – 2017

LOGRADOURO			PERÍODO (abertura e fechamento)
Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	
1815	Hospital Oswaldo Cruz	Fundação da Associação (1897) Compra do Terreno (1905) Obras suspensas 1ª Guerra Mundial – 1914 a 1922 Conclusão 1923	1897 - 2017
430 / 478	Paróquia de Nossa Senhora Achiropita	Pequena obra da Divina Providência Dom Orione, Núcleo de Convivência de Idosos	1926
1848	Raposa Molduras ¹⁴	Especialista em molduras diversas	1926 – 2017
614	Basilicata	Padaria	1914 – 2017
586	Roperto ¹⁵	Restaurante	1942 - 2017
634	Cantina Roperto	Restaurante	1942 – 2017
990	Italmocassim	Sapataria	1942 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert; Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Uma atuação que demonstra a resiliência de algumas atividades comerciais é a de Felipe Ponzio, nascido na região da Basilicata, que trouxe para o Brasil a receita de um pão que tornaria o mais famoso da cidade: o Pão Italiano Basilicata. A história relatada a seguir foi pesquisada no site e confrontada com as informações *in loco*.

Assim, em 1914, surge no bairro do Bixiga uma pequena padaria, no nº 614 com o nome de uma região ao Sul da Itália – Basilicata. Ela teve importante papel nessa jornada, como porto seguro aos recém-chegados, proporcionando trabalho e moradia. A inovação, nesta empresa, sempre gerou uma vantagem competitiva,

¹⁴ No número 1848 existe uma empresa fundada em 1889 – Teixeira Silva & Cia. Passam-se os anos e, em 1926, sob nova direção usa o nome fantasia de Casa da Raposa, pois em seu logotipo tinha a figura do animal (Figura 26). Teve filial em outros endereços no centro de São Paulo, porém, em 1962 passa a ser administrada definitivamente pela família Dutra, sob a razão social Casa da Raposa Molduras Ltda. Dessa data em diante o principal foco da empresa tem sido o setor moldureiro. Os herdeiros deram continuidade à empresa, ampliando-a e abrindo posteriormente mais duas filiais. Nos dias atuais a Raposa Molduras é considerada uma grife em molduras (<http://www.raposamolduras.com.br/empresa.asp>).

¹⁵ Nos números 586 e 634 está instalada há mais de meio século a Cantina Roperto, fundada em 1942, um dos restaurantes mais tradicionais do Bixiga, se mantém fiel à cultura italiana. Suas receitas, passadas a cada geração desde a chegada da família ao Brasil, oferecem o melhor da culinária do Sul da Itália. No cardápio existem mais vinte tipos de massa a serem combinadas com diferentes molhos. Além da perna de cabrito, o filé à parmigiana e o fusilli ao sugo pratos que ganharam a preferência dos clientes (<http://www.cantinaroperto.com.br/>).

pois, tem uma ampla lista de sabores da Itália – pães, frios, azeites, panetone, torradas, doces, antepastos, massas Basilicata – pré-cozida e fresca de diversos tipos, molhos Basilicata, queijos, latarias, conservas, vinhos italianos. A história da empresa demonstra que ela foi inovando, sempre à frente das necessidades dos clientes.

Nos números 586 e 634 está instalada há mais de meio século a Cantina Roperto, fundada em 1942, um dos restaurantes mais tradicionais do Bixiga, e que se mantém fiel à cultura italiana. Suas receitas, passadas a cada geração desde a chegada da família ao Brasil, oferecem o melhor da culinária do Sul da Itália.

No cardápio existem mais vinte tipos de massa a serem combinadas com diferentes molhos. Além da perna de cabrito, o filé à parmigiana e o fusilli ao sugo pratos que ganharam a preferência dos clientes (CANTINA, 2016)

Tabela 14 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1951/60 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
108	IBRAC – Importadora Brasileira de Acessórios e Peças Ltda.	Importadora de peças e acessórios para veículos	1955 – 2017
175	Irmãos Damiani	Tipografia, Encadernadora e Cartonagem	1955 – 2017
926	Antonio Macaluso	Alfaiataria	1955 – 2017
303	Sapataria da Praça Elias Fausto	Sapataria	1956 – 2017
76	Café do Bixiga Mudança da razão social	Cafeteria	1956 – 1980
1107	Banca Treze de Maio	Comércio de revistas	1956 – 2017
1004	Pizzaria Speranza	Pizzaria	1958 - 2017
19	Bar e Lanches Nova Treze	Bar e Lanchonete	1960 - 2017
432	Restaurante Cantina Tratoria L'italiano	Restaurante	1960 – 2017
717	Idalmo Costa da Paixão Móveis	Comércio de móveis	1960 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Na década de 1951/60, Tabela 14, já se observa uma maior variedade de atividades comerciais terciárias e na tipologia. No entanto, as atividades voltadas para alimentação são as que se destacam.

A sapataria da Praça cujo proprietário é o senhor Elias Fausto, desde 1956, disse o seguinte: “Hoje meu trabalho está um pouco em extinção. O pessoal compra calçados mais baratos, importados”. Se para uns o diferencial desses artesãos está na competência com que manipulam materiais e laços de amizade com sua freguesia, os artigos feitos à mão e sob medida estão sendo substituídos cada vez mais (HIJIKI; SILVA, 2014, p. 21).

Na rua Treze de Maio, nº 76/78 ficava O Café do Bixiga, inaugurado em 1956 e fechado em 1980. Bar e café tradicional do bairro do Bixiga, com apresentação de bandas ao vivo. Localizado num antigo casarão tombado pelo patrimônio histórico, o Café do Bixiga contava com diversas mesas de madeira em torno do bar e palco para a apresentação de bandas ao vivo, além de uma área externa. O som da casa era de música brasileira, composto por MPB, samba, bossa-nova e chorinho. O público era boêmio e eclético, composto por músicos, poetas e pessoas do meio teatral, além de diversos moradores do bairro, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*. Permaneceu fechado por 26 anos.

A tradicional matriz da cantina Speranza está situada no Bixiga, desde 1958, à rua Treze de Maio, 1004. Apesar do passar dos anos, a receita da pizza continua a tradicional trazida pela família Tarallo, proprietária da casa. Outros grandes destaques são o pão de calabresa e a pizza sabor margherita especial, com borda larga, recheada com mussarela de búfala, abundante molho de tomate especial e, claro, manjericão. Disponibiliza, também, seus molhos e outros produtos para venda, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*.

O Restaurante Cantina Tratoria L'Italiano, fundado em 1960, na rua Treze de Maio, 432, cantina tradicional italiana com massas produzidas pela própria casa.

Outro tipo de atividade comercial que demonstra resiliência parece ser a fabricação de móveis planejados, como é o caso da Idalmo Costa da Paixão Móveis, estabelecida desde 1960 na rua Treze de Maio, nº 717.

Tabela 15 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1961/70 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
848	Villa Tavola	Restaurante	1963 – 2017
626	Maria's Rodízio de Pizzas	Pizzaria	1970 - 2017
580	Sabelucha Café	Café	1970 – 2017
589	Lazzarella	Restaurante	1970 – 2017
701	Yatch Club Bela Vista	Casa de Show GLS	1970 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Conforme análise da Tabela 15, cinco empresas começaram suas atividades na rua Treze de Maio na década de 1961/1970. Quatro eram direcionadas para o segmento de alimentação e uma para o lazer como é o caso do Yatch Club - Balada GLS e hétero centrada em motivos náuticos, garçons vestidos de marinheiro e muita luz, em casa agitada, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*.

Desde 1963, o Villa Tavola com sua cozinha tipicamente italiana, sendo sinônimo de tradição dentre as cantinas da região do Bixiga, mais precisamente na Rua Treze de Maio, 848, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*.

Em 1970, nascia no coração do "Bixiga", na Treze de Maio, 789, no meio de tantos restaurantes já conhecidos, uma nova cantina, que deveria primar pela boa culinária italiana, decoração típica, colorida e familiarmente alegre; características até hoje fortemente presentes na Cantina. A música ao vivo - uma novidade nas cantinas do bairro nos anos 70 sempre foi (e continua a ser...) um dos diferenciais desde quando D. Olga acompanhada por seus músicos interpretava os sucessos da música italiana e as "Canzonetas napulitanas" de todos os tempos (LAZZARELLA, 2016).

A Sabelucha Café, instalada desde 1970, à rua Treze de Maio, nº 580 é um lugar agradável e com um charme diferente dos cafés comuns. Mescla de antiga

casa da comunidade italiana com altos toques de política. Ótimo para um fim de tarde, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*..

Outra casa tradicional é o Maria's Rodízio de Pizzas, instalada desde 1970 até o presente, no número 626, no Bixiga. Vale comentar que no mesmo endereço aparece a casa MEXILHÃO, pioneira na cidade em matéria de pratos de peixe (embora nascida numa rua de cantinas italianas, no Bixiga), a casa ainda mantém no cardápio muitos de seus pratos tradicionais, preparados à moda antiga, como o camarão na moranga, rua Treze de Maio, 626, Bela Vista (11- 3263-0135), pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*, fato que mais uma vez corrobora o problema da numeração/CEP na rua Treze de Maio.

Observa que as atividades instaladas década de 1961-1970 permanecem em atividade, o que denota que apesar das fragilidades, das crises econômicas, entre outros fatos, as atividades voltadas para gastronomia e lazer se mantêm no mercado, as mudanças no comportamento da sociedade podem ter influenciado neste aspecto.

Tabela 16 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1971/80 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
731	Hotel Praça Orione	Hotel	1972 – 2017
1954	Grupo Graiche – Administradora de Condomínios e Imóveis	Prestação de serviços Imobiliários na Administradora de Condomínios, venda de imóveis e locação	1974 – 2017
734/738	Hospedaria Casarão do Bixiga	Serviços de hospedagem	1975 – 2017
1181	Brake Shop oficina	Bar e restaurante	1978 - 2017
267	Escola Estadual Maria José	Escola Estadual	1978 – 2017
569	Centro de Memória do Bixiga	Museu	1978 – 2017
668	Central Frigorífica de Carnes Nobres – Bassi	Açougue	1978 – 2017
1080	Sacolão da Brigadeiro	Varejo de produtos hortifrutigranjeiros	1978 – 2017
29	Bar <i>Chic Inin</i>	Bar, Café e Restaurante	1980 - 2017
48	Restaurante Treze de Maio	Restaurante	1980 - 2017
560	Conchetta	Restaurante	1980 - 2017
870	Shopping das Artes		1980 – 2017
1425	Cristian Marquezini Souza – Artigos Infantis	Comércio de produtos infantis	1980 – 2017
1425	Cristian Marquezini Souza Artigos Infantis	Vender artigos infantis	1980 - 2017
98	Thais Rossetti Bar	Bar	1980 – 2017
499	Bar e Restaurante Armonia	Bar	1980 – 2017
838	Museu da Culinária e Cultura Italiana	Museu	1980 – 2017
1802	Olaria Bar Grill	Bar	1980 – 2017
53	Teatro do Incêndio	Teatro	1980 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Nesta década observa-se uma concentração mais intensa nas atividades de alimentação, lazer e hotelaria, conforme Tabela 16.

O Hotel Praça Orione instalado, em São Paulo, em 1972, a 1 km da Avenida Paulista e a 1,1 km da Estação de Metro Brigadeiro Luís Antônio. A Feira de Artesanato da Praça Orione fica a 100 metros, e a 800 metros do Hospital Sírio Libanês e a 900 metros do Museu MASP. O Aeroporto Internacional de Guarulhos encontra-se a 22 km, se mantém no mercado conforme pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (HOTEL ORIONE, 2016).

O Grupo Graiche que presta serviços, de administração de condomínios, na gestão de patrimônios ou nos serviços de venda e locação, foi inaugurada em 1974 e, de acordo com pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco*, permanece no mesmo endereço há 43 anos.

Na Treze de Maio estão instalados dois museus – na altura do número 569 – o Centro de Memória do Bixiga, desde 1978 cuida da história do bairro. De acordo com Armandinho, “não é bem um museu. É um local onde as pessoas, os jornalistas, estudantes vêm para saber tudo do Bixiga”. Na opinião dele, faz parte do acervo as velhas casas, os velhos moradores, o último poste de lâmpião a gás, o salão de barbeiro do Gaetano. “Não é só essa casa e o que está dentro: o museu é o bairro inteirinho. Eu nunca vi um país como o Brasil, eles põem na Cultura gente que parece insensível” (MORENO, 1996, p. 130).

O outro foi fundado em 1980, o Museu da Culinária e Cultura Italiana. A diretoria da instituição, inaugurada em 1981 e considerada o mais antigo memorial de bairro paulistano, traça planos ousados para movimentar o espaço: quer restaurar o imóvel, digitalizar o acervo fotográfico e passar a oferecer cursos. Entre os 1,5 mil itens do acervo, há o kit completo de um "bexiguense" soldado revolucionário de 1932 - espingarda e capacete -, uma cadeira de dentista dos anos 20, carrinhos de rolimã, uma geladeira quase centenária, um televisor e itens pessoais de Adoniran Barbosa - gravata, chapéu, cachecol e isqueiro, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (MUSEU, 2016).

Em 1978 nasce a “Central Frigorífica de Carnes Nobres Bassi”, na Rua 13 de Maio, 668 já com um cantinho especial para servir algumas pessoas com suas degustações de raças e cortes especiais. A história das carnes nobres nasceu daí, junto com a história de Marcos Bassi, justamente para diferenciar a qualidade e preço dos produtos Marcos Bassi. As degustações fizeram tanto sucesso, que um ano depois surgiu a churrascaria no mesmo local, onde funcionam até hoje as instalações e serviços do Templo da Carne.

Ao longo da vida, Marcos Bassi aprendeu, na prática, tudo sobre cortes e outros detalhes técnicos como irrigação sanguínea, maciez e textura. Como artesão, de suas mãos saíram cortes consagrados como o Bombom, feito a partir do miolo de alcatra e consolidou a Fraldinha como um dos cortes mais apreciados do brasileiro, sendo eleita, em 2013, pela Paladar Estadão como Patrimônio Gastronômico de São Paulo. Foi também pioneiro no processo a vácuo e de maturação de carnes no Brasil. O Templo da Carne se eterniza então como resultados de 50 anos de uma vida, investidos e dedicados à especialidade de Bassi: a carne. E com a técnica aprendida com o Marcos Bassi, nasce a cultura Marcos Bassi, garantia de que a tradição continua no Templo da Carne, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (BASSI, 2016).

Na profusão de cantinas que povoam o Bixiga, quase todas seguindo figurino semelhante, há uma que apresenta um tipo de serviço menos comum - um rodízio de massas e carnes, a Conchetta. A fórmula não é a única adotada pelo proprietário. Com mesmo nome (ou quase), ele mantém duas outras casas nas imediações: a Conchetta Pizzeria e o Frango da Conchetta. Tudo criado por um antigo personagem da gastronomia do Bixiga, ainda em plena atividade, o neto de sicilianos Walter Taverna, 77 anos. Ele começou na área muito pequeno, como faxineiro e ajudante de cozinha do restaurante em que seu pai era cozinheiro, a Cantina Capuano, a mais antiga da região. Também foi barbeiro, tapeceiro e marceneiro, mas, em 1965, abriu seu primeiro restaurante, o Don Carmelo. Em 1975 inaugurou a cantina Icarajé, em 1978 comprou a primeira das Conchettas (a pizzeria) e a partir daí abriu (e fechou) uma dezena de restaurantes. Dos quais seguem firmes ainda hoje a trinca de Conchettas (MELO, 2017).

Tabela 17 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1981/90 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
848	A Casa de Oração para todos os povos	Casa de orações	1981 - 2017
888/900	Correios	Serviços	1985 - 2017
37	Gilberto Bar	Bar	1985 – 2017
81	Distribuidora de Carnes e Laticínios Vinhais	Distribuidora	1985 – 2017
1080	Peixaria Brigadeiro	Comércio de peixes	1985 – 2017
395	Instituto de Beleza Iracema	Salão de Beleza	1985-2017
886	Hotel Abanabas	Serviços	1986 - 2017
950	Salão House Beauty	Beleza	1986 - 2017
830	Templo Club	Happy Hour	1986 – 2017
966	João Marcos Yajima Livraria	Livraria	1986 – 2017
1329/1359	Ponto de Taxi	Serviços	1986 – 2017
112	Café Aurora	Cafeteria	1988 - 2017
1016	T e S Animação (Cinema)	Lazer	1988 - 2107
1947	Shopping Pátio Paulista	234 lojas – 1,5 de consumidores – 5 pisos	1989 - 2017
89	Já Lanches	Lanchonete	1990 - 2017
870	Marcio de Moraes loja de brinquedos		1990 - 2017
881	Pizzaria Rohling O Comilão	Pizzaria	1990 - 2017
962	Bela Vista comércio e serviços	Papelaria e serviços	1990 - 2017
1947	Miss Taylor Moda Plus	Moda Plus - Piso Paraíso - Loja E4020	1990 - 2017
1633	Fujitsi General do Brasil	Engenharia Eletrônica – Ar condicionado, Produtos Eletrônicos	1990 – 2017
1911	Banca Julia	Banca de Revistas	1990 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Os dados apresentados na Tabela 17 demonstram uma diversidade maior nesta década, foram abertos 21 estabelecimentos comerciais e que continuam no mercado até o presente, nas mesmas atividades e endereços.

A tipologia das atividades terciárias envolve: religião, serviços, distribuição de alimentos (laticínios, carnes e peixes), serviços de hospedagem, entre outras.

Em 1989 foi inaugurado o Shopping Paulista, conta com localização privilegiada, no bairro da Bela Vista, junto ao principal centro financeiro da cidade de São Paulo, rua Treze de Maio, 1947 e com acesso também pela Rua Maestro Cardim, bem próximo à Avenida Paulista. “Constituído por 234 lojas distribuídas em cinco pisos, com 78.105,05 m² de área construída. Possui hoje sete salas de cinema da Rede Cinemark (duas 3D) e duas da Playarte, e mais três pisos de estacionamento. O *mall* conta com um espaço com variadas opções de serviços como loja de cópias, lotérica, oficina de costura e sapatos, loja de câmbio, podologia e salões de beleza. Com um fluxo de mais de um milhão e meio de pessoas por mês, oferece um *mix* diversificado de moda, serviços e lazer”. Pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (SHOPPING, 2016).

Miss Taylor Moda Plus é uma “marca orientada pelo Movimento Plus Size que abraça a causa na sua essência por meio de uma atuação integral, localizada no Piso Paraíso - Loja E4020, no Shopping Pátio Paulista, inaugurada em 1990”, Pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (MISS TAYLOR, 2016).

Na Treze de Maio, 881 fica o “tradicional endereço de pizza de bairro, servindo os clássicos sabores em ambiente familiar e informal - Pizzaria Rohling O Comilão, inaugurado em 1990”, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (COMILÃO, 2016).

Tabela 18 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 1991/2000 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
1088	Restaurante Tempero da Rose		1993- 2017
240	Teatro Vertigem	Lazer	1995 - 2017
1529	Tokio Marine	Corretora de Seguros	1995 – 2017
1633	Construtora Hoss	Construção civil	1995 – 2017
1685	Bar e Restaurante Bela Praça	Culinária variada do cotidiano servida em buffet informal com boemia e shows de rock alternativo semanalmente	1995 – 2017
27	Drogaria São Judas Tadeu	Farmácia e drogaria	1996 – 2017
409	Casa da Taiguara de Cultura Digital	Assistencial – recolhe crianças de rua – dia e noite –	1996 – 2017
911	Associação dos Comerciantes da construção civil	Serviços	1998 - 2017
152	The Wall	Cafeteria	1998 – 2017
134	Café Piu Piu	Cafeteria	1999 – 2017
1083	Posto Rode		1999 – 2017
1888	Noninha Café	Loja de Conveniência	1999 – 2017
198	Rotisserie Mamma Celeste - Famiglia Fuzinato	Restaurante	2000 – 2017
453	Ympressograf Artes Gráficas	Serviços gráficos	2000 - 2017
655	Moscatel Doceria & Bar de Açúcar	Alimentação	2000 - 2017
668	Maha Mantra	Produtos indianos	2000 - 2017
s/n	Espaço Antigo	Brechó	2000 – 2017
681	Instituto Phorte Educação	Educação	2000 – 2017
910	Quenga Paulista	Bar	2000 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Na década de 1991 a 2000 foram abertas 19 novas atividades na rua Treze de Maio, lazer, educação, alimentação (restaurantes, cafeterias, bares), farmácia, sendo que no ano 2000 foram sete empresas, conforme Tabela 18.

No segmento de lazer, o Teatro da Vertigem, inaugurado em 1990, na Treze de Maio, nº 240 - Casa de Espetáculos – “premiado grupo teatral dos anos 90, consagrado por intervenções urbanas, pesquisas e peças irreverentes – em três endereços. No início de 2015, o Teatro da Vertigem, retorna ao Festival Santiago a Mil no Chile, estreia Patronato”, pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (TEATRO VERTIGEM, 2016).

Café Piu Piu, antigo e tradicional bar e café da região do Bixiga, na rua Treze Maio, 134 com apresentação de bandas ao vivo. “O ambiente é simples e confortável, com parede de tijolos aparentes, vitrais iluminados, balcões de madeira antiga e mesas de mármore. As bandas que se apresentam são ecléticas e cobrem vários estilos, com predominância para o rock clássico e a MPB. O público é eclético e reúne pessoas de todas as idades, desde boêmios até jovens universitários. São 33 anos de portas abertas, sempre com muita diversão para todos os gostos. A decoração é outra marca registrada: ela tem história própria e dá um toque especial à Casa”. Pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (CAFÉ PIU-PIU, 2016).

O Bella Praça Bar & Restaurante ou Bar & Restaurante Bella Praça, na rua Treze de Maio, 1685, foi inaugurado em 1995. “Apresenta uma culinária variada do cotidiano, servida em *buffet* informal com boemia e shows de rock alternativo, semanalmente”. Pesquisa realizada no site e confrontada com as informações *in loco* (BELLA PRAÇA, 2016).

Instalada na rua Treze de Maio, 1633, em 1995, a Construtora Hoss – “de origem japonesa, proprietária do edifício inteiro, onde só trabalham japoneses, escolheu esse endereço pela proximidade com a avenida Paulista e, em contato com a Construtora, esta, justificou a escolha do endereço pela diversidade de atividades na rua, o que facilitaria a mobilidade e o conforto dos seus colaboradores”.

Na Mamma Celeste Rotisserie, criada em 1990, é possível encontrar “as mais variadas carnes, massas e molhos prontos para se levar e servir em casa, além de salgados e doces italianos para se degustar no local, acompanhados de um bom expresso moído na hora”. Interessante comentar que ocorre uma discrepância quanto à numeração – no *Google Maps* o número é rua Treze de Maio, 498, no entanto, na visita *in loco* constatou-se que o número é 198. (ROTISSERIE, 2016).

Tabela 19 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 2001/2010 – 2017

LOGRADOURO Rua Treze de Maio Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
1802	Praça da Sorte Lotérica	Lotérica	2001 - 2017
1266	Universidade A Morumbi	Educação	2001 - 2017
1433	Sampa Flores	Floricultura	2001 - 2017
1315	Takara Belmont do Brasil moveis e acessórios	Matéria-prima e produtos montados	2001 – 2017
1836	Restaurante Shiraga	Restaurante japonês	2010 – 2017
912	RJL Estacionamento	Prestação de serviços	2002 – 2017
1856	Clínica Dermatológica Hamache	Saúde	2002 – 2017
513	Lanchonete e Pizzaria Recanto dos Namorados	Alimentação	2003 – 2017
812	Academia Gaviões 24hs	Academia	2004 - 2017
798	Espaço Treze Bar	Bar	2005 - 2017
900	Ideia Glass	Loja de vidros	2005 - 2017
1888	Posto Shell	Posto de Distribuição de combustível	2005 – 2017
76	Bar Oba-Oba	Bar	2006 - 2017
518	Padaria Camões	Padaria	2006 - 2017
669	Banco Santander	Serviços financeiros	2006 - 2017
830	Treze de Maio Show	Casa de Shows – Serviços de planejamento de eventos	2006 - 2017
1818	Plus Park estacionamento	Estacionamento	2006 – 2017
70	Livraria Suburbano Convicto	Livraria – Alessandro Buzo	2007 - 2017
972	Ludus Luderia	Casa de Jogos – nova forma de se divertir	2007 – 2017
552	Pizzaria e cantina 13 de maio	Alimentação	2008 - 2017
520	SP Comercial de Cosméticos Santo Amaro	Fábrica de cosméticos e perfumes	2008 – 2017

Continuação (...)

Continuação (...)

Tabela 19 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 2001/2010 – 2017

LOGRADOURO – Rua Treze de Maio - Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
192	Velho Pietro – Mundo do Tango	Cafeteria e escola de dança – uma das melhores baladas de São Paulo – sobrado de 1933 que mantém suas características	2010 – 2017
222	Espaço Elevador	Casa de Espetáculos	2010 – 2017
288	Opala Bar	Bar	2010 – 2017
555	Mano 13 Pizzaria	Alimentação	2010 – 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Ao analisar a Tabela 19 observa-se um pequeno movimento na abertura de novas empresas e, as que abriram, foram todas voltadas para o ramo de alimentação. No total da década 2001-2010 foram abertos 25 novos empreendimentos, dos quais cinco ocorreram no ano de 2006 e outros cinco em 2010.

O número 76 da rua Treze de Maio permaneceu fechado por 26 anos. Porém, em 2006, naquele endereço ocorreu uma mudança na razão social e inaugurou-se o Bar Oba-Oba cujas características de decoração, cardápio foram mantidos.

Na Treze de Maio, 972, foi instalada, em 2007, ‘O Ludus’, a primeira luderia do Brasil que” conta com um acervo de mais de 300 jogos de tabuleiro. O local, ainda, é um bar e café com um diversificado cardápio, com cervejas nacionais e importadas e várias opções de petiscos clássicos. Se o cliente deseja se aprofundar nos jogos, a casa vende alguns de seus sucessos e promove uma série de campeonatos entre os clientes”, pesquisa no site e confrontada *in loco* (LUDUS, 2016).

A Livraria Suburbano Convicto representa o movimento voluntário da periferia em direção ao centro. O escritor Alexandre Buzo transferiu sua livraria do Itaim Paulista, para o Bixiga, mais exatamente, à rua Treze de Maio, nº 70, bairro central, mas que segundo Buzo, mantém um ar de periferia. “É especializada em literatura marginal, produzida por escritores da periferia que em suas obras, por um lado, denunciavam a violência policial, a influência do tráfico de drogas, a falta de perspectivas dos jovens, assim, como valorizavam os estios de vida mais solidários

e suas particularidade no modo de falar, de vestir-se e produzir arte” (HIJIKI; SILVA, 2014).

O Restaurante Shiraga, funcionando desde 2001, na rua Treze de Maio, 1836, apresenta um “cardápio variado de comida japonesa e tem sido bastante aceito no bairro, pela novidade, pois se encontra um núcleo italiano, o que mostra a diversidade das atividades terciárias na rua Treze de Maio, que vai incorporando e se adaptando às transformações das atividades terciárias ali instaladas. Neste caso específico – a Hoss Construtora e o Restaurante Shiraga são parceiros de longa data, mantendo inclusive, um cardápio especial para a construtora”.

O Shiraga está em funcionamento, há 16 anos, considerado um tempo de vida útil normal para uma empresa do segmento de alimentação no Brasil. Pesquisa no site e confrontada *in loco* (SHIRAGA, 2016).

Tabela 20 – Atividades terciárias na rua Treze de Maio – 2011/2017

LOGRADOURO – Rua Treze de Maio - Bixiga	NOME FANTASIA	TIPO DE ATIVIDADE	PERÍODO (abertura e fechamento)
105	SCBRC – Automação do Brasil	Loja de materiais para automação industrial	2014 – 2017
363	Casa Cultural Dinamite	Associação Cultural	2014 – 2017
360	Fogazza da Mama	Restaurante	2015 – 2017
265	Esquina do Bixiga – Bar & Lanches	Restaurante	2017
352	Willian Santana de Almeida	Loja de calçados	2017
647	Restaurante Jamile	Restaurante	2017

Fonte: Autora (2017)

A análise das atividades terciárias na rua Treze de Maio no período de 2011 a 2017, confirma mais uma vez a tendência da rua para as atividades voltadas para alimentação.

As considerações acerca desta segunda parte do estudo de caso da rua Treze de Maio, no período de 1940 a 2017 serão apresentadas a seguir, Tabela 21. Constatou-se uma diversidade significativa de atividades terciárias na Treze de Maio, assim como um destaque para os imóveis onde estão instalados secretarias, ministérios dos governos municipal, estadual e federal, conforme ilustra a Tabela 21.

Tabela 21 – Atividades terciárias da rua Treze de Maio, no período de 1940 a 2017

TIPO	NEGÓCIOS/ATIVIDADES	Nº DE REGISTROS
Comércio de Alimentos	Açougue	3
	Mini/mercado (secos & molhados)	2
	Quitanda / Depósito de Frutas	2
SUBTOTAL		6
Serviços de Alimentação	Bares	11
	Cafeterias	8
	Lanchonetes e trailers	5
	Padaria	3
	Restaurantes	18
	Rotisserie	1
SUBTOTAL		46
Comércio Diversificado	Armarinho	1
	Artes	1
	Banca de Revistas	2
	Eletrônicos e automação industrial	2
	Farmácia	1
	Importadora	1
	Livrarias & Papelaria	5
	Loja de artigos infantis	2
	Loja de Calçados	1
	Lotérica	1
	Produtos importados (perfumes, incensos, roupas) – produtos antigos	2
	Telefones celulares	1
SUBTOTAL		20

Continua (...)

Continuação (...)

Tabela 21 – Atividades terciárias da rua Treze de Maio, no período de 1940 a 2017

TIPO	NEGÓCIOS/ATIVIDADES	Nº DE REGISTROS
Fábricas	Fábrica e comércio de móveis	2
	Fábricas de cosméticos e perfumes	1
SUBTOTAL		3
Serviços Pessoais	Alfaiataria	1
	Sapataria	2
SUBTOTAL		3
Serviços Diversificados	Beleza & Estética	5
	Casas de shows	3
	Construção civil	2
	Corretagem – Imobiliária	2
	Distribuição de combustível e serviços	2
	Educação	3
	Estacionamento	5
	Gráficas	2
	Hospedagem	3
	Instituições financeiras	4
	Lazer e cultura	6
	Locais de oração	3
	Molduras	1
	Museu	2
	Oficina Mecânica	1
	ONG	2
	Prestação de serviços (municipal, estadual e federal)	9
	Saúde (Hospitais – clínicas)	2
SUBTOTAL		55
TOTAL		134

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert e Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Gráfico 11 – Atividades terciárias – rua Treze de Maio

Fonte: Elaborado a partir de: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Almanaque Laemmert; Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Ao analisar os dados da Tabela 12 – atividades produtivas da rua Treze de Maio, no período de 1940 a 2017, representadas no Gráfico 11 observa-se que as atividades relacionadas à tipologia comércio de alimentos (açougues, quitandas, depósito de frutas, minimercados) estão representadas em seis pontos comerciais, supre, praticamente todas as necessidades dos moradores da rua, do bairro.

Quando a análise considerou os serviços de alimentação, cujo levantamento *in loco* encontrou 46 estabelecimentos, entre: cafeterias, lanchonetes, trailers, padarias, restaurantes, bares e rotisseries, nota-se que as mudanças ocorridas no comportamento do brasileiro e do paulistano é recente, pois, ocorreu a partir de 1900.

O aparecimento dos restaurantes no Brasil veio com o fenômeno da urbanização, quando se tornou impossível alimentar-se ao longo do dia em casa. Alguns fatores como as longas jornadas de trabalho, as distâncias cada vez maiores entre o local de trabalho e a residência, assim como o intenso tráfego das cidades exigem que a alimentação seja feita fora do ambiente familiar (MELO, 2017).

Outras transformações sociais como a introdução do conceito de “rapidez”, aliada a um intenso apelo publicitário que encantou famílias inteiras a fazerem sua refeição ali, a título de passeio ou lazer (CARNEIRO, 2003). A segunda Guerra Mundial contribuiu também na promoção de mudanças e no uso de novos tipos de alimentos, relacionados com a dieta dos soldados, por exemplo, a Coca-Cola.

A inserção da mulher no mercado de trabalho levou as indústrias alimentícias e gastronômicas a desenvolver alimentos pré-fabricados para dar suporte à realidade que se impunha à mulher, porque elas não dispunham de tempo para cozinhar (MOREIRA, 2006).

Quanto ao comércio diversificado continua a ser uma prática para suprir todas as necessidades dos moradores do bairro e adjacências, a diversidade dos negócios foi seguida pela inserção da especialização em atividades como: livrarias, papelarias, comércio de jornais e revistas, editores de músicas.

A categoria na qual se inclui os serviços pessoais e diversificados encontrou 58 instalações comerciais. Serviços de beleza e estética, importação e exportação, estacionamentos, alfaiataria, sapataria, gráficas. Estão instalados na rua Treze de Maio variados órgãos de prestação de serviços aos cidadãos. No quesito lazer e cultura existem nove casas de shows, teatros entre outras atividades. Destacam-se também, as instituições financeiras ali instaladas, talvez, pela proximidade com a avenida Paulista. A presença de profissionais liberais, entre eles: engenheiros, farmacêuticos comprova que o bairro do Bixiga continuou como um espaço que abrigava variadas camadas sociais.

As atividades terciárias presentes na rua Treze de Maio em 2017 são apresentadas na Figura 25 o mapeamento.

Figura 25 Mapa da rua Treze de Maio em 2017

Fonte: Elaborado a partir de: Ferramenta *Google Maps* – confrontada pela visita *in loco*

Algumas considerações são apresentadas a título de conclusão: destaca-se o caráter gastronômico da rua Treze de Maio desde o seu surgimento, em 1916, até os dias atuais. Neste contexto, a cultura e a história foram os agentes atuantes e transformadores na construção do cenário espacial das atividades terciárias na rua Treze de Maio. Destaca-se, também, que este caráter gastronômico levou ao desenvolvimento de outras atividades de lazer e recreação. O comportamento festivo que exala naquela rua é o resultado das relações entre negros e italianos, desde a fundação do Bairro do Bixiga.

Um fato que denota a presença marcante dos italianos nesta região é a atividade de padaria – normalmente desempenhada pelos portugueses – neste período estudado em outros bairros da cidade de São Paulo, mas, que no Bixiga e, na Treze Maio só existem padarias de origem italiana, que acabaram por transformar o espaço existente em cantinas e restaurantes.

Saber corresponder aos ritmos urbanos nem sempre é fácil, especialmente se há pretensão de seguir uma tradição na cozinha, por exemplo, mantendo as receitas trazidas pelas mammas, ainda que para muitos essa decisão seja o primeiro passo para o fim. Nasce uma nova perspectiva para a cozinha italiana de cantina fazendo uso da noção de patrimônio, um conceito que foi recentemente apropriado para pensar a contribuição dada pelas manifestações ditas subjetivas e, sobretudo do reconhecimento da cozinha como um aspecto importante na dinâmica cultural.

Outro destaque é atividade terciária de açougue que esteve presente desde o surgimento e, estruturação da própria rua e, hoje se transformarão em distribuidores de carnes e frios para toda a cidade e região paulista.

As atividades voltadas para o lazer, desde o surgimento da rua, seguiram sua trajetória, transformando-se, inovando-se e adaptando-se às novas demandas da sociedade.

No que concerne às propriedades, no período de 1940 a 2017, não se pode afirmar que o fato dele ser “dono” do imóvel físico fez com que o mesmo permanecesse, pois, 19,40% (26) eram proprietários. Trata-se de uma característica comportamental do italiano, transformar o imóvel em renda, no ato de morar, locar ou explorar.

Outro fator da cultura italiana que influenciou no Bairro do Bixiga e, na própria Treze de Maio foi a religiosidade. Por exemplo, desde o início do Século XX com a inauguração da Paróquia da Achiropita, o caráter social, voluntário e acolhedor da mistura de povos transforma a rua num importante espaço de convivência e transformação social, por meio das festas religiosas, das atividades filantrópicas e festivas, representada pela Escola de Samba Vai-Vai.

A pesquisadora constatou que a proximidade da rua Treze de Maio com a avenida Paulista a transformou em um suporte no que tange aos estacionamentos, copiadoras, gráficas, restaurantes para os executivos e a própria fomentação exercida pelo Shopping Pátio Paulista.

Desta forma é possível entender a transversalidade espacial que a rua Treze de Maio exerce sobre o bairro da Bela Vista (Bixiga) e no seu entorno imediato. As atividades terciárias desempenharam e desempenham um papel transformador do espaço de convivência e evolução econômica já constatada no decorrer desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição na física e demais campos da ciência do termo resiliência mostra-se oportuno na identificação dos processos urbanos no que tange a transformação e regeneração dos espaços da cidade.

Nesta direção o percurso transcorrido na busca das respostas propostas na problemática desta tese: Como o varejo se mantém ou não e qual é o elemento motor dentro destes processos de transformação urbana?

Pode ser respondida por meio da metodologia de pesquisa aplicada ao cenário espacial na busca dos estabelecimentos comerciais na sua origem e evolução cronológica. Assim como, da análise das transformações histórico-sociais contando a história do lugar.

A outra pergunta ser respondida foi: Como se dá a relação com o consumo e o consumidor nos processos de resiliência urbana comercial?

A resposta para esta problemática, no que se refere à relação com o consumo está intrinsecamente relacionada à realidade da sociedade em determinado momento, nessa direção a resiliência econômica e as políticas públicas influem na condução do processo de resiliência urbana comercial.

O objetivo geral da tese foi identificar as atividades de comércio e serviços varejistas que após sofrerem ações de diversas naturezas se mantêm em funcionamento transformando-se ou resistindo. Com relação às atividades comerciais e de serviços são as seguintes:

1. Alimentação e toda a cadeia de serviços desta categoria;
2. Atividades de serviços como hotéis e hospedarias,
3. Atividades de varejo de roupas e utensílios antigos – brechós e os antiquários.

Para atingir o objetivo geral foram propostos dois objetivos específicos:

O primeiro foi entender a existência da capacidade das atividades de comércio e serviços e sua contribuição para a manutenção e vitalidade de áreas urbanas fornecendo subsídios de políticas públicas.

A identificação e a caracterização das atividades de comércio e serviços e, ainda, a análise de suas influências contribui para a manutenção e a vitalidade das áreas urbanas. O reconhecimento das atividades como elementos imprescindíveis

dentro da cadeia política somente será possível por meio deste retrato. A partir deste momento com a identificação e a catalogação destes movimentos pode-se entender e criar ambientes mais resilientes. A descoberta da cultura/ formas de atuação e a pesquisa com seus próprios usuários pode fornecer informações importantes para a criação de novos negócios e novas formas de atuação dentro daquele espaço.

Alguns fatores fazem com que elas resistam, entre eles: uma cadeia organizada de clientes, a importância histórica do espaço e, principalmente, o entendimento por parte dos empreendedores de que os clientes mudam. Em alguns momentos preferem pão simples, depois misturado com linguiça, depois pizza, ambientes criados e modificados para uma nova tendência de lazer como a tipologia de bebidas. A vantagem competitiva será maior para as atividades comerciais que responderem, de forma mais rápida e eficaz, às mudanças de necessidades e demanda dos consumidores, criando uma alternativa inovadora para se anteciparem a elas, em outras palavras, a vitalidade de uma atividade comercial está na sua capacidade de se adaptar e responder à mudança das circunstâncias.

As atividades mais resilientes são as que melhor entendem os processos de mudança e têm a interação com seus usuários; clientes entendendo suas demandas e satisfazendo-as. É imprescindível que se entenda que o processo de resiliência não repousa no segmento em que está inserido, mas sobre a fonte da qual emana – o talento criativo do empreendedor. Atitudes, costumes, ações e regras mínimas compartilhadas pelos indivíduos de uma comunidade como a do Bixiga, possibilitam a convivência e geram sentimentos de pertencimento, entendido como o trunfo fomentado por ações inovadoras e lúdicas. Cuidar do micro, a rua Treze de Maio e o Bixiga, e sentir-se como parte do macro que é a cidade de São Paulo.

Retomando a hipótese proposta no início desta tese qual seja, as atividades de comércio e serviços, na sua relação com a cidade, nutrem-se de estratégias próprias e apropriam-se de oportunidades que as capacitam para enfrentar, resistindo e ou transformando-se, as ações que interferem no seu funcionamento e desempenho, com reflexo sobre a dinâmica urbana.

Pode-se afirmar que essa hipótese é verdadeira porque a cadeia varejista nutre-se, sim, de estratégias próprias, se reinventado a cada dia, como é o caso da característica gastronômica e de prestação de serviços diversificados existentes na rua Treze de Maio.

As mudanças no sistema viário, as crises econômicas, as guerras mundiais e as requalificações espaciais interferiram no funcionamento e na dinâmica das relações comerciais entre fregueses/clientes, setor público e os comerciantes, o que gera o processo de resiliência urbana comercial.

Ao finalizar esta tese o conceito de resiliência urbana comercial, que se propõe é: “a capacidade que os sistemas de varejo dispõem na direção de interpretar e evoluir/reagir aos diversos acontecimentos da cidade contemporânea, transformando-se e adquirindo subsídios equilibrados para o desenvolvimento urbano regional”.

O que se pode concluir sobre comércio, consumo e resiliência urbana é que esta é intrínseca a uma profunda mudança. Os sistemas comerciais nas cidades têm sofrido nas últimas décadas transformações no que tange à forma de atuação e organização espacial. Sendo o comércio um elemento imprescindível à vida urbana, a sua vitalidade e vulnerabilidade refletem-se, diretamente, na sustentabilidade urbana. As políticas públicas e o planejamento urbano podem contribuir para fortalecer a resiliência das atividades terciárias e participar no desenvolvimento sustentável das cidades.

Nesta direção este trabalho pode contribuir para um início da discussão da resiliência urbana comercial, no sentido de fomento de políticas públicas na realidade das cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVIM, A.A.T.B. et al. Desafios das políticas urbanas no Brasil: a importancia dos instrumentos de avaliação e controle social. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. 2007, 24 p.

ALVIM, Z. **Brava Gente!** Os italianos em São Paulo. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARQUIVO MUNICIPAL WASHINGTON LUÍS. **Guia do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís**, São Paulo: DPH, 2007.

ARQUIVO NACIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Guia de Mapas**, São Paulo. 2001.

ASHTON, W. S. The structure, function and evolution of a regional industrial ecosystem, **Journal of Industrial Ecology** 13(2): 228-246, 2009.

BALTAZAR, A.P. Sobre a resiliência dos sistemas urbanos: devem ser resilientes e são eles realmente sistemas? In: VIRUS. n. 3. Trad. Trad. BIAGGIONI, B.; D'ANDRÉA, A. São Carlos: Nomads.usp, 2010. Disponível em <http://nomads.usp.br/virus/virus03/invited/layout.php?item=1&lang=pt>. Acesso em 15/07/2016.

BALLARD-ROSA, G. **What is a City?** Rethinking the Urban After Hurricane Katrina. University of Georgia Press, Athens, 2010.

BARATA SALGUEIRO, T. Novos produtos imobiliários e reestruturação urbana. **Finisterra Revista Portuguesa de Geografia**, XXIX, n. 57: 79-101. **Revista de Geografia**, 29, n. 2:53-57, 1995.

BARBOSA, G. S. **Resiliência e a lógica dos estilos comportamentais**. Site Administradores.com, 2010c. Disponível em: acesso em: 10 de setembro de 2013. 150

_____. **Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série: Validação e aplicação do “Questionário do índice de resiliência: adultos Reivich - Shatté / Barbosa”**. São Paulo: (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica – São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: acesso em: 16 de fevereiro de 2012.

_____. **Resiliência?** O que é isso. Desdobramentos no conceito. Site Administradores.com, 2010a. Disponível em: acesso em: 24 de junho de 2013.

_____. **Roteiro dos índices de resiliência:** um exemplo de análise comentada do Quest_resiliência. São Paulo: Sobrare, 2010b. Disponível em: acesso em: 01 de maio de 2011.

BARLACH, L. **Terapia comunitária passo a passo.** Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

_____. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2005. Disponível em: Acesso em: 12 set. 2013.

BAUDRILLARD, J. **Pour une critique de l'économie politique du signe.** Paris: Gallimard, 1972.

BELO, V.L. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade:** dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: FELCH-USP, 2008.

BORGES, R. **Axé Madona e Achiropita.** São Paulo: Pulsar, 2001.

BUENO, B.P.S. **São Paulo:** um novo olhar sobre a história: a evolução do comércio de varejo e as transformações da vida urbana. São Paulo: Via das Artes, 2012, 144 p.

BUENO, B.S. **Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica.** São Paulo (1908-1950), São Paulo: FAUSP, 2008.

BUENO, F. de A.V. A cidade de São Paulo – recordações evocadas de memória. In: MOURA, C.E.M. (Org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX:** memórias, depoimentos, evocações. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 149-170.

BURAYIDI, M. A. **Resilient Downtowns.** New York. NY, 2013.

BUSCHBACHER, Robert. **A Teoria da resiliência e os sistemas socioecológicos:** como se preparar para um futuro imprevisível. Artigo apresentado na conferência Resiliência 2014, Montpellier, na França. Disponível em: <<http://www.resilience2014.org/aims-and-vision>>. **IPEA** – Boletim regional, urbano e ambiental, n. 9, Jan-Jun. 2014, p. 12-24.

CACHINHO, H. **Comércio, consumo & resiliência urbana.** [Slides] 34, São Paulo: FAU/USP, 2016.

_____. Consumactor: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna. **Finisterra**, Volume XLI, nº 81, pp 53-54. 2006.

_____. Consumerscapes and the resilience assessment of urban retail systems, **Cities**, XXX, 2012.

_____. Mercados: extinção ou revitalização? **Diário de Notícias**, 22/04/2010. Disponível em http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id+1553322. Acesso em 11/07/2016.

_____. O comércio a retalho na cidade de Lisboa. Reestruturação econômica e dinâmicas territoriais. **Fenisterra**, Revista Portuguesa de Geografia, Lisboa, 1994, v.29, n.57, p.119-144.

_____. Urban retail dynamics: from shopping spaces to consumer places. In: SALGUEIRO, T.B.; CACHINHO, H. **Retail planning for the resiliente city**. Consumption and urban regeneration. Lisboa: CEG/IGOT, 2011, p. 147-168.

CAMPOS FILHO, C.M. **Reinvente seu bairro**: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo: 34, 2003.

CARLOS, A.F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. Geografias das metrópoles: uma introdução. In: **Geografias das metrópoles** [S.l: s.n.], 2006.

CARLOS, A.F.A; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (Org.). A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, H. **Comida e sociedade**. Uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

CASTRO, M.S. de. **Bexiga, um bairro afro-italiano**: comunicação, cultura e construção de identidade étnica. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: ECA/USP, 2006.

_____. **Bexiga**: um bairro afro-italiano. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

CIRRINCIONE, A. **Brás, Bexiga, Bela Vista e Barra Funda**: um estudo antropológico. São Paulo: (FLCH) – USP 2010.

COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA USP. **A casa de Dona Iaiá**, São Paulo: Edusp/ Imprensa /Oficial, 2001.

CORRÊA, R.L. Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões. **Textos LAGET** – Série pesquisa e ensino. Rio de Janeiro, n. 2, p. 23-33, 2000.

CORRÊA, R.L. Interações espaciais. In: CASTRO, I.E. de; GOMES, P.. da Costa; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, 367 p., p. 279-318.

CUMMING, G. **Spatial Resilience in Social-ecological Systems**. Dordrecht: Springer, 2011.

CHELLERI, L. From The Resilient City to Urban Resilience. A review essay on understanding and integrating the resilience perspective for urban systems. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, 2012, 58, 287-306.

DABSON, B.; HEFLIN, C.M.; MILLER, K.K. Regional Resilience: Research and Policy Brief., RUPRI Rural Futures Lab Research and Policy Brief, University of Missouri, 2012, p. 39.

DÉCIMA URBANA. **Lançamento do Imposto da Décima Urbana – 1809, São Paulo**. Lata C09877.

DECRETO PRINETTI-1902.

DOMINGUES, P. **Uma história contada ou não**. São Paulo: SENAC, 2004.

ERNSTSON, H. et al. Urban transitions: on urban resilience and human-dominated ecosystems, **Ambio** 39(8): 531-545, 2010.

FELDMAN, S. A configuração espacial da metrópole. In: CAMPOS, C.M.; GAMA, L.H.; SACCHETTA, W. (orgs.) **São Paulo, metrópole em trânsito**: percursos urbanos e culturais. São Paulo: SENAC, 2004 p. 124-137.

FENSTER, Saul. **Advanced Strenght and Applied Elasticity**. Caderno do Instituto de Elasticidade de Nova Jersey (EUA), 2006.

FERREIRA JÚNIOR, S.P. **Festas “italianas” em São Paulo e a Proteção do Patrimônio Imaterial**: a identidade de grupo no contexto da diversidade. São Paulo: PUC-SP, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1999.

FERREIRA, L.S.A. **A rua “renovada”**. Transformações urbanas, habitação e cotidiano na rua Paim (SP). São Paulo: USP/FAU, 2016.

FLANDRIN, J.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREHSE, F. **Ô da Rua!**: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

FRÚGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GASNIER, A.; GUILLEMOT, L. Crisis and resilience of traditional city centres in France. In: SALGUEIRO, T.B.; CACHINHO, H. (Orgs). **Retail planning for the resilient city: consumption and urban regeneration**. Lisboa: CEG, 2011, 332 p., p. 63-79.

GAYTON, W. F. Children With Cystic Fibrosis: I. Psychological Test Findings Of Patients, Siblings, And Parents. **Pediatrics**, v. 59, n. 6, 1977.

GONÇALVES, C.J. de A. **Resiliência, sustentabilidade e qualidade de vida em sistemas urbanos**: efeitos da crise (pós-2008) em Portugal e no sistema urbano do oeste. [Doutoramento em Geografia]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014.

GONÇALVES, C.T. **Intervenções contemporâneas no Bixiga**: fissuras urbanas e insurgências. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP. São Paulo: USP/FAU, 2016.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: Novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRÜNSPUN, H. **Anatomia de um bairro**: o Bexiga. São Paulo: Cultura, 1979.

GUIMARÃES, Pedro; MATOS, Filipe; SALGUEIRO, Teresa-Barata. Os comerciantes como actores da resiliência das áreas comerciais. In: SALGUEIRO, Teresa Barata; CACHINHO, Herculano. (Orgs). **Retail planning for the resilient city: consumption and urban regeneration**. Lisboa: CEG, 2011, 332 p., p.105-124.

GUNDERSON, L. H.; HOLLING, C. S. (Eds.). **Panarchy**: understanding transformations in human and natural systems. Washington, D.C., USA: Island Press, pp. 63-102. 2002.

HAHN, T.; KOLK, A.; WINN, M. A New Future for Business? Rethinking Management Theory and Business Strategy, **Business & Society** 49(3): 385-401, 2010.

HAM, S.M.; PIESCHO, M. Desenvolvimento sustentável para as megacidades do futuro: infraestruturas verdes em Casablanca, Marrocos. p. 41-6. In: **Urban Agriculture: Building resilient cities**. no. 22 – Julho de 2009.

HAMEL, G.; VALIKANGAS, L. The quest for resilience. **Harvard Business Review**, 2003, n. 81, p. 52-63.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maris Stela Gonçalves. 17.ed. São Paulo: LOYOLA. maio de 2008.

HIKIJ, R.S.G.; SILVA, A.O. (orgs.). **Bixiga em artes e ofícios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: CPC/USP, 2014.

HOLLING, C.S. **Resilience and stability of ecological systems**: Annual Review of Ecology and Systematics Vol. 4: 1-23. Abril 1973.

HOLLING, C.S. Understanding the Complexity of Economic, Ecological, and Social Systems. **Ecosystems**, 2001. 4(5), p. 390-405.

HUBBARD, R.; PAQUET, G. Innovation and productivity policies as inquiring systems, **Optimum** online 41(4): 1-4. 2011.

IDRUS, S. et al. Spatial Urban Metabolism for Livable City. **Sustainable Infrastructure Conference**, Auckland NZ, 1-11, December 2008, p. 9-12.

INDICADOR CATALOGADO DE TELEFONES. **Profissionais, comerciais e industriais**. São Paulo: NOVALISTA, Julho de 1955.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. Estatística do povoamento. Imigração por nacionalidade (1884-1933). Rio de Janeiro, 2000. p. 226.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. Estatística do povoamento. Imigração por nacionalidade (1945-1959). Rio de Janeiro, 2000. p. 226.

ITALIANOS. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: http://saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_italianos. Acesso em 12/12/2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 510 p.

JORNAL. **A Província de São Paulo**. 10/05/1878, p. 2. Arquivo do Estado,

LAMBIN, E. Conditions for sustainability of human – environment systems: information and capacity. **Environmental Change**. Abril.2005, 15:177-180.

LANNA, A. L. D. O Bexiga e os italianos em São Paulo. 1890/1920. In: **Os estrangeiros e a construção da cidade**. Alameda. São Paulo, 2011.

LEBEL, L., et al. Governance and the capacity to manage resilience in regional social-ecological systems. **Ecology and Society**. 2006, 11(1):19. [online]URL: <http://www.ecologyandsociety.org/vol11/iss1/art19>. Acesso em 12/09/2016.

LEE, S. L. Government Policies Towards the Small Retailers: The Case of Singapore. Apresentado na **6th International Conference In Recents Advances In Retailing And Services Science**. Porto Rico: EIRASS. 1999.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Trad. Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **The production of space**. London: Blackwell, 1991.

LIMA FILHO, A. de O. **Distribuição espacial do comercio varejista da Grande São Paulo**. São Paulo: USP, 1975.

LIMA, A.C.C.; SIMÕES, R.; MONTE-MÓR, R.L.M. Espaço, cidades e escalas territoriais: novas implicações de desenvolvimento regional. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 1(50), p. 223-242, abr. 2014.

LUCENA, C. **Bairro do Bixiga: a sobrevivência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LUCENA, C.T. de. **Bixiga Amore Mio**, São Paulo: Parnatz, 1981.

MARCELINO, M.M. **Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: FELCH-USP, 2007.

MARQUES, G. **A Dinâmica dos nomes das Ruas e Tradições de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: Editora da Secretaria de Educação, 1966.

MARTIN, R. Regional Economic Resilience. Hysteresis and Recessionary Shocks. **Journal of Economic Geography**, 2011, p. 17-20.

MARTINS, L. **Aforresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**. Dissertação de (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade do Piauí 2013.

MARTINS, T.P.S. **Mudanças familiares e rede social dos cônjuges de militares em missão: um estudo exploratório**. [Mestrado]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

MARZOLA, N. **Bela Vista: história dos bairros de São Paulo**. São Paulo: PMSP/Secretaria de Cultura, 1985.

_____. **História dos Bairros de São Paulo**, volume 15 - Prefeitura de São Paulo – Secretaria de Cultura – Dezembro de 1.979, p. 15.

MATSUY, K.S.; OLIVEIRA, F.L. de. **Painel de azulejos do largo da memória**. São Paulo: USP/FAU, 2012.

MATTHEWS, R.; SELMAN, P. Landscape as a Focus for Integrating Human and Environmental Processes, **Journal of Agricultural Economics** 57(2): 199-212, 2006.

MELO, J. **Noites na taberna**. Restaurantes surgem para matar fome de convívio. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2001201120.htm>. Crítico de Arte, Acesso em: 15/02/2017.

MEMÓRIA URBANA. **A grande São Paulo até 1940**. São Paulo: Arquivo do Estado/Emplasa/Imprensa Oficial, 2001.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Strategy Safari**: Your complete guide through the wilds of strategic management. London: Prentice Hall, 2009.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de Estratégia**: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre. Bookman. 2004.

MOREIRA, S.A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Alimento/Artigos**, 2006, p. 23-26.

MORENO, J. **Memórias de Armandinho do Bexiga**, São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 1996.

MORITZ, M. A.; HESSBURG, P. F.; POVAK, N. A. Native Fire Regimes and Landscape Resilience, in: McKenzie D., Miller C., Falk D. A. (Editors), **The Landscape Ecology of Fire**, Springer, Amsterdam, The Netherlands, pp. 51-86, 2011.

MOTTER, C.; ALVES, L.A. Resiliência urbana: considerações acerca da área central de Chapecó-SC. **V Colóquio Internacional sobre o Comércio e Cidade**: uma relação de origem. São Paulo: 21 a 24 de março de 2016, 21 p.

NEWTON, P. W. Infrastructure innovation, green economy and the eco-city. In: PEARSON, L.J.; NEWTON, P.W.; ROBERTS, P. **Resilient Sustainable Cities**. A future. New York: Routledge, 2014, p. 91-104.

NOVAIS, F.A.; SEVCENKO, N. (orgs.). **História da vida privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, F.A.N. Padrões alimentares em mudança: a cozinha italiana no interior paulista. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 26, n. 51, pp. 47-62, 2006.

OLIVEIRA, L.H.A. de; LANNA, A.L.D. São Paulo, os estrangeiros e a cidade. A construção de territórios e lugares: comprar, vender, comer (1870-1950). **Relatório Final CNPq**, Julho de 2014.

OLIVEIRA, P.C. de. Secos e molhados. Disponível em: <http://www.tfp.org.br/dr-plinio/cultura-e-civilizacao-cristas/secos-e-molhados>. Acesso em 29/11/2016, 4 p.

PACHECO, S.M.M. Comércio de rua e shopping center no bairro do Leblon: um contraponto a favor da resiliência e da sustentabilidade. In: SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H. (Orgs). **Retail planning for the resilient city**: consumption and urban regeneration. Lisboa: CEG, 2011, 332 p., p.125-139.

_____. Resiliência urbana e comercial em áreas centrais. **Geo UERJ**, ano 14, n. 23, v. 2, 2º semestre de 2012, p. 459-478.

PETRISOR, A-I.; META, V.; PETRE, R. Resilience: ecological and social-spatial models evolve while understanding the equilibrium. **Urbanism**. vol.7, n. 4, p. 341-348, 2016.

PETRONE, M.T. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PIRES, W. **Arquivo Aguirra**. Fonte documental sobre a formação territorial de São Paulo. p. 63-78, 2003.

Praça Dom Orione. Fonte: Agência Jobstorm (26/10/2016). Disponível em: <https://pracadomorione.atavist.com/>. Acesso em 10/01/2017.

REIS, N.G. **1931 - Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo**: grandes obras e urbanização. São Paulo: Editora da USP: Imprensa Oficial, 2010, v. 1,2 e 3, 176 p.

RESILIENCE ALLIANCE. Assessing Resilience in Social-ecological Systems – a Workbook for Scientists, Version 1.1. Draft for Testing and Evaluation. **Resilience Alliance**, 2007.

RIPOL, Javier Casares. **El comercio en la literature**: vender y escribir. Disponível em http://www.mercasa.es/publicacion/distribucion_y_consumo_-_n_50. Acesso em 11/07/2016.

ROCHA, F. Sistemas Complexos, Modelação e Geosimulação da Evolução de Padrões de Uso e Ocupação do Solo. [Doutorado em Geografia e Ordenamento do Território]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na Cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/STUDIO NOBEL, 1997.

ROUSSEAU, J. **Manual de distribuição**. Lisboa: Principia, 2008.

ROUSSEAU, J.A. **Resiliência do retalho independente centenário de Lisboa**. [Mestrado]. Lisboa: IPAM, 2014.

SACCHETO, João. **Bixiga**: pingos nos Is. São Paulo: SODEPRO. (sdp).

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem à Província de São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

SALAT, S.; BOURDIC, L. Systemic resilience of complex urban systems. **TeMA Journal of Land Use Mobility and Environment**, 2012. 2, p. 55–68.

SALGUEIRO, T. B. **Do comércio à distribuição**: roteiro de uma mudança. Oeiras: Celta Editora, 1996.

SALGUEIRO, T.B.; CACHINHO, H. **Retail planning for the resiliente city**. Consumption and urban regeneration. Lisboa: CEG/IGOT, 2011, p. 141.

SALVIA, R.; QUARANTA G. x Adaptive Cycle as a Tool to Select Resilient Patterns of Rural Development, **Sustainability** 7: 11114-11138, 2015.

SANT'ANNA, N. **São Paulo Histórico** (Aspectos, lendas e Costumes), v1. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

SANTOS, C.F. dos. **Nem tudo era Italiano**: São Paulo e a pobreza. 1890-1915, São Paulo: ANNABLUME, 1998.

SANTOS, E.L. et al. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **DRd - Desenvolvimento Regional em Debate**. Ano 2, n. 1, 2012, p. 44-61.

SANTOS, F.T. dos. Resiliência estratégica para um desenvolvimento regional sustentável. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, n. 20, 1º quadrimestre de 2009, p. 29-40.

SANTOS, M. F. R. F. Sistemas de indicadores de desenvolvimento sustentável: um estudo do modelo suíço. **GEPROS**. Gestão da Produção, Operações e Sistemas, Ano 4, n. 3, p. 11-23, Jul-Set/2009.

SCHLAPPA, H.; NEILL, W.J.V. From crisis to choice: re-imahining the future in shrinking cities. **Cities of Tomorrow-Action Today**. **URBACT II Capitalisation**, May 2013.

SCHNECK, S. **A formação do bairro do Bexiga loteadores, proprietários, construtores e tipologias edílicas e usuários 1881 a 1913**. São Paulo: FAUSP, 2010.

_____. **Bexiga**: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906-1931). Tese Doutorado. São Paulo: FAU, 2016, vol. 1.

_____. Cotidiano e trabalho no bairro do Bexiga: uma hipótese a ser pensada (1906-1931). **Estudos Brasileiros**, n. 65, dez. 2016, p. 72-95.

SCHWARTZMAN, S. **Fora de foco**: diversidade e identidades étnicas no Brasil. 1999. Disponível em: http://www.br/monografias.com/trabalhos/fora-diversidade-identidades/fora-diversidade-identidade2.shtm1#_Toc143094349. Consultado em 07/01/2017.

SECKLER, J. **Almanach administrativo, commercial e industrial da Província de São Paulo para o ano de 1888**. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler & Comp., 1888.

SEELIGER, L.; TUROK, I. Towards Sustainable Cities: Extending Resilience with Insights from Vulnerability and Transition Theory. **Sustainability**, 2013, 5(5), 2108–2128.

SHIMODA, L.Y.; MATTAR, L.L.; SANTOS, R.M. Bixiga em artes e ofícios: caminhos de um mapeamento. In HIKIJI, R.S.G.; SILVA, A.O. (orgs.). **Bixiga em artes e ofícios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: CPC/USP, 2014, p. 25-39.

SILVA, E. C. da. **História do bairro do Bixiga**. (2010) Disponível em <http://www.ajorb.com.br/hb-resumo.htm>. Acesso em 11/05/2016. 6 p.

SILVA, J.C. **Relatório final de iniciação científica**: ruas comerciais especializadas e a dinâmica da cidade de São Paulo. USP/FAU, 2013.

SILVA, J.L.M. da. **Alimentação de Rua na cidade de São Paulo (1828-1900)**, [Tese de Doutorado]. São Paulo: USP/FLCH, 2008.

SILVA, L.O. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada. In: CAMPOS, C.M.; GAMA, L.H.; SACCHETTA, W. (orgs.) **São Paulo, metrópole em trânsito**: percursos urbanos e culturais. São Paulo: SENAC, 2004, p. 100-121.

SILVA, M.V. da. “Lembrança eu tenho da saracura”: escavando histórias soterradas por uma avenida. In: HIKOJI, R.S.G.; SILVA, A. de O. (orgs.). **Bixiga em artes e ofícios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: CPC/USP, 2014. p. 281-300.

_____. **Debaixo do 'Pogréssio'**: urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969). Tese de doutorado. São Paulo: FAU-USP, 2011.

SIMSON, O.R. de M. von. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano, 1914-1988. Campinas, SP: Editora UNICAMP/EDUSP/Imprensa Oficial, 2007.

SOUZA, M.A. Produção e apropriação do espaço metropolitano: a avenida Paulista em São Paulo. In: SANTOS, M. et al. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986, p. 135-149.

STEVENS, J. **Urbanism and stages of insurgency**. São Paulo: Teatro Oficina, Bexiga. Bélgica: Leuven University, 2013.

TOBIN, G. Sustainability and community resilience: the holy grail of hazards planning? **Environmental Hazards**, (1999). 1(1), p.13-25.

TOURINHO, A. de O. Centro e centralidade: uma questão recente. In: CARLOS, A.F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. Geografias das metrópoles: uma introdução. **Geografias das metrópoles** [S.l: s.n.], 2006, p. 277-299.

TRENTO, A.. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. [S.l.]: Livraria Nobel, 1989.

VARGAS, H.C. Comércio e cidade: uma relação de origem. In: **Memórias do Comércio Paulista**: guia de acervo. São Paulo: SESC SP, 2012, 8 p.

VARGAS, H.C. **Espaço Terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

VARGAS, Heliana Comin. **Localização estratégica ou estratégia na localização**. São Paulo: FAU-USP, 1992.

WALKER, B. Resilience, Adaptability and Transformability in Social-Ecological Systems. **Ecology And Society**. v. 9, n. 2, p. 5, 2004.

YUNES, M.A.M. **A Questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação), Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ZMITROWICZ, W.; BORGHETTI, G. **Avenidas 1950-2000**: 50 anos de planejamento da cidade de São Paulo. São Paulo: edUSP, 2009.

WEBGRAFIA

BASSI, M. Histórico. Disponível em:

<http://www.templodacarne.com.br/marcosbassi/>. Acesso em 12/03/2016.

BELLA PRAÇA. Disponível em: <https://www.yelp.com.br/biz/bella-pra%C3%A7a-s%C3%A3o-paulo>, Acesso em: 02/02/2016.

CAFÉ PIUPIU. Disponível em: http://www.cafepiupiu.com.br/o_cafe_piu_piu.html, Acesso em: 12/02/2016.

CANTINA Roperto. História. Disponível em: <http://www.cantinaroperto.com.br/>. Acesso em 10/02/2016.

COMILÃO. Histórico. Disponível em: <https://www.zomato.com/pt/sao-paulo-sp/pizzaria-rohling-o-comil%C3%A3o-bela-vista-centro>, Disponível em: 16/02/2016.

HOTEL DOM ORIONE. Disponível em: <http://www.rumbo.com.br/hotel/brasil/sao-paulo/sao-paulo/hotel-praca-orione.html>. Acesso em 20/04/2016.

LAZZARELLA. História. Disponível em: <https://www.lazzarella.com.br/historia>). Acesso em 20/03/2016.

LIVRARIA SUBURBANO. Histórico. Disponível em: <http://www.livrariasuburbano.com.br/>. Acesso em: 20/01/2016.

LUDUS. Disponível em: www.ludusluderia.com.br/. Acesso em 15/03/2016.

MELO, J. Conchetas. Crítico de Arte. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2001201120.htm>. Acesso em 15/02/2016.

MISS TAYLOR. Histórico. Especializada em Moda Plus. Disponível em: <http://www.misstaylormodaplus.com.br/marca.html#02>, Acesso em 10/02/2016.

MUSEU DA CULINÁRIA. Disponível em: (<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,museu-expoe-memoria-e-sotaque-do-bexiga-em-sao-paulo,525967>). Acesso em 20/03/2016.

ROTISSERIE. Disponível em: <https://www.yelp.com.br/biz/roisserie-mamma-celestes%C3%A3o-paulo>, Acesso em: 02/02/2016.

SHIRAGA. Disponível em:

<http://publicacoes.findthecompany.com.br//146307361/Restaurante-Shiraga-Ltda-ME-em-Sao-Paulo-SP>. Acesso em: 20/02/2016.

SHOPPING. Histórico do Shopping Pátio Paulista. Disponível em:

(http://shoppingpatiopaulista.com.br/?page_id=6, Acesso em: 14/02/2016.

TEATRO VERTIGEM. Histórico. Disponível em:

<http://www.teatrodavertigem.com.br/sobre>, Acesso em: 10/02/2016.

ANEXO A

DÉCIMA URBANA

**Lançamento do Imposto da Décima Urbana – 1809,
São Paulo. Lata C09877**

Largo do Branga
 1º Inveniente de D^{na} Antônia Soares Calheiros
 que consta de lavoura, e de um arvoredo foi
 avaliada com os mil oitocentos e quarenta de
 que vem a ser trinta e quatro e cinco

Horse		Thorough	
1. Black Horse	1800	Black Horse	1800
2. White Horse	1800	White Horse	1800
3. Grey Horse	1800	Grey Horse	1800
4. Bay Horse	1800	Bay Horse	1800
5. Chestnut Horse	1800	Chestnut Horse	1800
6. Brown Horse	1800	Brown Horse	1800
7. Black Horse	1800	Black Horse	1800
8. White Horse	1800	White Horse	1800
9. Grey Horse	1800	Grey Horse	1800
10. Bay Horse	1800	Bay Horse	1800
11. Chestnut Horse	1800	Chestnut Horse	1800
12. Brown Horse	1800	Brown Horse	1800
13. Black Horse	1800	Black Horse	1800
14. White Horse	1800	White Horse	1800
15. Grey Horse	1800	Grey Horse	1800
16. Bay Horse	1800	Bay Horse	1800
17. Chestnut Horse	1800	Chestnut Horse	1800
18. Brown Horse	1800	Brown Horse	1800
19. Black Horse	1800	Black Horse	1800
20. White Horse	1800	White Horse	1800